

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Dina Alexandra de Jesus Aguiar

Lisboa, janeiro de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Caridade Graziu Costa

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) Diogo Alexandre de Jesus Aguiar

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) em Educação

.....
considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 25 de Janeiro de 2013

O(A) Orientador(a)



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Dina Alexandra de Jesus Aguiar

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Mariana Cortez.

Lisboa, janeiro de 2013

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradecer a todo o corpo docente da Escola Superior de Educação João de Deus por todos os conhecimentos que me transmitiram e pela contribuição para a minha vida futura, profissional e pessoal.

Agradeço a todas as educadoras e diretoras dos jardins-escola e às supervisoras da prática pedagógica por todas as sugestões, conselhos e ensinamentos que me concederam.

Agradeço também ao corpo não docente desta escola superior e dos jardins-escola onde estagiei pelo apoio e paciência demonstrados.

De forma muito especial e carinhosa agradeço a todas as crianças dos jardins-escola com quem tive o prazer de me cruzar e partilhar momentos de alegria, agradeço toda a disponibilidade e ternura com que sempre pude contar.

À minha orientadora, Professora Doutora Mariana Cortez, um obrigada muito especial, nunca esquecerei os seus abraços e a sua disponibilidade.

A todos aqueles que não acreditaram em mim, pela força que me deram para vos conseguir contrariar.

A todos os meus amigos e familiares pelas palavras amigas e pelo apoio. Rita “tia”, pela paciência, pelas palavras e conselhos de incentivo.

Em especial, expresso a minha gratidão à pessoa que maior exemplo de força me dá e a quem eu devo a minha existência. Obrigada, Mãe!

Aos meus irmãos, por serem meus. A ti, tia e madrinha, agradeço as inúmeras palavras e gestos de carinho.

Às minhas inesquecíveis colegas e amigas de bons e maus momentos, de sorrisos e choros, Carla, Mafalda, Nádía e Rosarinho espero que os nossos caminhos se continuem a cruzar.

E por último, porque serás sempre o primeiro, Frederico, obrigada por seres como és e por estares na minha vida.

Índice

Agradecimentos.....	vii
Índice de quadros.....	xi
Índice de Figuras.....	xii
Introdução.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	3
2. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional.....	4
3. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio Profissional.....	5
4. Identificação do Grupo de Estágio.....	5
5. Descrição da Metodologia Utilizada.....	6
6. Pertinência do Estágio Profissional.....	7
7. Cronograma/Duração.....	10
Capítulo 1- Relatos Diários.....	11
1.1. Secção I – Faixa Etária – 3 anos.....	13
1.1.1. Caracterização do grupo.....	13
1.1.2. Caracterização da sala.....	13
1.1.3. Rotinas.....	13
1.1.4. Horário.....	15
1.1.5. Relatos diários.....	15
1.2. Secção II – Faixa Etária - 4 anos.....	23
1.2.1. Caracterização do grupo.....	23
1.2.2. Caracterização da sala.....	24
1.2.3. Rotinas.....	24
1.2.4. Horário.....	25
1.2.5. Relatos diários.....	25
1.3. Secção III – Faixa Etária - 5 anos.....	33
1.3.1. Caracterização do grupo.....	33
1.3.2. Caracterização da sala.....	33
1.3.3. Rotinas.....	33
1.3.4. Cartilha Maternal João de Deus.....	34
1.3.5. Horário.....	36
1.3.6. Relatos diários.....	36
1.4. Secção IV – Faixa Etária - 5 anos.....	61
1.4.1. Caracterização da sala.....	61
1.4.2. Caracterização do grupo.....	61
1.4.3. Rotinas.....	61
1.4.4. Horário.....	62
1.4.5. Relatos diários.....	62

1.5	Secção V – Faixa Etária – 4 anos	70
1.5.1	Caracterização do grupo.....	70
1.5.2	Caracterização da sala	70
1.5.3	Rotinas	71
1.5.4	Horário.....	72
1.5.5	Relatos diários	72
Capítulo 2-	Planificações	85
2.1	Descrição do capítulo.....	87
2.2	Fundamentação teórica.....	87
2.3	Planificação na Área de Conhecimento do Mundo	90
2.1.1	Fundamentação teórica	91
2.2	Planificação na Área de Expressão e Comunicação. Domínio da Matemática	93
2.2.1	Fundamentação teórica	94
2.3	Planificação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	95
2.3.1	Fundamentação teórica	96
Capítulo 3 –	Dispositivos de Avaliação	95
3.1	Descrição do capítulo	101
3.2	Enquadramento teórico	101
3.3	Avaliação da actividade na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	103
3.3.1	Descrição dos parâmetros e critérios	103
3.4	Avaliação da actividade na área de Conhecimento do Mundo.....	106
3.4.1	Descrição dos parâmetros e critérios	106
3.5	Avaliação da actividade Área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática	110
3.5.1	Descrição dos parâmetros e critérios	111
Reflexões Finais	111
1.	Considerações Finais.....	117
2.	Limitações.....	121
3.	Novas pesquisas.....	121
Referências Bibliográficas	123
Anexos	131
Anexo 1 –	Proposta de trabalho para a faixa etária dos 4 anos.....	133
Anexo 2 –	Proposta de trabalho para a faixa etária dos 5 anos.....	134
Anexo 3 –	Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.	135
Anexo 4 –	Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.	136
Anexo 5 –	Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.	137

Índice de Quadros

Quadro 1 - Cronograma de Estágio	10
Quadro 2 - Duração do estágio em cada grupo	10
Quadro 3 - Horário semanal da faixa etária dos 3 anos	15
Quadro 4 - Horário semanal da faixa etária dos 4 anos	25
Quadro 5 - Horário semanal da faixa etária dos 5 anos	36
Quadro 6 - Horário semanal da faixa etária dos 5 anos	62
Quadro 7 - Horário semanal da faixa etária dos 4 anos	72
Quadro 8 - Exemplo do formato da planificação segundo o modelo T de aprendizagem	89
Quadro 9 - Planificação da Área de Conhecimento do Mundo.....	90
Quadro 10 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.....	93
Quadro 11 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.....	95
Quadro 12 - Parâmetros e Critérios de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	104
Quadro 13 - Grelha de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	105
Quadro 14 - Parâmetros e Critérios de Avaliação na área de Conhecimento do Mundo	108
Quadro 15 - Grelha de Avaliação da área de Conhecimento do Mundo	109
Quadro 16- Parâmetros e Critérios de Avaliação na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática	112
Quadro 17 - Grelha de Avaliação do na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática	113

Índice de Figuras

Figura 1 – Calculadoras Papy	39
Figura 2 – Construção da “camioneta” com o material 3.º e 4.º Dom de Froebel	40
Figura 3 – Material - Calculadores Multibásicos.....	45
Figura 4 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	106
Figura 5 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na área de Conhecimento do Mundo.....	110
Figura 6 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática	114

Introdução

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica I e II vou elaborar um relatório de estágio profissional, no sentido de obter o Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

O estágio profissional I foi realizado num jardim-escola e o estágio profissional II decorreu noutra jardim-escola.

Este relatório decorreu no seguinte período de estágio: 07 de outubro de 2011 a 22 de junho de 2012.

No desenvolver da introdução pretendo abordar os seguintes pontos: Identificação do local de estágio, descrição da estrutura do relatório de estágio profissional, importância da elaboração do mesmo, identificação do grupo de estágio, descrição da metodologia utilizada, pertinência do estágio profissional e o cronograma/duração deste.

1. Identificação do local de estágio

O primeiro Jardim-Escola onde efetuei o estágio profissional é composto por dois espaços, um interior e outro exterior. O espaço interior está dividido em dois pisos, o piso superior contém uma sala para o berçário, duas para a creche, uma para os grupos de 3 anos e outra para os grupos de 4 anos, duas salas para os grupos de 5 anos, um refeitório, uma cozinha, uma sala de música, uma sala designada “sala da televisão” (onde existe capacidade tecnológica para fazer projeções), um ginásio (onde se realiza o acolhimento da manhã), várias instalações sanitárias, um espaço para pequenos cuidados médicos, uma secretaria e o gabinete da direção. O piso inferior tem duas salas de trabalho para as Atividades de Tempo Livre (ATL) e a sala de música. Este espaço interior do jardim-escola está decorado de forma muito apelativa, tem histórias colocadas na parede, poemas, canções, bonecos, palavras sinalizadoras e imagens com a sequência do processo de lavar as mãos perto da casa de banho. O espaço exterior é composto por um espaço com baloiços, outro com jardim e uma horta onde as crianças plantam legumes e têm alguns animais.

O espaço físico do segundo jardim-escola onde realizei o estágio profissional é composto, também, por uma área interior e uma exterior, no espaço interior encontram-se diversas salas de aula, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de informática, um ginásio, uma sala multiusos, um refeitório, um salão (que à hora de almoço é transformado em refeitório e nos outros momentos do dia funciona como sala dos grupos de 4 anos), uma cozinha, e várias casas de banho. No espaço

exterior existem dois recreios, um destinado ao Pré-Escolar e outro aos alunos do 1.º Ciclo.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) “O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças”. (p. 31)

O espaço escolar tem importância no desenvolvimento e aprendizagem das crianças na medida em que dependendo dos materiais existentes e da forma como estes possam estar dispostos, as crianças poderão ser mais despertas e estimuladas. Ajudando, conseqüentemente, a fomentar o interesse pela aprendizagem.

Ainda no documento que referi anteriormente é descrito o seguinte: “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”. (p. 37)

Este foi um jardim-escola onde observei sempre um grande cuidado com a organização e inovação dos materiais que este continha, é um espaço muito acolhedor e a pensar sempre nas crianças.

2. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este relatório está organizado em quatro partes distintas, numa primeira parte estão os relatos diários, divididos em três secções, para que se possam diferenciar as faixas etárias do Pré-Escolar. Seguidamente tem um capítulo onde constam as planificações das áreas de conhecimento, sendo estas, área de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática e no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a área do Conhecimento do Mundo. Estas planificações são baseadas no Modelo T de Aprendizagem, este modelo pretende dar uma visão alargada do programa ao longo do ano, como nos refere Pérez e López, (2001):

pretende dar uma visão global e panorâmica das diversas formas de aprendizagem básicas de um curso ou ano letivo, que se desenvolverão de forma mais detalhada em modelos T de unidade de aprendizagem. Facilita a educação integral e o desenvolvimento harmonioso da personalidade. A partir do modelo T, o professor constrói uma imagem visual - mental de um modelo didático, a qual se encontra disponível para ser utilizada, visto que é muito fácil de recordar e de memorizar (p.73).

A informação sobre dispositivos de avaliação constam da terceira parte e, no final, a reflexão sobre a forma como decorreu o estágio, as limitações do trabalho e as pesquisas futuras.

3. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio Profissional

Não podemos invocar outra importância maior do que a da obtenção do grau de Mestre, que nos confere este relatório.

A elaboração deste trabalho teórico permite-me obter uma maior clareza sobre os mais variados temas e uma coesão de julgamento muito superior. Para a elaboração do mesmo baseamo-nos na observação, reflexão e reformulação, pois só assim conseguiremos melhorar a nossa prestação. Para que tudo isto seja possível e credível é indispensável a fundamentação de todas as nossas opiniões que se baseiam numa observação momentânea.

Em linhas gerais, considero de grande importância na execução deste relatório, a possibilidade de me tornar uma pessoa mais consciente e profissional, com maior coerência na formulação de opiniões.

4. Identificação do Grupo de Estágio

Tendo iniciado o meu Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, foi-me permitido realizar estágio profissional num jardim-escola que tinha apenas as valências de creche e pré-escolar, onde estavam também algumas colegas deste Mestrado, sendo certo que na transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico teríamos que mudar de jardim-escola, pois este não tinha as valências necessárias para o estágio profissional II. Apesar de ter decidido alterar o mestrado não foi possível continuar neste jardim-escola, passando assim a realizar o estágio profissional II num jardim-escola com as valências de pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Durante este ciclo de estudos estive, num primeiro momento com um grupo de estágio composto por dois membros, a minha colega e eu e num segundo momento, estive sozinha, não tendo grupo de estágio.

O grupo de estágio foi importante na medida em que permitiu refletir as aulas dadas e as observações feitas em conjunto, partilhando ideias e opiniões.

Para Korthagen (2001), citado em Flores e Simão (2009),

(...) deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares pois o apoio destes é muitas vezes mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas de formadores de professores, preparando-os para uma aprendizagem profissional contínua com os colegas. (p. 77)

Por outro lado, não ter grupo de estágio, foi facilitador da gestão do tempo com cada educadora, o que proporcionou uma maior oportunidade para realizar atividades com as crianças.

5. Descrição da Metodologia Utilizada

A metodologia utilizada na realização deste relatório foi a recolha de dados através da observação direta participante e de alguma informação documental. Com esta metodologia pretende-se que seja o investigador a recolher os dados diretamente. Podemos definir este processo como investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994):

- (i) O ambiente natural é a fonte directa dos dados e o investigador é o instrumento principal sendo a sua grande preocupação o contexto, pois o comportamento humano é variável consoante a acção onde ocorre;
- (ii) Trata-se de uma investigação descritiva, os dados recolhidos são palavras ou imagens e não números. Os dados recolhidos incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais;
- (iii) Os investigadores interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos;
- (iv) Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, não para confirmar ou deduzir hipóteses construídas previamente, mas as abstrações vão sendo construídas à medida que os dados recolhidos se vão agrupando;
- (v) O significado tem importância vital. Ao apreender as perspectivas dos participantes, a dinâmica interna das situações será frisada, o que se perdia em caso de observação exterior. A preocupação com os participantes da investigação é contínua para entenderem o que experimentam, como interpretam e como estruturam o mundo social onde vivem. (pp. 47-51)

Esta investigação tem como aspeto positivo a possibilidade de avaliar atitudes e reações no ambiente natural, a possibilidade de contextualizar aquilo que é descrito, pois é vivido verdadeiramente, minimizam-se as reações forçadas ou menos espontâneas, o que possivelmente não aconteceria num modelo de investigação com local próprio, num ambiente diferente, onde as pessoas não se conseguem abstrair da análise, da avaliação das mesmas. Apesar das crianças terem tendência para a espontaneidade, reagem de forma diferente consoante o meio que as envolve.

Para Bell citado por Ludovico (2007) a escolha da investigação qualitativa tem como característica o seguinte: "investigadores que adoptam uma pesquisa qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais" (p. 83)

Ainda sobre a investigação qualitativa Bogdan e Biklen (1994) destacam:

(...) descrição, indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais, permite-nos investigar um fenómeno em toda a sua complexidade e em contexto natural, com o objetivo de conhecer os pontos de vista e o comportamento dos protagonistas do estudo, a partir da sua própria perspectiva. (p. 11)

Na sequência do já descrito e para justificar a escolha do método para a execução deste relatório, cito os mesmos autores que explicam o que, na minha opinião, é o mais importante:

a fonte directa de dados ser o ambiente natural do qual o investigador é considerado como instrumento principal; a investigação ser descritiva; de ser dado maior ênfase ao processo do que aos resultados; os factos serem analisados de forma indutiva. (pp. 47-51)

E é assim que no desenvolvimento deste relatório serão feitas as recolhas de dados, assim como, estarão descritas as minhas opiniões sobre as situações, por mim observadas, não deixando de ter uma base científica, uma fundamentação teórica, para tudo o que é relatado.

Para a redação deste documento fiz também pesquisa documental para obter algumas informações, tais como os horários e as caracterizações de turmas.

Quanto à formatação e organização do presente relatório, este foi elaborado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2001). Acrescento que foi redigido segundo o novo acordo ortográfico.

6. Pertinência do Estágio Profissional

O estágio profissional tem uma grandiosa importância na nossa vida profissional, pois se em qualquer área a prática é muito importante, nesta é essencial. Não deverá existir melhor forma para a consciencialização da responsabilidade, para a percepção do que é a realidade desta profissão, como estando com profissionais da área. Por isso a prática pedagógica é uma mais-valia neste plano de estudos, tanto em estágios de observação, como quando temos a oportunidade de interagir com a realidade educativa mais ativamente, como é o caso das aulas que temos oportunidade de dar e da interação com as rotinas diárias.

Para Formosinho (2001) citado por Ludovico (2007) a prática pedagógica caracteriza-se como “a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p. 57)

Enquanto futura educadora, é para mim imprescindível o conhecimento de um dia a dia num jardim-escola, assim como, vivenciar a partilha de conhecimentos com um grupo de crianças. Acrescento ainda que, na minha opinião, é impensável exercer esta profissão sem que exista qualquer contacto com a realidade educativa, com

grupos de crianças e com profissionais experientes que nos transmitem conhecimentos, pois a prática dá-nos essa mesma sabedoria muito para além dos conteúdos teórico-científicos: o conhecimento pela protagonização de diferentes situações ocorridas na vida escolar.

Formosinho e Niza (2001) citados por Ludovico (2007) referem que a

(...) prática pedagógica visa ainda a compreensão das problemáticas emergentes da acção docente nos respectivos contextos e estimula e exercita a criação de hábitos de reflexão sobre a actividade docente, bem como a sedimentação de atitudes de cooperação com os pares e de colaboração com outros actores sociais e educativos.(p. 58)

Ainda sobre a prática pedagógica destaco o que é pretendido com a mesma na perspetiva de Ludovico (2007) “proporcionar aos estagiários a integração das aprendizagens feitas nas diferentes componentes curriculares do curso, bem como dar-lhe oportunidade de aprender a transformar os saberes disciplinares em saberes profissionais que fundamentem e orientem a sua acção docente quotidiana”. (p. 58)

Estes são objetivos que tornam um estagiário mais apto para a vida profissional e pelo qual é tão importante realizar o estágio profissional ao longo do curso. No entanto, não é suficiente a observação ou participação na prática se esta não tiver como resultado a análise da prestação do estagiário, pois ficaríamos sem saber se as nossas atitudes estariam corretas e adequadas. Por este motivo importa referir a importância da equipa de supervisão pedagógica que nos orienta, avalia, crítica e obviamente nos ensina, e que tem um papel fundamental no nosso crescimento profissional enquanto futuros docentes, pois é necessário refletir sobre a nossa prestação, sobre as indicações que nos são dadas quanto ao nosso desempenho, permitindo-nos assimilar o que deve ser melhorado e o que deve ser mantido. Será desta forma que o estagiário conseguirá evoluir e tornar-se um bom profissional.

Para Sá-Chaves (2000) citado por Ludovico (2007) a supervisão no processo de formação é

(...) uma prática acompanhada, interactiva, colaborativa e reflexiva que tem como objectivo desenvolver no candidato a professor o quadro de valores, de atitudes, de conhecimento, bem como as capacidades e as competências que lhe permitam enfrentar com progressivo sucesso as condições únicas de cada acto educativo (p. 62)

Acrescento ainda a opinião de Alarcão e Tavares (2007) quanto ao que deve caracterizar a supervisão, esta deve ter como base uma “relação interpessoal dinâmica, encorajante e facilitadora de um processo de desenvolvimento profissional e de aprendizagem consciente e comprometido.” (p. 71)

Para os mesmos autores o objetivo do supervisor no processo de supervisão é a

(...) maximização das capacidades do professor como pessoa e como profissional; procuram desenvolver gradualmente no professor a capacidade de, por si só, tomar as decisões mais apropriadas para que a relação pedagógica com os seus alunos vise o melhor grau de desenvolvimento e aprendizagens destes. (p. 71)

É com esta componente supervisiva que podemos contar ao longo dos momentos de estágio profissional, tanto com a equipa de supervisão pedagógica da Escola Superior de Educação, como com as educadoras cooperantes com quem estamos nos momentos de estágio, pois também nos avaliam aulas e criticam-nos, dando o parecer do que não está bem e pode ser melhorado, como nos indicam os pontos fortes que devemos manter e acima de tudo nos elucidam de estratégias que podemos utilizar em situações específicas para que as atividades educativas decorram da melhor forma. São estes aspetos que nos fazem progredir enquanto estagiários e futuros profissionais.

Como já referi anteriormente um dos aspetos positivos do estágio profissional são as críticas construtivas, pois é com estas que devemos aprender, crescer e melhorar.

Esta capacidade é importante na vida, mas fundamental na docência. Costa (2009) refere:

é importante, preparar professores que estejam abertos às críticas construtivas uns dos outros e que saibam trabalhar em conjunto, de forma colaborativa, para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um, para a construção de uma escola reflexiva capaz de se desenvolver e, concomitantemente, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos. (p. 14)

A importância de refletirmos sobre as nossas atitudes e decisões leva-nos a considerar o espaço que a supervisão dá aos estagiários de exporem a sua opinião, quanto ao que fizeram e assim poderem refletir antes de ouvirem uma opinião, como um ponto importante na medida em que nos permite desenvolver a capacidade de analisar a eficácia das estratégias e atividades desenvolvidas. Esta é uma ferramenta muito útil quando se está a desenvolver a atividade profissional, pois remete-nos para a nossa capacidade de reflexão ao dizer se teremos feito a escolha certa ou não.

Quintas et al. (1997) citado por Ludovico (2007) refere sobre esta temática no âmbito da formação inicial que

a prática pedagógica, enquanto primeiro grande momento de contacto com a realidade educativa dos alunos em formação, deverá proporcionar-lhes experiências que lhes permitam reflectir sobre as suas práticas, tornando-se capazes de analisar as suas acções, decisões e sucessos/insucessos e, deste modo, constituir-se num instrumento de desenvolvimento profissional. (p. 60)

Em suma, a pertinência do estágio profissional deve-se ao facto de ser a melhor forma de preparar os profissionais para a docência, desenvolvendo capacidades ao nível da partilha, da capacidade de ouvir críticas, aceitá-las e melhorar com elas, assim como, desenvolve a capacidade de refletir sobre as nossas atitudes enquanto docentes.

7. Cronograma/Duração

Quadro 1 - Cronograma de Estágio

Meses	Aulas programadas	Aulas surpresa	Aulas programadas	Aulas surpresa	Aulas programadas	Aulas surpresa
Outubro		28-10-2011				
Novembro	11-11-2011	04-11-2011		29-11-2011		
Dezembro			13-12-2011			
Janeiro						20-01-2012
Fevereiro					03-02-2012	
Março					23-03-2012	
Abril					13-04-2012	20-04-2012
Maio			31-05-2012	25-05-2012		
				29-05-2012		
Junho				15-06-2012		

Quadro 2 - Duração do estágio em cada grupo

Faixas Etárias Meses	3 Anos	4 Anos	5 Anos
Outubro			
Novembro			
Dezembro			
Janeiro			
Fevereiro			
Março			
Abril			
Maio			
Junho			

Capítulo 1- Relatos Diários

1.1. Secção I – Faixa Etária – 3 anos

1.1.1. Caracterização do grupo

A educadora da sala dos 3 anos forneceu-me os elementos para a realização da caracterização do grupo. Este é composto por 27 crianças, das quais 11 são do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Destas 27 crianças, 23 frequentaram a valência de creche.

1.1.2. Caracterização da sala

A sala destinada a esta faixa etária está dividida em duas, devido à sua grande dimensão. Ambas têm janelas grandes e portas diretas para o espaço exterior.

O espaço da sala de aula é importante para o bem-estar das crianças, principalmente nesta idade, em que muitos podem ter ainda alguma instabilidade com o afastamento dos pais e é positivo que se sintam bem no espaço que passarão mais tempo ao longo do dia.

As OCEPE (1997) referem: “O bem-estar e segurança dependem também do ambiente educativo, em que a criança se sente acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto-estima e desejo de aprender”. (pp. 20-21)

É também importante que as crianças participem e se sintam envolvidas na organização do espaço escolar, como é referido no mesmo documento: “O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar”. (p. 38)

1.1.3. Rotinas

A rotina é importante para as crianças, na medida em que lhes dá confiança e estabilidade, pois sabem o que está a acontecer no exato momento, o que acontecerá a seguir e assim sucessivamente até ao momento dos pais as irem buscar. Para Zabalza (1998)

A rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo (...). Com crianças pequenas, as rotinas exercem o importante papel de lhes dar segurança, de os fazer sentir comodamente (...) (pp. 169 e 170).

Para a maioria dos grupos o dia a dia inicia-se com o período de acolhimento. Este consiste na disposição das crianças em roda. O espaço destinado ao acolhimento é o ginásio, e durante este período, ao qual se juntam as educadoras e as estagiárias, cantam-se diversas canções.

Antes de iniciarem as atividades na sala de aula as crianças dirigem-se à casa de banho, onde dão lugar à higiene pessoal. Já na sala, as atividades, como consta do horário que se segue, começam pela área de Conhecimento do Mundo ou pelo domínio da Matemática. Terminando o primeiro tempo de atividades, comem bolachas, fruta ou pão. Neste tempo desfrutam também do recreio, que sempre que possível é passado no espaço exterior e têm toda a liberdade para brincar. Na impossibilidade de utilizar o exterior, realizam jogos orientados na sala ou no ginásio.

No final do intervalo regressam à sala para continuar as atividades às quais se segue a hora do almoço. Para Cordeiro (2008) “O almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (...) passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo...” (p. 373)

Logo a seguir repetem a higiene e a sesta é feita na sala. Esta é muito importante, sobretudo, nesta idade porque as crianças estão sujeitas a muitos estímulos e aprendizagens, pelo que a meio do dia se sentem muito cansadas, dependendo também da noite que passaram ou da hora a que acordaram:

o que nas escolas (ou em casa) se deve fazer é proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita (luz vedada, uma caminha, silêncio) (...) Quem acorda cedo precisará mais de fazer a sesta, bem como nos dias em que as actividades foram muitas e, sobretudo inovadoras. A sesta deve ser um passo da rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores... (Cordeiro, 2008, p. 306)

As crianças desta idade são ainda muito pequenas e é normal que sintam necessidade de algum aconchego na hora de dormir, pois muitas também têm alguma relutância a este momento, pelo que um carinho as ajuda a aceitá-lo como agradável. Um dos fatores críticos deste período do dia é também a saudade dos pais, pelo que, a meiguice é fundamental para ajudar a ultrapassar essa ansiedade.

O mesmo autor refere: “Assim, o deitar e aconchegar, com mimo e um beijinho, deverão ser obrigatórios, e não o mandar para a cama como se tratasse de uma instituição militar.” (p. 306)

Ao acordar repetem a higiene. As atividades neste período, que antecede o lanche são mais lúdicas (música, expressão plástica), no final seguem para o lanche que varia entre o leite ou iogurte acompanhado de pão. Terminado o lanche continuam as atividades que nesta fase do dia são alternadas entre jogos e conversas.

1.1.4 Horário

Quadro 3 - Horário semanal da faixa etária dos 3 anos

HORAS	SEGUNDA – FEIRA	TERÇA – FEIRA	QUARTA – FEIRA	QUINTA - FEIRA	SEXTA – FEIRA
09:00	Acolhimento – Canções de roda, Jogos e Higiene.				
09:30	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Iniciação à Matemática – Material Estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Iniciação à Matemática – Material Alternativo/Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática – Material Estruturado
10:30	Recreio				
11:00	Iniciação à Matemática – Material Estruturado/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Iniciação à Matemática – Material Estruturado/ Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento	Iniciação à Matemática – Material Estruturado/ Conhecimento do Mundo
12:00	Almoço / Sesta				
15:00	Expressão Plástica	Música	Expressão Plástica	Conhecimento do Mundo/ Iniciação à Matemática – Material Alternativo	Estimulação à Leitura
15:45	Lanche				
16:00	Jogos de tempo de mesa	Jogos de roda	Lenga-lengas/ destrava línguas/ poesias	Jogos de tempo de mesa	Conversas sobre rotinas
17:00	Saída				

Educadora:

Nota: Horário sujeito a alterações sempre que necessário

1.1.5 Relatos diários

07 de outubro de 2011

Neste dia fui recebida pela diretora do jardim-escola que me informou qual o grupo em que iria estar e me apresentou à Educadora do mesmo. Informei-as que o meu horário no jardim-escola é diferente do das minhas colegas, pois devido à minha atividade profissional só me é possível realizar estágio às sextas-feiras. No entanto, faço o dia completo, das 09:00h às 17:00h, ficando por realizar as restantes horas em semanas intensivas de contato com a realidade educativa.

Já com o grupo de 3 anos, a educadora apresentou-me e pediu às crianças que dissessem os seus nomes para que eu as conhecesse.

A aprendizagem deste dia começou pela área de Conhecimento do Mundo, onde a educadora, através de imagens, explorou a cor da íris dos olhos, as

sobrancelhas e as pestanas. Finda a exploração de imagens a docente propôs um jogo com o intuito de sensibilizar as crianças para o que são pessoas invisuais: vendou os olhos a uma criança e pediu a outra que batesse palmas. Através do som a criança de olhos vendados chegou à outra. Desta forma tentou que as crianças percebessem que os invisuais se orientam pelo som.

Após o intervalo iniciaram a área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática, trabalhando com material estruturado - Blocos Lógicos. A docente iniciou a revisão do quadrado e do retângulo, fazendo perguntas sobre o tamanho, as formas e as cores dos blocos que já tinham aprendido. Seguidamente introduziu a forma do triângulo, dizendo como este é composto (três lados iguais) e, no final, ensinou a canção alusiva à forma geométrica ensinada. Antes de terminar a aula todos cantaram as canções sobre as formas geométricas que já tinham aprendido.

Da parte da tarde realizaram uma atividade de expressão plástica utilizando apenas o dedo indicador, preenchendo o interior da figura do algarismo 1 com dedadas.

Inferências/fundamentações:

Com as atividades realizadas na área de Conhecimento do Mundo, a educadora explorou o sentido da visão e nesta faixa etária é crucial que se desenvolva o conhecimento dos sentidos porque as crianças iniciam a identificação do seu corpo e têm necessidade de perceber para que serve cada parte do mesmo, é uma curiosidade natural da idade.

De acordo com Reis (2008b), “a ciência nos primeiros anos de escolaridade pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal”. (p. 15)

Os blocos lógicos são um material estruturado que pretende desenvolver estruturas lógico-matemáticas, tais como formas geométricas, cores, tamanhos e espessuras, estas são características do referido material. O facto de as crianças aprenderem com material manipulativo, em vez de fazerem uma aprendizagem somente pela audição de conceitos é positivo para as mesmas, porque assimilam mais facilmente algo que é demonstrado, algo que praticam.

Assim como refere o pensamento do filósofo chinês Confúcio (479 a.C.) que diz que “o que ouvimos esquecemos, o que vemos sentimos e o que praticamos aprendemos”.

Para Caldeira (2009a) “É necessário manipular “coisas” e reflectir sobre o acto de manipular, porque só nesta acepção tem cabimento dizer-se que a matemática entra em jogo quando a criança age sobre as “coisas”. (p. 364)

No que diz respeito à atividade de expressão plástica realizada neste dia, esta tem como objetivos desenvolver a motricidade fina das crianças e contatar com as cores. Para Cordeiro (2008):

a digitinta...é uma boa oportunidade para desenvolver a motricidade grossa, através dos movimentos com os braços e mãos, e da motricidade fina, pelos movimentos com os dedos. Há também uma componente importante que tem a ver com a sensibilidade táctil, pela experimentação de materiais e texturas diferentes. (p. 373)

Posto isto, podemos constatar que a atividade lúdica descrita queria sensibilizar as crianças para a escrita do algarismo com muitos benefícios para o desenvolvimento das crianças.

14 de outubro de 2011

Este dia principiou com a área de Conhecimento do Mundo, tendo como tema o sentido do tato. A educadora vendou os olhos de uma criança e através do tato, esta descobriu qual a colega que estava à sua frente. No final consolidaram os conhecimentos sobre os 5 sentidos através de um PowerPoint.

No final do dia a educadora leu o livro intitulado “O Bolinha”. Antes da leitura, a educadora simulou com as crianças a preparação de uma viagem ao espaço através de mímica. Durante a leitura a educadora optou por interagir ao longo da história com o grupo, fazendo perguntas em cada página.

Inferências/fundamentações:

Na simulação feita pela educadora antes de contar a história, as crianças estavam muito divertidas e todas acompanhavam a educadora com os gestos. Na minha opinião, esta é uma estratégia que entusiasma as crianças, deixando-as

concentradas para o momento que se segue. Nesta faixa etária é fundamental o “faz de conta” fazendo parte do quotidiano da criança, que deve ser explorado ao longo do dia pela educadora e principalmente nas histórias. Esta situação envolve a criança, cativa a sua atenção levando ao interesse no que está a ser transmitido.

Fazendo referência apenas a esta prática, que consegui perceber ser prática antes da leitura de um livro, posso dizer que esta poderia ser uma estratégia de animação lúdica e Poslaniec (2006) refere que para definir este tipo de atividades é necessário recorrer à definição de Huizinga (1951) para jogo:

uma acção livre, sentida como fictícia e situada fora da vida corrente, capaz de absorver totalmente o jogador; uma acção desprovida de qualquer interesse material e de qualquer utilidade; que tem lugar num tempo e num espaço expressamente circunscritos, se desenrola ordenadamente, segundo regras fornecidas e suscita na vida relações de grupo, envolvendo-se frequentemente em mistério. (p. 60)

Não tive oportunidade de observar se esta prática era constante, alternada ou pontual, no entanto, as crianças estavam familiarizadas com a atividade o que me faz crer que será uma constante, apesar de não o poder afirmar. Isto para referir que é importante que as estratégias de leitura sejam variadas e inovadoras para que as crianças não desmotivem.

Poslaniec (2006) refere: “... renovar, periodicamente, uma mesma actividade, procurando que ela não leve ao cansaço das crianças e não se torne, para elas, numa obrigação”. (p. 14)

É importante que um educador de infância consiga ser dinâmico e criativo, para que consiga surpreender e motivar as crianças frequentemente.

A estratégia utilizada na leitura do livro referido anteriormente, tendo em conta que o texto lido pretende abordar um conteúdo – estruturação espacial – foi, na minha opinião, uma estratégia propícia ao mesmo.

21 de outubro de 2011

Na área de Conhecimento do Mundo e na continuação do tema dos sentidos, as crianças fizeram leitura de imagens. A educadora mostrava uma imagem e pedia a uma criança que dissesse o que via naquela imagem. Após a descrição solicitava a identificação do sentido necessário à execução da ação.

Na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática, a educadora escolheu uma caixa de lápis de cor para explorar alguns conteúdos matemáticos,

como: noções de opaco e transparente, questionando as crianças se conseguiam ver o que estava dentro da caixa. Retirou alguns lápis de cor e questionou algumas crianças quanto à cor dos mesmos e o último exercício foi destinado à contagem, as crianças contaram em coro os lápis de cor que iam sendo retirados da caixa.

Na área de Expressão e Comunicação: domínios da Expressão Plástica realizaram um trabalho escrito de grafismo, onde tinham que unir pontos ao longo da carapaça de um caracol.

Inferências/fundamentações:

O objetivo dos grafismos é desenvolver a motricidade fina e preparar para a escrita.

De acordo com Gonçalves (1991), os grafismos “são um excelente exercício para desenvolver a psicomotricidade, antes da aprendizagem da escrita convencional das palavras e dos números, aos 6 anos de idade” (p.48).

28 de outubro de 2011

Os jardins-escola promovem o dia dos pais, que consiste na sua presença na sala, acompanhando as atividades dos filhos. Este foi um desses dias e a primeira atividade realizada foi a revisão dos dias da semana.

Para a área de Conhecimento do Mundo a educadora selecionou alguns objetos para trabalhar os sentidos. A atividade baseou-se na associação dos objetos aos sentidos, como por exemplo, associar um creme ao olfato, uma maraca à audição, uma lanterna e uma lupa à visão e uma maçã ao paladar. Este exercício permitiu que as crianças vissem, tocassem e cheirassem os objetos.

Da parte da tarde a educadora apresentou-me um livro intitulado “A que sabe a lua?” e deu-me alguns minutos para que o lesse, pois de seguida iria lê-lo para o grupo. Sentei as crianças em filas e iniciei a leitura, sendo que esta apresentava um animal diferente em cada página. Utilizei o “mistério” antes de virar cada uma e as crianças tentavam sempre adivinhar o animal que se seguia. Tendo em conta que o objetivo dos animais era chegar à lua fomos conversando sobre a proximidade da mesma, se aquele elefante seria grande o suficiente para lá chegar, se ainda faltava muito, se a seguir deviam chamar um animal grande ou pequeno e assim as crianças estiveram sempre “cativadas” e a acompanhar a história. A última parte falava sobre o

reflexo da lua na água e para que as crianças pudessem perceber o que era dito neste final, expliquei-lhes, de forma simples e depois de terminar a leitura, o que é o reflexo, utilizando alguns exemplos e assim dando sentido ao que foi contado na história.

Inferências/fundamentações:

O dia dos pais é uma iniciativa dos jardins-escola muito importante para as crianças, para o seu desenvolvimento e para a escola. Reis (2008a) afirma que “Não é possível uma Educação adequada e completa sem a existência da Família”. (p. 37) Esta é a estrutura base de qualquer criança e é importante para elas que os pais estejam envolvidos na sua educação, que sintam que o que fazem na escola é importante, que os pais se preocupam e interessam por todas as atividades que desenvolvem. Gervilla (2001) citado por Reis (2008a):

(...) refere e reforça que a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança e, se queremos realmente educar, há que proporcionar ajuda e apoios aos que dela necessitam e, assumirmos responsabilidades visto que uma pequena Educação dos pais proporciona benefícios significativos: progressão das aprendizagens, desenvolvimento mental, afectivo e emocional. (p. 38)

O corpo docente de uma instituição de ensino tem um papel importante nesta aproximação da escola à família, é necessário valerem-se de algumas estratégias para fumentar esta relação. A mesma autora refere que:

(...) os próprios pais que colaboram com os professores e se envolvem em várias actividades reconhecem que não estariam a trabalhar na escola se não fossem os esforços que os professores e que o director da escola fazem nesse sentido. (p. 75)

A estratégia realizada nos jardins-escola de haver duas manhãs no ano letivo em que os pais podem acompanhar as atividades das crianças é exemplo de uma forma que as escolas podem utilizar para trabalhar a aproximação da família à educação das crianças.

No dia relatado anteriormente, onde presenciei esta aproximação só estavam presentes os pais de uma das crianças, o que provou alguma tristeza aos colegas que não tinham os pais presentes, assim como, prejudicou a estabilidade da criança que tinha os pais na sala, pois quis manter-se de chucha, quis estar ao colo dos pais e esteve algum tempo a chorar, em consequência não participou nas atividades propostas.

As atividades desenvolvidas com as crianças desta idade devem ter sempre em conta o toque, a manipulação, a exploração de objetos, pois é desta forma que conseguem aprender com maior facilidade e interesse. É através desta metodologia que motivamos a sua aprendizagem.

Segundo Post e Hohman (2003) “Bebés e crianças até aos 3 anos aprendem com todo o seu corpo e todos os seus sentidos”. (p. 22)

Com a atividade dirigida para trabalhar os sentidos, as crianças tocam e cheiram diferentes materiais.

04 de novembro de 2011

Este dia começou com a surpresa da presença das supervisoras da prática pedagógica no jardim-escola. Eu e a minha colega de estágio fomos das contempladas e tivemos como área de conteúdo a Expressão e Comunicação no domínio da Matemática, para a minha colega, utilizando o 1.º Dom de Froebel e no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, solicitaram-me que fizesse estimulação à leitura com um livro escolhido pelas supervisoras.

Foi a minha colega que iniciou a aula, cantando uma canção de bom dia, já rotina do grupo. Passando ao material começou por perguntar o nome do senhor que inventou o “jogo” que tinha na mão e mostrou a caixa do 1º Dom. Trabalhou as noções de opaco e transparente. Retirando as bolas da caixa foi perguntando a cor e solicitando a identificação de outro objeto na sala que tivesse a mesma cor – utilizou duas estratégias diferentes para ajudar duas crianças que não associaram corretamente a cor: no primeiro caso optou por pedir a outra criança para ir ajudar e no segundo caso solicitou à criança que levasse a bola consigo até a um objeto indicado pela minha colega e perguntou-lhe se achava aquelas cores iguais. A criança percebeu que não e foi até outro objeto identificando a cor pretendida. Fez contagem das bolas e exercícios de “Quim Visual”.

Antes de iniciar a minha aula trabalhei um bocadinho o retorno à calma, fazendo com que as crianças esticassem as pernas, os braços, batessem com os pés, se movimentassem um bocadinho e por fim cruzaram os braços e as pernas. Iniciei então a minha aula no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O objetivo era a estimulação à leitura para a qual me foi entregue um livro grande (tamanho A3) intitulado “O Tomé, a Sara e o Boneco de Neve”. Comecei por aproveitar o tamanho do livro, tentei escondê-lo atrás das costas, deixei que adivinhassem o que tinha,

comparei o tamanho do livro com o meu corpo estando sentada, e comecei a leitura do mesmo. Depois de lida a história fiz algumas perguntas sobre a sequência da mesma, como: O que foi a Sara buscar? O que ia fazer? O que fez o Tomé? Ao mesmo tempo que percebia se as crianças tinham acompanhado a história apelava à memória das mesmas e conversámos sobre algumas palavras que não conheciam, como o “galho”.

No final do dia realizaram uma atividade de expressão plástica que consistia na rasgagem de papel de revista e na colagem dos mesmos em papel manteiga.

Inferências/Fundamentações:

Na retrospeção que fiz da minha aula surpresa, pude auto criticar-me e perceber que durante metade da história em que estive com o livro dobrado havia imagens que não faziam tanto sentido, pois não se visualizavam por completo e não era agradável para as crianças que as estavam a ver.

Havia também uma criança que esteve quase toda a história sem visibilidade e eu não me apercebi.

Como comentários da supervisão pedagógica ouvi que as perguntas que fiz não foram as mais adequadas à faixa etária, pois deveria ter explorado as vivências das crianças.

As aulas surpresa, apesar de provocarem momentos de grande tensão, permitem às orientadoras da prática pedagógica perceberem como conseguimos lidar com esses momentos de tensão e como conseguimos improvisar.

Katz (1972) citada por Pires (2007) já referia a possibilidade de se formularem estádios de desenvolvimento profissional de educadores de infância, a proposta de estádios feita pela autora eram:

- Estádio de sobrevivência - considerado como uma fase em que a maior preocupação é o controlo do grupo de crianças, imposição de disciplina, ocupação das crianças em actividades que as estimulem e que as leve a confiar no educador;

- Estádio de consolidação - a forte preocupação com o controlo do grupo de crianças desloca-se para casos específicos, centrando as preocupações em crianças cujo ritmo de aprendizagem se revele diferente do dos restantes elementos;

- Estádio de renovação - pode, segundo a autora surgir 4/5 anos após o início da actividade profissional, com a percepção de um certo cansaço sobre a rotina, renovando conhecimentos e procurando novas estratégias de acção;

- Estádio de maturidade - é um período de maior autonomia profissional, que se traduz numa maior confiança e numa capacidade para reapreciar e reelaborar estratégias educativas, preocupando-se mais com questões relacionadas com a filosofia da educação, política educativa e da ética profissional. (p. 113)

O que a autora Katz (1972) citada por Pires (2007) ressaltava como vantagens em estabelecer estes estádios de desenvolvimento eram três, sendo estas:

(i) os cursos de formação inicial poderiam incluir a reflexão e discussão de estratégias que auxiliassem o futuro educador a lidar com o choque da realidade; (ii) conceber a reflexão sobre as estratégias de sobrevivência, de tal forma que o educador, passada esta fase se sinta motivado para continuar a aprender. Segundo a autora poderiam ser mesmo facultadas aos educadores-estagiários actividades e exercícios a realizar com as crianças, no período de sobrevivência, mas deixando claro que o estilo inicial terá de ser substituído por um estilo próprio, resultante do contacto e reflexão sobre a prática; (iii) Poderia ainda existir a possibilidade de introduzir alterações no modelo de formação. (p. 113)

E sendo esta uma teoria que se estudava há 40 anos, podemos agora ver que está implementada na prática, pois os estagiários da Escola Superior de Educação têm oportunidade de refletir e discutir estratégias, de perceber como será a realidade, de debater e conhecer estratégias de forma a estar motivado para continuar a aprender, assim como, a oportunidade de realizar atividades e exercícios com as crianças, ter este “choque” com a realidade e faz parte da realidade viver situações inesperadas, ter que improvisar, porque nem sempre tudo corre como planeado e é nesse sentido que as aulas surpresa nos dão alguma prática, saber lidar com os imprevistos, estar preparado para assumir uma situação e lidar com esta. Toda esta experiência torna os estagiários mais aptos para a atividade profissional futura.

1.2 Secção II – Faixa Etária - 4 anos

1.2.1 Caracterização do grupo

A descrição do grupo dos 4 anos foi gentilmente disponibilizada pela educadora da sala. Esta turma é composta por 27 crianças, 14 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. A maioria das crianças termina este ano letivo com quatro anos de idade.

Importa ainda referir que três destas crianças estão pela primeira vez no jardim-escola.

1.2.2 Caracterização da sala

A sala destinada a esta faixa etária está dividida em duas, devido à sua enorme dimensão. Ambas com janelas grandes e portas diretas para o jardim e parque exterior.

A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização”. (p.37)

Nesta sala uma das diferenciações que tive a oportunidade de observar foi a evolução das estações do ano, existindo sempre imagens alusivas à estação do ano em que nos encontramos. Na iniciação da aprendizagem de uma estação do ano nova, era alterada a imagem que elucidava as crianças do momento em que estavam, no que diz respeito às estações do ano.

1.2.3 Rotinas

Para este grupo o dia a dia inicia-se, igualmente, com o período de acolhimento, onde se juntam crianças de diversas faixas etárias e todos juntos cantam diversas canções junto das educadoras e estagiárias. Antes de iniciarem as atividades na sala de aula, as crianças dirigem-se à casa de banho, onde dão lugar à higiene pessoal.

Segundo Hohmann e Weikart (1997),

o acolhimento permite a interação entre os vários grupos de crianças, de diferentes idades, na medida em que, na mesma roda, se juntam todas as crianças (...) As experiências do tempo em grupo grande, como o cantar em conjunto, levam à construção de um sentido de “nós” e “nosso”. (p. 405)

A educadora deste grupo tem, por opção, alternar as áreas de conhecimento no decorrer da semana, fazendo a variação entre o domínio da Matemática e o Conhecimento do Mundo. Terminando o primeiro tempo de atividades, comem algo que varia entre bolachas e fruta. Neste tempo desfrutam também do recreio que, sempre que possível, é passado no espaço exterior. Neste intervalo, e quando realizado no exterior, têm liberdade para brincar.

Para Hohmann e Weikart (1997),

o recreio ao ar livre é importante, visto que permite às crianças movimentarem-se livremente, correr, fazer barulho e brincar. O tempo do exterior possibilita às crianças expressarem-se através das maneiras, que geralmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior. (p. 432)

No final do intervalo regressam ou mantêm-se na sala para continuar atividades até que chegue a hora do almoço. Depois deste têm outro recreio livre e orientado.

Para o período da tarde estão reservadas, maioritariamente, atividades de expressão plástica e a aula de música.

1.2.4 Horário

Quadro 4 - Horário semanal da faixa etária dos 4 anos

Bibe Encarnado A					
Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10:30	Recreio				
11:00	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
11:30		Inglês	Educação pelo Movimento		Revisões
12:00			Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura		Cantinhos
12:30	Jogos de roda/ Estimulação à Leitura	Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura	Cantinhos	Cidadania	Jogos de roda
13:00	Almoço e recreio orientado e livre				
14:45	Música	Expressão plástica no âmbito da matemática	Expressão plástica no âmbito do conhecimento do mundo	Experiências/registo das mesmas	Expressão Plástica
15:30	Expressão Plástica				
16:00	Relembrar o nosso dia				
16:30	Lanche				

Educadora

Ano letivo 2011 / 2012
Atividades extra curriculares: Ballet – 3ª feira das 17h00 às 18h00; Karaté – 5ª feira das 17h00 às 18h00

1.2.5 Relatos diários

11 de novembro de 2011

Apesar de este ser o dia de transição para o grupo dos 4 anos ainda tinha uma aula programada para dar no grupo dos 3 anos e foi assim que iniciei este dia. O meu tema para a área de Conhecimento do Mundo foi: as partes do corpo humano – cabeça, tronco e membros. Decidi iniciar estas atividades partindo de uma conversa

sobre uma amiga minha que, a brincar, partiu uma boneca e precisava da nossa ajuda para consertá-la.

Assim, fui chamando uma criança de cada vez para retirar uma peça de um saco e identificar o membro que representava e dependendo da peça retirada coloquei questões, por exemplo, se fosse uma perna: “a perna é um membro superior ou inferior?”, “Quantas pernas temos?” Como a imagem do pé estava sempre junto da perna, apontei para o pé e perguntei se também era perna, ao qual rapidamente responderam que não e identificavam o pé. Assim, coloquei questões para enumerarem os dedos dos pés e das mãos. Estas questões não eram só colocadas à criança que retirava a peça, mas sim a diferentes crianças do grupo, para que estas não se desinteressassem no decorrer da atividade.

No final da exploração de cada membro pedia à criança que estava comigo para colocar a peça no devido lugar, de forma a completarmos a boneca.

Seguiu-se a área Expressão e Comunicação: domínio da Matemática para a qual escolhi como temas a lateralização e a estruturação espacial. Através de uma “caixa mágica”, que continha bolas plásticas e coloridas, concretizei exercícios sobre o tema. Solicitei a colocação de bolas em diferentes locais tendo um elemento como referência, por exemplo a minha cadeira, onde colocaram a bola por baixo, por cima, do lado esquerdo e do lado direito e utilizei a própria caixa para que colocassem a bola atrás, à frente, dentro e fora. Ainda com este exercício, explorei a noção de opaco e transparente, perguntando se a caixa era transparente ou opaca e porquê. Cessadas as minhas atividades apresentei-me ao grupo dos 4 anos que estava na aula de ginástica.

Sendo dia de S. Martinho e tendo ficado sozinha com o grupo, porque a educadora foi chamada pela diretora, utilizei castanhas e ouriços para explorar diferentes conceitos: as cores, as formas, o sentido do tato, a associação e situações problemáticas.

Quando a educadora regressou, contou a lenda de S. Martinho, tendo como material de suporte uma estrutura diferente: uma caixa, na qual uma das faces estava aberta e servia para visualizar imagens, neste caso, representativas da lenda. Ao longo desta visualização foi contanto a lenda. As imagens eram passadas rodando um tubo. No final as crianças recontaram a lenda através da representação.

Para a área de Expressão e Comunicação: domínio da Expressão Plástica elaboraram o desenho das personagens da lenda (o cavaleiro Martinho e o pobre). Ao terminarem esta atividade dirigiam-se a mim para fazer a colagem de pedaços de goma eva numa estrela de cartolina que continha o nome da criança e o início de uma frase: “No Natal gostava:...” Para que as crianças a continuassem verbalmente e eu

transcrevesse. No final coloquei as estrelas numa das árvores de natal que enfeitava o jardim-escola.

Inferências/fundamentações:

A exploração das partes constituintes do corpo humano tem como objetivo ajudar as crianças a conhecerem o seu próprio corpo e a identificarem corretamente cada membro.

Na área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática que lecionei errei na disposição dos alunos, pois estavam em “U” o que não permitia a perceção de lateralização a todos.

É importante que nos dias em que se comemora alguma data e que se faz alguma atividade por esse motivo se explique às crianças a origem desta tradição, como neste dia em que as crianças comeram castanhas, viram ouriços, e ouviram a lenda de S. Martinho.

Diniz (1993) define lenda da seguinte forma: “A lenda é uma forma narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso. O seu argumento é tirado da tradição oral como o conto”. (p. 60)

Por vezes pode confundir-se uma lenda com um conto, pois ambos retratam uma história e na maioria das vezes podemos constatar que as lendas têm factos que não parecem reais, que podem ser significativamente imaginativos, assim a mesma autora refere, que a lenda

está ligada a um espaço geográfico e a uma determinada época, o que não acontece nos contos que são situados num passado indefinido e num espaço indeterminado. Localiza-se quase sempre num castelo, num monte, num ribeiro ou num bosque.

Tem pretensões históricas embora por vezes se forme em torno de um facto conhecido, em que os pormenores reais se perderam na memória do povo e foram substituídos por outros de pura ficção. Na lenda, o maravilhoso e o imaginário superam geralmente o histórico e o verdadeiro. (pp. 60-61)

18 de novembro de 2011

O dia iniciou-se com a educadora de outra sala que começou por realizar exercícios de contagem e cálculo mental recorrendo às próprias crianças e aos seus brinquedos.

Outra educadora fez a leitura de poemas do livro “porto-me bem” e conversou sobre as atitudes que devemos ter em diversas situações, tais como: estar à mesa, estar no recreio, estar em casa, entre outras.

Inferências/fundamentações:

Não sendo educadora da sala e, tendo que estar com este grupo apenas alguns momentos, a educadora valeu-se do que tinha mais próximo e que seria mais prático, para concretizar algumas aprendizagens matemáticas. Desta forma as crianças estiveram ocupadas, não houve dificuldade em terminar a tarefa quando a educadora teve que sair e as crianças ficaram contentes por terem utilizado aquilo que tinham no bolso e que tanto ansiavam por manusear.

Para Bezerra (1962) citado por Caldeira (2009a):

o Material Didático é todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem. São pois, os materiais didáticos: o quadro negro, o giz, o apagador, os livros, instrumentos, os aparelhos e todo o meio audiovisual usado pelo professor ou pelo aluno, durante a aprendizagem. (p. 15)

O acessório utilizado por esta educadora para realizar aprendizagens foram os brinquedos das crianças, ao mesmo tempo que aprenderam, perderam a necessidade de mostrar aos colegas o que traziam no bolso.

Para o Ministério da Educação (2004):

Na aprendizagem da matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação. (p. 168)

Na estratégia utilizada foi dada a hipótese às crianças para concretizarem, experimentarem e manusearem enquanto resolviam as situações colocadas pela educadora.

22 de novembro de 2011

Neste dia, a educadora distribuiu atividades diferentes por cada mesa, uma trabalhou enfiamentos, outra ficou com jogos de encaixe e as restantes com plasticina.

Depois da leitura de um livro cujo tema era o amor, a educadora conversou com as crianças sobre esse sentimento, perguntando o que entendiam ser o amor e por quem nutriam este sentimento.

Inferências/fundamentações:

As diferentes atividades relatadas anteriormente, que são executadas nas mesas, são muito importantes para o desenvolvimento da criança a vários níveis, tais como, a motricidade fina, a precisão, a capacidade de partilhar, o saber conviver.

Para Cordeiro (2008) “A plasticina é uma actividade de que as crianças gostam muito, e que proporciona a oportunidade de desenvolver o tacto e também de modelar: o desenvolvimento da motricidade fina é um bom resultado do uso dos materiais moldáveis”. (p. 372)

Desta forma é importante dispensar algum tempo do dia a dia das crianças em idade pré-escolar para realizarem atividades deste tipo, que permitam desenvolver as competências já referidas.

29 de novembro de 2011

Neste dia a minha colega de estágio foi surpreendida pela educadora para dar uma aula de matemática com material não estruturado (palhinhas) e trabalhar conjuntos. Desta forma, distribuiu uma linha fronteira por cada criança, perguntou o nome da mesma, assim como, o nome de um conjunto sem elementos, de um conjunto com apenas um elemento e trabalhou o cálculo mental, as figuras geométricas, a mediana e a diagonal.

Inferências/fundamentações:

As palhinhas são um material manipulativo, segundo Caldeira (2009a) o material manipulativo constitui “um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem”. (p. 15) E é um material não estruturado. Para Hole (1997) citado por Caldeira (2009a) “o material não

estruturado surge como aquele que na sua gênese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas”. (p. 16)

Apesar de não ter sido estruturado para este fim, as palhinhas são um material alternativo muito proveitoso no ensino, pois com este, é nos possível trabalhar diversos conteúdos matemáticos, tais como: contagens, cálculos, ordenações, seriações, operações, e as figuras geométricas, entre muitas outras noções.

No caso da atividade supra relatada, o objetivo era trabalhar a teoria de conjuntos e para a mesma autora: “As palhinhas são um material que permite várias actividades. Com elas podemos aplicar a teoria de conjuntos.” (p. 319) A minha colega optou por indicar o critério que queria para a formação dos conjuntos, escolheu a cor como atributo. Outra possibilidade é deixar que sejam as crianças a formar livremente um conjunto, sendo possível perceber se sabem as regras para a realização do mesmo. Citando a mesma autora “Para que um conjunto seja formado é necessário que seja estabelecido o critério. Os elementos do conjunto são analisados quanto aos seus atributos, isto é, tendo em atenção as suas características”. (p. 364)

06 de dezembro de 2011

Iniciei a minha manhã de aulas programadas com a área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde li a história intitulada: “Sara, Tomé e o Boneco de Neve”. Depois da leitura coloquei algumas questões de forma a associar a história com as vivências das crianças. Seguidamente, solicitei a algumas crianças que, utilizando imagens da história que eu expus, as ordenassem e me recontassem a história.

No final desta atividade e, depois de identificarem através do instrumento musical “pau de chuva” o som da chuva, a educadora pediu-me que fizesse um intervalo, pois as educadoras foram convocadas para uma reunião. Só tive oportunidade de continuar as minhas atividades na semana seguinte.

Inferências/fundamentações:

Recontar as histórias, ordenar imagens é importante tanto para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, como para o domínio da Matemática, na medida em que este exercício possibilita desenvolver a noção de tempo e espaço,

assim como a linguagem, a capacidade de construir e relatar um pensamento e desenvolve também a memória. As OCEPE (1997) referem este paralelismo dizendo que “as aprendizagens matemáticas estão ligadas à linguagem” e ainda referem as atividades descritas no relato anterior como atividades que desenvolvem competências nestes dois domínios.

a narração de histórias é um meio de se apropriar da noção do tempo, pois corresponde a uma sucessão temporal marcada por ligações de continuidade traduzidas habitualmente pela expressão "e depois". Recontar a história oralmente ou através de uma série de desenhos, seriar imagens, tendo como suporte uma pequena história, relaciona-se com a construção da noção do tempo e também com a linguagem. (p. 77)

Quanto à apreciação da educadora para esta área foi referido como aspeto negativo o facto de não ter levado a botija de água quente referida na história e um cubo de gelo para realizar a experiência contada.

13 de dezembro de 2011

Este dia foi destinado a terminar a minha manhã de aulas programadas. Como a festa de Natal deste jardim-escola foi no passado domingo, conversei um pouco com as crianças sobre a mesma.

Como contei a história na semana anterior e sendo esta a base para as atividades seguintes, questionei a turma sobre o que se lembravam do que eu lhes tinha falado na semana anterior e assim revimos alguns aspetos. O tema para a área de Conhecimento do Mundo foi o vestuário e como atividade, o grupo identificou o tempo frio (através do som da chuva) e o tempo quente (através da imagem de um sol). Partindo desta identificação foram retirar de um baú a roupa adequada para o frio, revendo e vestindo as peças de roupa que as personagens da história vestiram para ir para a neve e a adequada para temperaturas quentes.

Conversámos sobre diferentes situações em que se utilizam roupas próprias, como ir para a praia, ir para a neve, ir fazer um piquenique, entre outras. No final colocaram todas as roupas no baú e foram almoçar.

De regresso à sala abordei dois materiais utilizados para confeccionar roupa, um para roupa quente, a lã, e outro para roupa fresca, o algodão, e as suas origens. Para a abordagem à lã apenas conversámos, pois já todos sabiam identificar que a lã provém do pelo das ovelhas e assim só levei um novelo de lã para que estes tocassem. Fiz a abordagem ao algodão através de imagens da planta algodoeiro e levei algodão para que tocassem.

Seguidamente encaminhei as crianças para os respetivos lugares e iniciei a área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática, neste explorei conjuntos com material alternativo, diferente para cada uma das mesas (cápsulas Nespresso, flores de musgami e borboletas de papel). Utilizando a linha fronteira solicitei a realização de um conjunto vazio, um conjunto singular, e em alguns conjuntos indiquei o número de elementos através do instrumento musical “ferrinhos”.

No final dos diferentes exercícios realizaram uma ficha de trabalho para consolidar os conteúdos abordados. (Anexo 1)

Inferências/fundamentações:

Na atividade de vestuário, que consistia em vestir algumas peças de roupa as crianças estavam muito divertidas com as peças que cada um tinha vestido e todos muito atentos, pois queriam ser os próximos a ir ao baú retirar uma peça de roupa.

Na área de Conhecimento do Mundo acabei por abordar dois temas, o vestuário que estive, claramente, ligado à educação para a saúde, as OCEPE (1997) referem que a “educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade (...) de compreender porque (...) se agasalha no inverno e usa roupa mais leve quando está calor” e o algodão que tem ligação com a biologia “... Conteúdos relativos à biologia, (...) plantas, etc., e ainda experiências da física e da química (luz, ar, água, etc.) que podem ser realizadas por crianças de idade pré-escolar.” (pp. 81-84) Além da abordagem do algodão enquanto planta, também o abordei enquanto têxtil, assim como, a lã.

Estes são temas comuns, curiosidades das crianças, a capacidade de questionar tudo o que não conseguem explicar, como o simples facto de vestir diferentes tipos de roupa durante um determinado tempo ou questionar porque é que a mãe diz que têm que se agasalhar, porque têm que despir o casaco ou o cachecol quando entra num local fechado, como a escola. A área de Conhecimento do Mundo é importante para conseguir criar estas estruturas de pensamento, esta necessidade de perceber o porquê e não ficar na dúvida ou imaginação.

Assim, as OCEPE (1997) definem esta área como: uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano (...)” (p. 80)

Como comentários a esta área de conteúdo a educadora referiu o excesso de conteúdos, pois deveria ter abordado os tópicos de forma mais sucinta.

Quanto ao domínio da Matemática, e conforme referido pela educadora, não estive com o dinamismo que deveria para fazer a gestão dos diferentes exercícios por mesas.

1.3 Secção III – Faixa Etária - 5 anos

1.3.1 Caracterização do grupo

Esta turma de 5 anos é composta por 24 crianças, 15 do género masculino e 9 do género feminino.

A maioria das crianças termina este ano letivo com cinco anos de idade.

1.3.2 Caracterização da sala

As turmas desta faixa etária são as únicas que têm salas individuais.

O grupo onde estagiei é o que tem a sala mais ampla, por esse motivo as duas turmas reúnem-se de manhã nesta mesma sala.

Esta tem muita luz natural proveniente da varanda paralela à sala e está equipada com mesas de dois lugares e um cantinho para a leitura, assim como o cantinho da “casinha” onde podem realizar brincadeiras de faz-de-conta.

1.3.3 Rotinas

Como todos os grupos enunciados anteriormente este também se reúne de manhã no ginásio para o momento de acolhimento.

Cordeiro (2008) afirma sobre o momento de acolhimento:

(...) é mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais (...). É fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola. (p. 370-371)

Todas as manhãs as atividades iniciam-se com a aprendizagem da Cartilha Maternal João de Deus, seguindo-se um intervalo e a área de Conhecimento do Mundo ou Expressão e Comunicação: domínio da Matemática.

Da parte da tarde realizam trabalhos na área do domínio da Expressão Plástica, Formação Pessoal e Social, atividades extracurriculares ou terminam algumas tarefas escritas, como se pode ver no horário exposto, no ponto 1.3.5.

1.3.4 Cartilha Maternal João de Deus

Este é o método de leitura que podemos observar ao longo da prática pedagógica, quando se está na sala da faixa etária dos 5 anos, pois este método de leitura tem como uma referência o facto de se aplicar a crianças desta faixa etária, contradizendo a regra de só se aprender a ler aos 6 anos de idade. Este método foi criado pelo Poeta João de Deus e segue o modelo ascendente (*bottom-up*), isto porque o autor considerava fundamental a palavra e com este método as crianças aprendem primeiramente as vogais e os ditongos, mas logo em seguida começam a leitura de palavras e a aplicá-las numa frase. No término da leitura de uma palavra o educador pede às crianças que digam uma frase com essa mesma palavra, desta forma enriquece o léxico da criança, pois esta tem que contextualizar o que leu.

Ruivo (2009) refere sobre esta prática o seguinte:

se por um lado a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar o nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frases de forma a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral. (p. 130)

Inicialmente, a *Cartilha Maternal* foi criada para as mães, para que estas de forma simples, característica do método, pudessem ensinar os seus filhos a ler.

A mesma autora conta que:

(...) a *Cartilha Maternal* foi considerada por João de Deus Ramos, filho do poeta, como o *mais belo poema de amor* que o seu pai escreveu. Isto não só por pretender ensinar a ler ao povo (com quem João de Deus se preocupava pela sua condição social desfavorecida), como também a dedicou às mães que, com amor, deviam ensinar a ler os seus filhos como os ensinavam a falar. (p. 241)

Este método tem como grande vantagem o ensino das regras por cada letra, de forma a perceberem qual o som de cada letra consoante a posição que tem na palavra e, desta forma, se colmatam muitas das dificuldades tanto na leitura como na escrita, pois por vezes existem dificuldades em perceber porque a mesma letra pode ter diversas leituras. Se essas dificuldades não forem colmatadas teremos sempre um leitor com alguma dificuldade na leitura e que acabará por ler por memorização, não ficando a conhecer as regras que permitem uma leitura correta e fluente, pelo menos de forma mais simples. Este problema pode estar adjacente ao da escrita, porque se existem dificuldades na leitura irão ser espelhadas também na escrita, pois a

tendência, numa fase inicial, é escrever como falamos e se não se lê corretamente, dificilmente se escreverá corretamente.

Ainda a mesma autora refere sobre este método, o seguinte:

O(o) Método João de Deus, explica as regras de uma forma organizada, sistemática e rigorosa o que facilita ao professor e ao aluno o ultrapassar de dificuldades que, se não se apresentam na leitura, acabam por emergir na escrita. Esta metodologia tem grande valor pedagógico. (p. 124)

Para além desta facilidade, existe também a contextualização das palavras lidas, já referidas anteriormente. A criança constrói uma frase com a palavra lida e pode conversar um pouco com a educadora sobre a mesma, criando-se assim momentos de partilha entre os dois:

O método favorece e estimula a criança a ser “analista da linguagem”. Isto porque lhe é permitido sempre que lê uma palavra, relacionar conhecimentos anteriores e descobrir por si que a posição da letra na palavra, ou a sua envolvimento, determina o seu valor sonoro, que a diferencia de uma parecida mas não igual. (p. 124)

Assim, podemos concluir que um dos aspetos positivos mais relevantes deste método é o ensinamento das regras para a leitura correta de cada palavra, sabendo qual o fonema de cada letra consoante a posição que ocupa numa palavra.

A Cartilha Maternal João de Deus tem algumas linhas de força que é importante explicar, como refere Ruivo (2006) este método caracteriza-se por ser considerado interacionista, estimular as capacidades metacognitivas, respeitar o ritmo individual de cada criança e fomentar a sua autocorreção. Paralelamente, com este método, o exercício de leitura é dinâmico, interativo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança, dando a noção de que a palavra é o elemento principal do discurso. As letras são estudadas no seu papel dinâmico e nas suas diversas leituras, usando mnemónicas na formação temporária dos nomes das consoantes incertas para facilitar a aprendizagem.

A aprendizagem da leitura através do método da Cartilha pretende-se que seja feita em pequenos grupos de crianças, respeitando o ritmo individual de cada um e para que uns se ajudem aos outros. Ruivo (2009) refere sobre o benefício da criação destes grupos de crianças, o seguinte: “(...) torna as lições mais vivas e equilibra em interacção o comportamento individual de cada aluno: os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes”. (p. 118)

Esta aprendizagem é feita todas as manhãs, quando se iniciam as atividades, tal como refiro nas rotinas do bibe azul – faixa etária dos 5 anos, as crianças têm já esta rotina, sabem como se iniciam todas as suas manhãs de atividades em sala de aula.

1.3.5 Horário

Quadro 5 - Horário semanal da faixa etária dos 5 anos

Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta	
9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções
9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à escrita matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à escrita matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita
		10.00	Iniciação à matemática			10.00	Iniciação à matemática		
10.30	Atividades de ar livre								
11.00	Iniciação à matemática	11.00	Educação pelo movimento	11.00	Iniciação à matemática	11.00	Iniciação à leitura e escrita	11.00	Iniciação à matemática
11.30	Iniciação à escrita matemática	11.45	Iniciação à leitura e escrita	11.30	Iniciação à escrita matemática			11.30	Iniciação à escrita matemática
12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Informática/ Biblioteca de turma Cantinhos da sala de aula	12.30	Jogos livres e orientados
13.00	Almoço								
13.30	Atividades de ar livre								
14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Educação para a cidadania/ experiências/ área projeto *	14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Ditados gráficos/ Desenhos de série*
15.00	Expressão plástica	15.00	Expressão plástica	15.00	Música	15.00	Expressão plástica	15.00	Terminar e arrumar trabalhos
15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.45	Estimulação à leitura e escrita/ escrita matemática	15.30	Inglês
16.20	Lanche								
16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados

1.3.6 Relatos diários

13 de janeiro de 2012

As crianças iniciaram a manhã na área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde realizaram atividades relacionadas com a Cartilha Maternal João de Deus. Os discentes ditaram o alfabeto e a educadora escreveu no quadro, simultaneamente, fez a revisão das regras das letras ensinadas mais recentemente e dos acentos gráficos. Posto isto, todos realizaram um trabalho escrito, enquanto a educadora chamou os grupos para as lições de cartilha.

No domínio da Matemática realizaram a contagem sequencial e trabalharam com o material – tangram – abordando as formas geométricas e os tamanhos. Fizeram o jogo – “Quim Visual”: a educadora colocou as peças do tangram de determinada forma no quadro e enquanto as crianças fechavam os olhos, retirava e/ou trocava uma

peça de lugar, para que no final as crianças identificassem a alteração. Ainda na exploração deste material realizaram alguns exercícios de cálculo mental, fizeram a construção do quadrado e, delimitando as peças, desenharam-no numa folha.

Neste dia da semana, sexta-feira, a turma tem aula de inglês, os animais eram o tema desta aula. As crianças tinham previamente escolhido um animal e cada uma disse o nome do que escolhera, tanto em português como em inglês. De seguida desenharam o animal da sua eleição.

Inferências/fundamentações:

Como todos os materiais matemáticos estruturados, o Tangram é mais um material apelativo no ensino da matemática. Segundo Caldeira (2009a) “É um jogo, ou “quebra-cabeças” de origem chinesa”. (p. 391) Por norma todas as crianças gostam de jogos, logo se podermos juntar ao jogo a aprendizagem, as crianças terão melhores resultados.

Segundo Santos (2008) citado por Caldeira (2009a)

o Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)

Segundo a mesma autora este material ajuda a desenvolver:

as inteligências lógico-matemática, espacial e intrapessoal. (...) O seu valor educativo, entre outros aspectos, reside no exercício da concentração e no estímulo à investigação e à criação. Permite actividades que envolvem a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações das peças, permitindo "ver partes" num "todo" complexo. (p. 398)

A grande capacidade deste material é a capacidade de se iniciar a aprendizagem da geometria de forma lúdica, preparando estruturas para uma abordagem mais aprofundada na continuação do seu percurso escolar.

A mesma autora refere que com as atividades desenvolvidas são explorados os seguintes conhecimentos matemáticos:

identificar, comparar, descrever, classificar, desenhar; Comparar e ordenar áreas/medir e adicionar áreas; Comparar, ordenar e adicionar amplitudes de ângulos; Estudar figuras semelhantes; Compor e decompor diferentes tipos de polígonos; Estudar polígonos equivalentes; Comparar e ordenar perímetros; Analisar diferentes formas geométricas. (p. 398-399)

Como em todas as atividades e com todos os materiais matemáticos, para além dos conhecimentos pretende-se que sejam desenvolvidas capacidades e destrezas. A mesma autora esclarece-nos sobre as que este material, Tangram, pode desenvolver: "a concentração; estimular a curiosidade contribuindo para a perseverança; capacidade em transformar; percepção espacial; desenvolver o sentido da comparação; noção de área; relacionar área/perímetro; desenvolver a escrita; desenvolver a linguagem e a criatividade". (p. 399)

16 de janeiro de 2012

Na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática, a educadora escolheu trabalhar com o material – calculadoras Papi. Antes dos conteúdos matemáticos a educadora explorou o material colocando algumas questões sobre o mesmo. Relembrou as regras de utilização. Quanto aos conteúdos matemáticos foram abordados os seguintes: a estruturação espacial, a decomposição de números e o cálculo mental.

No âmbito da área de Conhecimento do Mundo, as crianças pintaram desenhos pela ordem na banda desenhada da história “A gotinha de água”.

Inferências/fundamentações:

O trabalho sobre a gotinha de água teve como objetivo consolidar de forma lúdica o conhecimento do ciclo da água, demonstrando como se formam as nuvens e como acaba por chover. Este é outro dos temas que suscita grande curiosidade nas crianças, pois a chuva é uma constante, estes têm curiosidade em perceber porque é que chove, como é que este fenómeno acontece e esta é mais uma das bases da ciência, no ensino pré-escolar. Reis (2008b) refere sobre a ciência:

(...) constitui uma forma racional de descobrir o mundo, que envolve (1) o desenvolvimento da vontade e da capacidade de procurar e usar evidências, (2) a construção gradual de uma estrutura de conceitos que ajuda a entender as vivências do dia-a-dia e (3) a promoção de capacidades e atitudes necessárias à investigação, à resolução de problemas, à colaboração e à discussão. (p. 15)

Através do trabalho desenvolvido pretende-se consolidar este conhecimento e, assim, as crianças entendem um dos fenómenos que ocorrem no seu quotidiano.

No domínio da Matemática foi dedicada ao material - calculadoras Papy, este material consiste em placas divididas em quatro partes por cores, cada uma das cores representa um valor e para representar quantidades podem usar-se diversos materiais, como: tampinhas, pedaços de musgami, massas e todos aqueles que a imaginação de cada um determinar.

Quando é colocada uma peça sobre a parte que equivale ao valor dois, quer dizer que estão a representar a quantidade quatro, ou seja, as crianças conseguem perceber que duas peças na cor equivalente a 1 é igual a uma peça na cor que representa o valor 2.

8	4
2	1

Figura 1 – Calculadoras Papy

Este é um material que está mais direccionado para se iniciar a partir do 1º ciclo, no entanto, há educadoras que começam a desenvolver atividades com este material com a faixa etária dos 5 anos, fazendo exercícios simples e a verdade é que estas acompanham o raciocínio e conseguem resolver os exercícios. Com estes as educadoras e professoras podem desenvolver várias competências, tal como nos refere Caldeira (2009a):

a criança: a) aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; b) realiza a compreensão dos números e da numeração; c) reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; d) efectua o cálculo com números realizando operações; e) desenvolve o cálculo; f) resolve situações problemáticas. (p. 347)

17 de janeiro de 2012

À segunda-feira a turma tem um tempo destinado a atividades na área de Expressão e Comunicação: domínio da Expressão Motora. A este tempo seguiu-se a área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática, onde foram explorados os materiais 3.º e 4.º Dons de Froebel, com os quais realizaram a construção da “camioneta”, com esta desenvolveram o cálculo mental, as ordens - unidades e dezenas – os tamanhos e, por último, interpretaram um gráfico.



Figura 2 – Construção da “camioneta” com o material 3.º e 4.º Dom de Froebel

No desenvolvimento da expressão plástica cada um fez um naperon a seu gosto.

No final do dia a educadora conversou muito seriamente com a turma sobre o comportamento que estes têm no ATL – Atividades de Tempos Livres.

Inferências/fundamentações:

Os dons de Froebel são um material manipulável com uma grande riqueza metodológica. Acreditando que podemos e devemos utilizar a aprendizagem lúdica para obtermos melhores resultados e para motivar as crianças, apresento este material como um exemplo de que o “brinquedo” pode ser realmente importante para o ensino.

É totalmente diferente um ensino em que o professor é supremo no que concerne à passagem de conhecimento, ou seja, assumindo uma posição superior, onde o conhecimento dos alunos não é relevante. Desta forma, as suas aulas são apenas com o próprio a lecionar a matéria que tem programada sem que os alunos possam interagir e participar. Entre esta forma de ensinar e outra em que se dá ao aluno a sua importância e se faz valer os conhecimentos que este já tem, porque toda a criança, mesmo que em idade pré-escolar, já tem conhecimentos, experiências, já vivenciou situações e, portanto, pode partilhar todas essas sabedorias com o educador/professor e com os colegas, estes só terão a aprender com as partilhas de cada um. Se o aluno tem a oportunidade de participar estará naturalmente mais interessado e menos aborrecido.

Caldeira (2009a) refere: como a ideia mais «luminosa» de Froebel: “O homem é uma força autogeradora e não uma esponja que absorve conhecimento do exterior”. (p. 241)

Além desta forma de estar ativa, existe o ensino lúdico, onde através de materiais estruturados ou não, levamos as crianças a adquirirem conhecimentos, brincando.

Referindo-se ao mesmo autor Caldeira (2009a) refere:

(...) o feliz desenvolvimento da actividade lúdica da criança, influência o seu futuro carácter de homem, por isso, nunca deverão ser impostos, nem o jogo, nem qualquer outra actividade educativa. Ele via os brinquedos, o trabalho manual e o estudo da Natureza como processos espontâneos na criança e, ao mesmo tempo, como meios educativos. (p. 239)

18 de janeiro de 2012

Este dia foi marcado pela área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática onde a educadora decidiu que as crianças iriam trabalhar a pares e utilizou o material alternativo – palhinhas – para explorar diversos conteúdos. As contagens e a representação de ordens foram desenvolvidas da seguinte forma: uma das crianças retirou o número de palhinhas indicado e a outra desenvolveu o exercício. Por exemplo: a educadora escreveu no quadro o algarismo 13 e os alunos tiveram que diferenciar as ordens com as cores das palhinhas. Uma das crianças retirou o número de palhinhas necessário para indicar cada ordem e a outra compôs corretamente, seguindo as ordens. No final a educadora solicitou ainda que colocassem algarismos móveis que representassem a quantidade de cada ordem, mas estes tinham que ter a cor que nos calculadores multibásicos corresponde aquelas ordens, ou seja, o 1 tinha que ser verde e o 3 amarelo. Para trabalhar sequências a educadora decidiu que seriam as crianças a escolher o padrão e que depois o continuariam até terminarem as palhinhas. No final das sequências e da educadora ter passado pelas mesas para fazer as correções necessárias, escolheu duas mesas para lerem as sequências que tinham feito, como trabalharam a pares tinham que decidir qual das crianças iria ler a sequência.

Na área de Conhecimento do Mundo, a educadora sentou as crianças no tapete, em forma de “U” e conversaram sobre os seres vivos e suas características, a educadora fez a revisão daquilo que sabiam através de perguntas que colocou, permitiu também que as crianças discutissem entre si, em alguns momentos. Pediu ainda alguns exemplos de seres vivos e seres não vivos através de elementos da sala de aula.

Inferências/fundamentações:

É muito importante desenvolver a capacidade de trabalhar a pares e vê-se através destes exercícios a dificuldade que existe nesta tarefa. Foi interessante observar esta dificuldade, principalmente na hora de decidir quem iria ser o porta-voz do par para ler a sequência feita.

Sobre esta importância Freire (1997) refere: "(...) torna-se importante o trabalho entre pares e pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontar os seus pontos de vista e de colaborar na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum." (p. 35)

Desta forma é necessário que, sempre que possível e sempre que a tarefa o permitir, promova o trabalho a pares ou em grupo.

A estratégia utilizada na área de Conhecimento do Mundo permite às crianças partilharem conhecimento e aprenderem entre si. Freire (1997) refere:

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (pp. 66-67)

Para o domínio da Matemática, a educadora utilizou material manipulativo. Estes materiais possibilitam uma aprendizagem mais facilitada, pois para as crianças é mais fácil aprenderem a brincar e para estas os materiais manipulativos são uma forma de brincar, no entanto, estes estão a transmitir diversos conhecimentos. Como formas de explorar este material Caldeira (2009a) refere: "Ao som dum instrumento musical, (ferrinhos, pandeireta, etc.) as crianças vão tirando as palhinhas, ou ouvem os batimentos, tirando depois o número de palhinhas correspondente. Posteriormente podem-se utilizar os algarismos e sinais móveis." (p. 317) Na estratégia da educadora o número de palhinhas era dado de forma diferente, mas importante para que a criança faça a associação número - quantidade. No final utilizou o suporte referido, algarismos móveis, para consolidar o exercício.

19 de janeiro de 2012

Na sequência do tema "os seres vivos", abordado na área de Conhecimento do Mundo, as crianças estiveram a recortar, de revistas, seres vivos e seres não vivos, colando-os posteriormente numa folha, no espaço indicado para cada efeitoo.

No tempo destinado à área de Formação Pessoal e Social a educadora decidiu fazer uma votação. Esta votação pretendia que as crianças decidissem qual a receita que iriam realizar. A receita com maior número de votos foi o bolo de chocolate, o qual confeccionaram no dia seguinte.

Inferências/fundamentações:

A atividade elaborada na área de Conhecimento do Mundo permite desenvolver nas crianças diversas capacidades como: motricidade fina, desenvolver as técnicas para o recorte, interpretar, analisar e partilhar. Mas objetivamente consolidar a aprendizagem do que é um ser vivo e ser não vivo, pela capacidade da correta identificação.

Reis (2008b) considera que nos tornamos

sujeitos pensantes quando temos oportunidade e razão para pensar, quando estamos rodeados de pessoas que pensam, e quando promovem o nosso pensamento admitindo e estimulando a nossa participação em discussões baseadas no respeito, e não no poder (p. 20).

Esta foi uma atividade que permitiu às crianças analisar, observando imagens, e pensar sobre quais os seres que são vivos e os que não são vivos, sendo dificultada esta tarefa, no meu ponto de vista, pelo facto de serem imagens e não seres reais. Esta dificuldade foi manifestada pelas imagens de desenhos animados, em que as crianças os veem nascer, movimentar, alimentar, reproduzir e morrer, tornando-se difícil perceber porque não são seres vivos. Ainda é difícil distinguirem a irrealidade/ficção da realidade.

Pereira (2002) considera ainda de extrema importância “que uma criança aprenda cedo a ter consciência do que está a observar, fazendo registos e comunicando as observações feitas, de forma a compará-las com as dos outros” (p. 46).

A estratégia realizada permitiu isto mesmo, observarem e avaliarem o que estão a ver e ainda registar e conversar com os outros sobre as descobertas e classificações que realizaram.

A votação é um ato democrático e estes actos devem ser inculcados às crianças, pois estamos a preparar as crianças para serem cidadãos ativos na sociedade em que estão inseridos. A participação democrática está prevista como tema a ser desenvolvido no ensino pré-escolar, na área de Formação Pessoal e Social. Tal como nos indica as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997),

A participação democrática na vida do grupo é um meio fundamental de formação pessoal e social. Esta participação permite construir uma autonomia colectiva que passa por uma organização social participada em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo que se compromete a aceitá-las. (p. 53)

A Formação Pessoal e Social é importante no desenvolvimento das crianças, porque irá ajudá-las a formar a sua personalidade e a viver em sociedade respeitando todos os que as rodeiam.

20 de janeiro de 2012

A minha aula surpresa realizou-se neste dia. Como domínio a explorar, a docente solicitou-me o da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, explorando a lengalenga da formiga e do escaravelho. Para esta exploração resolvi começar por apresentar a lengalenga às crianças, dizendo-a e fazendo gestos, de seguida estas repetiram-na também com gestos. Após este exercício entreguei uma folha a cada um para que representassem a lengalenga através de um desenho, enquanto faziam esse trabalho dei duas lições de cartilha a dois grupos distintos. Ao primeiro grupo fiz a introdução da 24.^a lição - “nh” e ao segundo relembrei a 13.^a lição -“...e” no fim de palavra.

A educadora iniciou as suas atividades pelo domínio da Matemática, utilizando o material estruturado - calculadores multibásicos. Antes de iniciar a utilização do material, desenvolveu o cálculo mental, colocando algumas questões. Recordou todas as regras necessárias ao manuseamento do material, assim como, lembrou que estavam a trabalhar na base 10, e refiro, lembrou porque iniciando a aprendizagem com a base 10, já não se trabalha com bases inferiores, com este material elaborou uma situação problemática sobre brinquedos oferecidos a dois irmãos e realizou alguns exercícios de adição. Solicitou, ainda, a representação da situação problemática no quadro, contendo os dados, a indicação e a operação. A educadora solicitou à criança que deu a resposta que explicasse como tinha realizado o exercício, como tinha chegado ao resultado. No final da representação pediu uma resposta completa à questão do problema.



Figura 3 – Material - Calculadores Multibásicos

Inferências/fundamentações:

O contacto com diversos suportes e tipos de texto é importante nas idades do ensino pré-escolar pois, é nesta fase, que iniciamos a formação de leitores. Para além de muitas outras competências necessárias para se ser um leitor, posso salientar as seguintes: a concentração, as noções espaço-temporais, a memória, entre outras. Para o desenvolvimento destas é importante o trabalho com lengalengas, trava línguas e rimas. Tal como refere Magalhães (2008): "... a utilização de rimas da tradição oral converte-se num precioso trabalho de treino (...) da concentração (especialmente com as lengalengas), tornando-se um instrumento eficaz para um imprescindível trabalho de memorização." (p. 63) A lengalenga que trabalhei com as crianças já era conhecida das mesmas, no entanto, foi interessante observar que estas não o manifestaram, deixaram-me dizer, repetiram tudo o que eu solicitei, só depois ao comentar com a educadora da sala a rapidez com que aprenderam a lengalenga, esta me confirmou que as crianças já a tinham aprendido. Assim, apesar de não ter presenciado, percebi que a educadora deste grupo trabalha com os alunos os diferentes tipos de texto, o que é muito positivo pelos motivos já expostos.

Quanto ao domínio da Matemática, as crianças trabalharam com o material calculadores multibásicos. Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), este material manipulável estruturado é composto por:

(...) placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efetuados, atendendo ao código de cores negociado entre o Professor/Educador e os alunos (p. 40)

Este material permite aos educadores preparar as crianças para a realização de exercícios de cálculo mental. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “o pensamento e conhecimento matemático realiza-se, de um modo geral, quando existem desafios plausíveis e com significado e se procura compreendê-los ou dar-lhes resposta, desenvolvendo estratégias, falando com os outros, relacionando ideias e inquirindo”. (p. 57)

Com a solicitação que a educadora fez, pedindo à criança para explicar o que fez em voz alta para toda a turma, está a desenvolver na criança a verbalização de conceitos matemáticos. As mesmas autoras defendem que a “criança ao comunicar matematicamente verbaliza os seus raciocínios, utiliza novos termos e troca ideias com outros, o que a ajuda a organizar e clarificar o seu próprio pensamento” (p. 59) A estratégia que a educadora realizou possibilita “dialogar com as outras crianças ou com o educador no decorrer de uma atividade, ou em resposta a uma solicitação comunicativa, como por exemplo, responder a uma pergunta”. (p. 59)

Assim desenvolve a capacidade de verbalizar conceitos matemáticos e este é um trabalho que tem que ser desenvolvido, o já referido, pedir às crianças que expliquem como realizaram os exercícios, é uma das formas possíveis de o fazer.

27 de janeiro de 2012

A aula surpresa da minha colega de estágio aconteceu neste dia. A área de conteúdo que abordou foi a de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Tendo como base o alfabeto escrito no quadro, pediu às crianças a identificação de consoantes e vogais e, através destas, uma palavra começada pela letra identificada.

Enquanto explorou as lições da cartilha com um grupo de crianças, as outras realizaram uma ficha de trabalho que consistia no desenho de algo começado pela vogal indicada na mesma.

No último período da manhã a educadora explorou o material - blocos lógicos, realizando uma tabela de dupla entrada. O exercício consistiu na leitura, por parte das crianças, da dita tabela e identificação da peça solicitada na mesma.

Inferências/fundamentações:

Quanto ao material blocos lógicos utilizado no domínio da Matemática neste dia, cito Caldeira (2009a), que refere “cada peça possui, assim, quatro atributos e todas as peças diferem pelo menos num atributo”. (p. 366) Assim, diferencio que as peças deste material podem ter três cores distintas (amarelo, encarnado e azul) e ter duas espessuras distintas (grossa e fina). Relativamente à forma das peças, podemos encontrar peças de forma triangular, quadrangular, retangular e circular.

Ainda sobre este material Moreira e Oliveira (2005) referem: “os blocos lógicos podem também ajudar os alunos a classificar formas o que em geometria implica conhecer as figuras geométricas e suas propriedades”. (p. 99)

Quanto à estratégia utilizada, tabela de dupla entrada, é uma das referidas por Caldeira (2009a), expondo que a partir destas podemos fazer duas abordagens, sendo elas: “dado o bloco, descobrir os atributos” ou “dados os atributos, descobrir o bloco correspondente”. (p. 381) No caso descrito, utilizando a tabela, a educadora deu os atributos e as crianças descobriram o bloco.

03 de fevereiro de 2012

Neste dia concretizei uma manhã de aulas programadas nas diferentes áreas de conteúdo, área de Expressão e Comunicação: nos domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, área de Conhecimento do Mundo e o domínio da Matemática. Para a primeira área escolhi a leitura do livro intitulado “Tanto, Tanto!”. Este livro fala de uma família que prepara uma festa surpresa ao pai de um bebé que todos querem abraçar, beijar, apertar, dar mimos, brincar... uma história cheia de sentimentos. Durante a leitura do livro deixei a sala a meia-luz e tive uma vela acesa no centro da meia-lua que formámos para a leitura. Sem que eu combinasse com as crianças, ao longo da leitura foi surgindo interação e, no final de cada página, as crianças já repetiam comigo as palavras “tanto, tanto” e alguns gostavam de tentar adivinhar qual seria o próximo familiar a bater à porta. No final do conto perguntei apenas o que eles achavam sobre a história e não considerei nenhuma resposta certa ou errada, apenas os ouvi.

Para a dinamização da cartilha fiz cartões com três palavras diferentes retiradas do texto, isto porque a turma estava em diferentes lições da cartilha e para que não fosse demasiado fácil para uns ou demasiado difícil para outros, escolhi

palavras para três grupos diferentes que estivessem equiparados. Chamei três diferentes crianças para a leitura das palavras recorrendo às regras da cartilha maternal. No final da leitura de cada uma perguntei se se lembravam de ouvir aquela palavra na história que eu tinha contado e em que contexto. No lugar, cada criança tinha um saquinho com letras móveis e um flanelógrafo para copiarem a palavra que estava no quadro, cada um tinha que copiar a palavra que dissesse respeito ao seu grupo. No final pedi que, com as mesmas letras, tentassem formar outras palavras.

Para a segunda área voltei a sentar as crianças no chão e abordei o tema das plantas carnívoras. Levei uma planta comum e uma planta carnívora, coloquei-as lado a lado e perguntei se eram seres vivos ou não vivos, se sabiam o nome, quais as diferenças entre uma e outra e depois expliquei a forma de alimentação de ambas as plantas. Por fim fomos partilhando os cuidados necessários a ter com as referidas plantas.

A última área que lecionei foi a de Expressão e Comunicação no domínio da Matemática e utilizei o material – calculadores multibásicos. Relembrei as regras de utilização, disse em que base iriam trabalhar e iniciei uma história. Ao longo da qual fui ditando as placas para fazer situações problemáticas, no final apenas disse o que pretendia e os alunos fizeram o respetivo exercício e eu fui corrigindo um a um. Para terminar pedi a uma criança que fosse representar a operação no quadro e a outra que me dissesse a resposta completa à situação problemática.

Da parte da tarde as crianças realizaram um desenho livre e manipularam plasticina.

Inferências/fundamentações:

A minha estratégia no final do conto, teve em conta a privacidade de opinião que devemos dar às crianças, na minha opinião, esta é uma história que nos pode dizer muito intimamente e que podemos não querer falar sobre isso e esse silêncio deve ser respeitado. Pessoalmente gosto muito da história em causa e pareceu-me pela atenção, participação, entusiasmo e sorrisos que as crianças também gostaram. Perguntei, no final do conto, o que acharam da história e só falaram as crianças que assim o pretenderam, não existindo respostas certas ou erradas. As respostas foram interessantes, sendo possível perceber que existe, naturalmente, diferenças de maturidade e sensibilidade no grupo. Não promovi respostas certas nem erradas porque não podemos avaliar aquilo que uma pessoa interpreta de uma leitura, nem podemos comparar interpretações, cada um sente e vive o que lê de forma diferente.

Poslaniec (2006) refere que:

Ler é um acto individual que escapa a qualquer generalização. Com efeito, a experiência singular que se passa entre o texto e o leitor e que confere um sentido especial ao texto, para esse leitor, não é exactamente a mesma para um leitor diferente desse. (p. 9)

Assim, o intuito da minha pergunta era apenas desenvolver a linguagem, conversar um pouco com as crianças, antes de passar à atividade seguinte.

Segundo Sim-Sim et al. (2008) a interação com as crianças é um meio propício para o desenvolvimento da linguagem. Daí esta salienta que “proporcionar no jardim-de-infância, ambientes linguisticamente estimulantes e interagir verbalmente com cada criança são duas vias complementares que podem ajudar a combater as assimetrias que afetam o desenvolvimento da linguagem nas crianças”. (p. 12)

Na aula de Conhecimento do Mundo baseei-me na observação e partilha de conhecimentos para mostrar algo invulgar às crianças, não foram muitas aquelas que demonstraram já saber o que era uma planta carnívora. No entanto, as que referiram já ter visto tiveram a oportunidade de dar a conhecer aos colegas aquilo que sabiam, tal como, o nome da planta, as diferentes formas de alimentação, entre outras curiosidades que foi possível observar. A ciência pode ser considerada como difícil de ser dada na idade pré-escolar, mas as crianças com esta idade têm tanta curiosidade naquilo que as rodeia, em conhecer algo novo que se os educadores pretenderem podem trabalhar estratégias que possibilitem despertar as crianças para a ciência.

Sherwood et al. (1997) refere sobre esta curiosidade: “As crianças pequenas são curiosas por natureza. Estão constantemente rodeadas por acontecimentos que as levam a perguntar porquê, o quê, quando e onde”. (p. 12)

É sabido que as crianças destas faixas etárias têm alguma dificuldade em perceber algo abstrato, é um exercício difícil para as crianças, por este motivo é necessário que o educador pense estratégias concretas, que facilitem esse processo.

Os mesmos autores referem que:

Vários desses métodos exigem um elevado grau de abstração que as nossas crianças são incapazes de atingir; no entanto, o conhecimento desses métodos (trabalhos) científicos, por parte do professor, permite-lhe criar métodos mais simples ou capacidades para abordarem esses métodos. (p. 18)

Uma das estratégias possíveis é a que eu utilizei, a observação e descoberta por si mesmo, tendo os elementos reais na sua frente é mais fácil para as crianças aprenderem, assimilarem informação e participarem, pois têm os dois elementos, neste caso, para analisar e falar sobre as diferenças, observar factos, como uma das formas de alimentação da planta carnívora.

Citando os mesmos autores:

o método mais elementar e importante é a observação. A utilização dos sentidos do olfacto, tacto, paladar, ouvido e vista para registar informações sobre objectos e resultados constitui um degrau essencial para alcançar todos os progressos científicos futuros. (p.18)

Desta forma, é possível ensinar e estimular as crianças para as ciências. “os métodos científicos têm formas de abordagem que podem usar-se nas crianças para aumentar mais tarde o seu sucesso na aprendizagem da ciência na escola primária, isto é, podemos ensiná-las a entrar na ciência”. (p.18)

Critico-me, depois da minha reflexão, no que diz respeito à minha prestação no decorrer da aula de matemática, porque deveria, ao solicitar a resolução de situações problemáticas, pedir que representassem dados, indicação e operação no quadro e apenas solicitei a operação.

10 de fevereiro de 2012

Este dia começou como a maioria dos dias nas salas de 5 anos: com a educadora a escrever as letras no quadro e a solicitar que as crianças fossem dizendo o nome das mesmas, seguindo-se a chamada dos grupos para aprenderem uma lição de cartilha.

Ainda neste dia, todas as estagiárias presentes neste jardim-escola ensaiaram e dramatizaram a história intitulada “O Cuquedo”. Esta dramatização foi apresentada às faixas etárias dos 3, 4 e 5 anos de idade.

As crianças terminaram a manhã a fazer um desenho sobre a dramatização assistida.

Inferências/fundamentações:

A atividade proposta e executada pelas estagiárias é importante ser visualizada pelas crianças, assim como, é importante, elas próprias representarem, é importante que assistam a peças de teatro e a dramatizações protagonizadas por estagiárias, professores/educadores ou até mesmo pelos pais. Aguilar (2001) refere que “as actividades de expressão e comunicação dramáticas têm conhecido um desenvolvimento gradual autónomo, intrínseco, que as tornam decisivas ao conhecimento, à revelação e ao desenvolvimento da pessoa.” (p. 19)

Na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática as crianças estiveram a trabalhar com o material – Geoplano – com o qual desenvolveram conteúdos matemáticos. As frações, foram abordadas da seguinte forma: a educadora deu indicações para que dividissem o geoplano ao meio e a seguir perguntou que nome se dá a cada uma das partes. Chegando assim à noção de metade e depois de $\frac{1}{4}$. De seguida explorou a estruturação espacial, através das indicações que a educadora deu quando pedia a representação de figuras geométricas. Por exemplo: depois de o geoplano estar dividido em quatro partes, solicitou a representação de um quadrado no canto superior esquerdo do geoplano. O perímetro e a área foram trabalhados contando os espaços entre os pregos que constituíam as figuras geométricas representadas – quadrado, triângulo, retângulo e a última seria à escolha de cada um. Como uma criança fez um hexágono a educadora aproveitou para mostrar a todo o grupo e ensinar o nome de uma figura geométrica com seis lados, pedindo de seguida que todos representassem uma figura geométrica com seis lados. No final, a educadora concedeu algum tempo ao grupo para explorar livremente o material.

A tarde deste dia foi marcada pela construção de um puzzle. Cada criança pintou a imagem de um espantalho em tamanho A4, seguindo-se a réplica da pintura, mas em tamanho A6. No final da pintura recortaram a imagem A4 pelo tracejado e colocaram dentro do envelope onde estava colada a imagem A6, ficando com um puzzle para cada um que guardaram no bolso para construírem sempre que quisessem.

Inferências/fundamentações:

É importante que as crianças tenham algum tempo para manusear livremente, sem regras, os materiais com que trabalham, porque desenvolvem a motricidade fina, a criatividade, e colmata a ansiedade que sentem sempre que trabalham com o material, pois querem mexer sem que seja dada a indicação.

Caldeira (2009b) refere: “Numa primeira fase a criança deve manusear o material livremente: individualmente ou em grupo. Nas primeiras aulas os alunos devem ter a possibilidade de manusear o material para que façam as suas próprias descobertas.” (p. 305)

O geoplano, material utilizado no domínio da matemática, pode ser constituído de diversas formas. Por norma nos jardins-escola, utilizam-se os geoplanos 10x10 que possuem uma malha quadrada de plástico com 10 pregos de lado. Com este material desenvolvem-se diversas atividades que visam, fundamentalmente, desenvolver conhecimentos geométricos, estas atividades são realizadas utilizando elásticos coloridos que servem para delimitar labirintos e figuras geométricas.

Segundo Serrazina e Matos (s/d) “Os geoplanos são utilizados com elásticos de várias cores, e podem ser complementados com papel ponteadado, quadriculado, isométrico e triangular”. (p. 13)

Os mesmos autores referem que:

Os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel ponteadado. No ensino pré-escolar é conveniente a utilização de papel ponteadado que reproduza exactamente o espaçamento dos pregos do geoplano (p.13)

14 de fevereiro de 2012

Este dia foi iniciado com o domínio da Matemática, no qual as crianças realizaram a pintura da imagem de um palhaço seguindo uma legenda que atribuía uma cor a uma quantidade. Esta estava representada em diversas partes da imagem: uma dúzia – cor de laranja; meia dezena – amarelo.

Antes de terminar a manhã as crianças realizaram uma ficha na área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contendo a figura de um palhaço que segurava bolas com algumas letras. Utilizando essas mesmas letras, as crianças tiveram que compor uma palavra e no final pintar o palhaço.

Terminaram as atividades deste dia pintando a cara de um palhaço a gosto e colando pedaços de “goma eva” no cabelo.

Inferências/fundamentações:

A atividade realizada no domínio da Matemática proporcionou o desenvolvimento das crianças no que diz respeito à interpretação de dados, pois a ficha realizada pedia a capacidade de olhar para a legenda e seguir as suas diretrizes.

A leitura de legendas é importante na medida em que é uma forma de leitura, uma forma de comunicação e que nos invade o dia a dia em diversas situações, pelo que o educador deve preparar o aluno para esta comunicação.

De acordo com as OCPEPE (1997), cabe ao professor a leitura, mas há outras formas das crianças participarem dessa leitura: ela pode ser através da interpretação de imagens ou gravuras de um livro, da descrição de gravuras, através de legendas e sequências. (p. 73)

15 de fevereiro de 2012

Durante a manhã estive com pequenos grupos a realizar harmónios circulares para colarem no nariz dos palhaços que pintaram no dia anterior.

Na área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática estiveram a trabalhar com o material – Cuisenaire: contagem de 2 em 2 e de 10 em 10. Com este exercício cada criança representou a quantidade cinquenta. Posteriormente, a educadora solicitou que trabalhassem a pares e juntando as duas representações chegaram à quantidade cem. Foi desta forma que a docente introduziu a ordem das centenas.

No início da tarde foram visitar a horta. Perante esta atividade a educadora solicitou aos rapazes que recolhessem, em casa, toda a informação que conseguissem sobre alfaces e as meninas sobre os espinafres.

Inferências/fundamentações:

A realização da atividade de execução de harmónios promove o desenvolvimento da destreza manual, motricidade fina e concentração, sendo necessário uma grande destreza manual e capacidade de concentração para conseguirem seguir toda a sequência necessária para a correta execução de um harmónio. No geral as crianças gostaram de fazer mas algumas terminaram a atividade contrariadas, pois não tinham paciência para o terminar.

Segundo as OCEPE (1997) há diversos materiais utilizados na educação pré-escolar que possibilitam desenvolver diversas noções matemáticas, o Cuisenaire é para estes um material mais vocacionado para desenvolver a concretização de quantidades e de operações matemáticas. (p. 76)

16 de fevereiro de 2012

No decorrer deste dia ouviram a história “O nabo gigante” no corredor, pois esta é uma das histórias que está colada nas paredes do jardim-escola. Durante o conto a educadora fez diversas perguntas onde abordou o domínio da Matemática e a área de Conhecimento do Mundo. Na sala realizaram um desenho referente à história que ouviram.

A tarde foi marcada pela época carnavalesca, as crianças realizaram máscaras que tinham metade da face branca e representavam uma expressão feliz e outra metade preta que representava uma expressão triste. Depois de picotarem os olhos, o nariz e a boca colaram brilhantes a gosto.

Inferências/fundamentações:

A atividade desenvolvida no decorrer da leitura, colocar questões sobre diversas áreas, mas sobretudo da área de Conhecimento do Mundo estimulam a curiosidade natural das crianças e este trabalho deve ser desenvolvido, principalmente nestas idades porque se não se iniciar o interesse das crianças na ciência acabam por se desperdiçar potencialidades.

Sá (2000), citado por Pereira (2002) afirma que ao “não se iniciar uma abordagem experimental ao ensino da ciência com crianças, poderemos, do ponto de vista educativo, estar a desperdiçar uma faixa etária com imensas potencialidades” (pp. 35 e 36).

A educadora, ao colocar questões aos alunos, acaba sempre por suscitar dúvidas e devemos incentivar as crianças a esclarecê-las.

Pereira (2002) considera que o educador deverá incentivar as crianças a colocarem “perguntas e questões acerca de objectos e situações e que sejam encorajadas a obter uma resposta a uma questão antes de colocar outra” (p. 58).

17 de fevereiro de 2012

Este dia ficou marcado pela festa de carnaval, para a qual quase todas as crianças vieram mascaradas e brincaram todo o dia.

Neste dia assistiram ainda a um teatro intitulado “Bom dia ao amanhecer”, representado por um grupo profissional, a peça consistia na explicação do processo necessário à confecção de papel.

Inferências/fundamentações:

Este, como qualquer outro dia de celebração é uma alegria para as crianças, nestes dias sabem que brincarão imenso, que se irão divertir com os amigos da escola e claro, neste caso concreto, partilhar as personagens que estão a imitar, são caracterizados e é importante irem mostrar essa caracterização e ver a dos outros, tentar perceber quem são sem que lhes seja dito e toda esta partilha, este convívio é importante para as crianças.

Segundo Aguëra (2008),

as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças (p.73).

Assim, é importante que não se percam as tradições, que não se deixe de celebrar nas escolas os dias festivos e claro, no meu ver explicar o porquê de se fazer algo diferente nesses dias, porque é que se comemora o dia de forma diferente.

27 de fevereiro de 2012

No domínio da Matemática exploraram o material – Geoplano, com o qual realizaram um “itinerário”. Para definir o ponto onde começariam o trajeto, a educadora solicitou que levantassem a mão esquerda e que colocassem o dedo indicador da mesma em cima do prego que está junto ao vértice mais perto do canto superior esquerdo. Começaram o trajeto a partir desse prego, depois consoante as orientações da educadora, quanto ao número de passos e direções a seguir, contaram os espaços de um prego ao outro e colocaram os elásticos. Estas indicações foram dadas no decorrer de uma história, onde o Sr. António procurava as suas vacas.

Inferências/fundamentações:

O trabalho com o material estruturado Geoplano, permite desenvolver diversas competências, com a estratégia escolhida pela educadora, neste dia, desenvolvem-se capacidades nas crianças, como a coordenação visual-motora e o sentido espacial.

Desenvolver o sentido espacial, entre outros fatores, facilita a aprendizagem da escrita.

Moreira e Oliveira (2003) referem que “o sentido espacial é essencial em situações, tais como a escrita de números e letras (...)”. (p. 95)

As mesmas autoras referem ainda que

as experiências espaciais que estão relacionadas com deslocamentos no espaço permitem à criança compreender a diferença entre espaço próximo e espaço distante. Percorrer um trajecto, traçar um caminho, e descrevê-lo obriga a criança a tomar pontos de referência (p.79).

Caldeira (2009b) refere que “O sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico”. (p. 290)

Caldeira (2009a), refere que um dos interesses pedagógicos deste material é “desenvolver o sentido da simetria”. (p. 412)

Assim se percebe a necessidade de realizar atividades que consistam na realização ou descoberta de caminhos.

28 de fevereiro de 2012

Este dia foi marcado, mais uma vez, pelo domínio da Matemática. Foi introduzido no grupo o conhecimento das frações, tendo como base material não estruturado – maçãs. A educadora solicitou a uma criança que cortasse a maçã ao meio, perguntando de seguida em quantos pedaços ficou dividida a maçã e como podíamos chamar essas partes. Um desses pedaços representa metade de uma maçã ($\frac{1}{2}$). Outra criança foi dividir as metades em outras duas partes iguais, ficando agora com a maçã dividida em quatro partes e representando um pedaço ($\frac{1}{4}$ da maçã). Fizeram o mesmo processo com outra maçã, chegando a ($\frac{1}{8}$) e levando as crianças a perceberem que, para termos oito pedaços iguais de maçãs, necessitamos de duas maçãs inteiras.

Foi ainda abordada a divisão através do mesmo material, utilizando seis pedaços das duas maçãs. Uma criança dividiu igualmente por si e outro colega, percebendo que seis pedaços a dividir pelos dois dava três pedaços de maçã a cada um, desta forma fizeram a operação $6 / 2 = 3$. No entanto, como ainda estavam no início desta aprendizagem, não a representaram desta forma ficando pelo simbolismo que os ajudará na estrutura mental.

Inferências/fundamentações:

Neste dia, a educadora pegou em algo comum, algo que as crianças estão habituadas a ver, a mexer, a cheirar e deu noções matemáticas a partir de uma maçã, desta forma as crianças estão mais interessadas, pois é algo que lhes é familiar e não sabem o que vai a educadora fazer, neste caso com uma maçã, o que provoca alguma curiosidade. Para além do exposto, vão-se construindo estruturas para compreenderem como a matemática pode ser importante no dia a dia, assim como, podem aprender e aplicar a matemática nas mais variadas situações do seu quotidiano. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) afirmam que:

As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia. O papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas. (p. 73)

29 de fevereiro de 2012

Na parte da manhã e, após a iniciação à leitura e à escrita, o grupo esteve a explorar o material – tangram. As crianças puderam estar a "brincar" livremente, permitindo que descobrissem as diversas figuras possíveis de se representar com as sete peças do tangram.

A parte da tarde foi dedicada à realização de uma dobragem – a vela do moinho, com esta, concretizaram um desenho envolvente.

Inferências/fundamentações:

As dobragens são atividades lúdicas muito importantes no desenvolvimento das crianças, Spodeck e Saracho (1998), afirmam que, “esta atividade pode melhorar as habilidades motoras finas e promover a paciência das crianças.” (p. 344)

01 de março de 2012

Este dia começou de forma diferente, apesar de ter sido iniciado pelo mesmo domínio. As crianças estiveram a dramatizar o conto “A Galinha Ruiva” e a educadora fez de narradora e os alunos foram desenvolvendo as ações por si descritas.

De forma a praticar o ensino do material Cuisenaire, solicitei à educadora uma parte da manhã deste dia para concretizar exercícios com este. Desta forma, e utilizando o referido material, produzi situações problemáticas, desenvolvi noções como par e ímpar, a ordenação e relembrei as cores e os valores das peças.

Com a educadora desenvolveram a estimulação à leitura e à escrita, lendo duas palavras constantes de uma ficha e reescrevendo-as através da colagem de letras de revistas.

Inferências/fundamentações:

A atividade desenvolvida pela manhã, a dramatização, é uma atividade referida como importante no pré-escolar, neste dia a educadora não teve necessidade de começar por contar a história porque as crianças já a conheciam, assim pode ir narrando enquanto as crianças dramatizavam, foi muito interessante ver a diferença de reações das crianças, algumas que não querem de todo ser escolhidas para representar e outras que fazem de tudo para o ser, algumas que conseguem desenvolver o seu próprio texto e outras que precisam de mais alguma ajuda da educadora, umas exprimem-se corporalmente de forma livre e espontânea, fazendo o que a imaginação lhes diz e o que lhes parece correto ao ouvir a história e outras mais retraídas nos seus atos necessitam de mais indicações para se movimentarem. As crianças assistem a esta atividade com grande expectativa e com um sorriso, e claro, por vezes partilharam algumas gargalhadas.

As OCEPE (1997) referem: “A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais”. (p. 59)

E com estas atividades também se estão a criar leitores, pois se para isso é necessário trabalhar diversos conceitos como: noções espaço-temporais, memória, entre outros, estes são exercícios que fazem esse desenvolvimento.

Magalhães (2008) refere:

Na verdade, para ler qualquer tipo de texto, ademais da condição prévia (ser alfabetizado), o leitor precisa de, e entre outros aspectos, ter razoáveis competências linguísticas (fonéticas, morfo-sintáticas, semânticas, pragmáticas) e sociolinguísticas; dominar as noções espaço-temporais; recorrer, de modo sistemático, à memória, sem o que não perceberá o que decifrou. (p.59)

Ainda esta autora nos refere a dramatização após a leitura de uma história como estratégia de animação de leitura participada.

Ao nível das percepções, elas conseguem captar e mimetizar alguns dos acontecimentos narrados, das sensações descritas, dos cenários envolventes. Note-se como estratégias de animação de leitura participada, ou posteriores propostas de dramatização após a leitura inicial de uma história ou de poema (...) (p. 59)

E assim também se consegue, mais uma vez, que as crianças estejam no seu mundo de “faz-de-conta” onde podem ser outras pessoas, fingir ser quem não são, desenvolver a criatividade e imaginação para representar da forma que acham mais parecida com a realidade. O que faz com que também estejamos a apelar às vivências das crianças, que se lembrem de algo que os faça representar à sua maneira o facto que está a ser narrado.

02 de março de 2012

Neste dia, os dois grupos dos 5 anos estiveram juntos e começaram o dia pela confeção de pão com chouriço. Ajudaram a colocar os ingredientes e a amassar a massa e, em simultâneo, as educadoras foram relembrando significados de algumas palavras como: debulhar, ceifar, mó do moinho, foice, entre outras. Quando a massa estava pronta as educadoras explicaram o que era levedar e deixaram a massa nessa situação.

No final da manhã a minha colega de estágio contou uma história, intitulada “A Galinha Medrosa”, utilizando como suporte o PowerPoint. Esta história falava de

diversos animais da quinta e estes vão aparecendo um a um e, como estratégia, a minha colega perguntava o nome do animal que aparecia e explorava o som que este emite. Como estes apareciam sequencialmente e se iam aglomerando, a minha colega foi repetindo a sequência dos que já tinham aparecido juntamente com as crianças.

Da parte da tarde as crianças moldaram o seu pão com chouriço e colocaram-no num tabuleiro.

Inferências/fundamentações:

A utilização das novas tecnologias para realizar atividades para as crianças mostra-se, cada vez mais, uma mais-valia para a aprendizagem, pois desenvolvem capacidades nas crianças que permitem uma maior facilidade de concentração, memorização, desperta-as para o reconhecimento da linguagem escrita de forma lúdica.

Botelho (2009) constata sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) "(...) a importância de as crianças utilizarem as TIC para desenvolverem a sua aprendizagem na área da leitura e da escrita de uma forma mais global" (p. 116) afirma ainda que esta utilização se revela "(...) altamente motivadora para as crianças e estimuladora da comunicação e descoberta da linguagem escrita". (p. 117)

Quanto à estratégia relatada neste dia, a leitura de uma história utilizando o suporte PowerPoint, também é relatada por Botelho (2009) sendo referida como a utilização de livros de história electrónicos. Estes podem, também, ser criados pelas crianças ou pelos educadores. A mesma autora baseia-se em Uchikoshi (2005) para referir que "os livros interactivos parecem contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível de vocabulário, sintaxe e reconhecimento de palavras" (p. 116) e "a compreensão da estrutura narrativa das histórias" Verhallen, Bus e De Jong (2006, p. 116) referem como benefícios desta atividade. Assim, considero como apropriado e positivo a estratégia que a minha colega utilizou para realizar uma atividade lúdica com as crianças, sendo que estas se demonstraram muito entusiasmadas assim que viram o material tecnológico na sala e acompanharam toda a história respondendo sempre ao solicitado pela minha colega.

1.4 Secção IV – Faixa Etária - 5 anos

1.4.1 Caracterização da sala

A sala deste grupo etário é organizada em filas de secretarias de dois lugares. Sendo esta uma disposição já idêntica à que terão no 1º ciclo do ensino básico. Contém armários com o material necessário à didática da sala e à arrumação dos trabalhos concretizados. Existe, ainda, um quadro de lousa e um placard para exposição dos trabalhos realizados, assim como uma fileira de cabides para que as crianças organizem a roupa e/ou mochilas que trazem de casa. As salas do bibe azul têm ainda a vantagem de ter uma casa de banho individualizada, utilizada só para os dois grupos de 5 anos.

Estas salas têm alguma luz natural e são bastante arejadas, devido às janelas que vão até ao chão, e que dão passagem para o espaço exterior.

1.4.2 Caracterização do grupo

Com grande amabilidade, a educadora do grupo dos 5 anos do jardim-escola cedeu-me a caracterização da sua turma. Esta é composta por 28 crianças, 14 do sexo feminino das quais 4 têm quatro anos e 11 têm cinco anos e 14 do sexo masculino das quais 6 têm quatro anos e 8 têm cinco anos (em setembro de 2011). Uma destas crianças frequenta pela primeira vez o jardim-escola.

1.4.3 Rotinas

Este grupo de crianças começa os dias com o momento de acolhimento, este acontece no salão ou no espaço exterior, dependendo das condições climatéricas. Durante este período todas as faixas etárias estão juntas, sendo que cada uma forma a sua roda. Estão presentes em cada roda, as educadoras ou professoras do grupo e estagiárias e todos juntos cantam algumas canções. Este momento tem, normalmente, a duração de 20/30 minutos e termina sempre com o Hino do jardim-escola.

Terminado este momento as crianças do grupo de 5 anos dirigem-se à sua sala e têm alguns minutos para colocarem algo que tragam, como mochilas, casacos, ou brinquedos no local correspondente. Também neste momento têm espaço para a sua higiene.

É após estes instantes que as crianças se sentam nos seus lugares para dar início às atividades.

1.4.4 Horário

Quadro 6 - Horário semanal da faixa etária dos 5 anos

Bibe Azul A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30-10.00	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e escrita
10.00-10.30					Matemática
10.30-11.00	RECREIO	RECREIO	Educação Física	RECREIO	Educação Física
11.00-11.30	Informática/ Biblioteca	Matemática - material	RECREIO	Matemática	RECREIO
11.30-12.00		Matemática - escrita	Educação Musical 11.35-12.05	Conhecimento Mundo	Conhecimento Mundo
12.00	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.00	Matemática - material	Conhecimento Mundo	Matemática - material	Desenho/Pintura	Inglês 14h 30/15h 20
15.00-15.30	Dobragens/Fitas	Pintura/Modelagem		Lenga-lenga/Destra. Lin.	
15.30-16.00	Matemática - escrita	Desenho de série	Dobragens/Fitas	Matemática - escrit	
16.00-16.30	Desenho/Pintura	Dramatização	Dramatização	Desenho/Pintura	
16.30	LANCHE				
17.00	SAÍDA				

Educadora (Horário sujeito a Alterações)

1.4.5 Relatos diários

09 de março de 2012

A sexta-feira, no jardim-escola, na sala dos cinco anos, é um dia repleto de atividades, tais como: informática, biblioteca e inglês. Esta manhã foi ainda marcada pela presença dos pais.

Na sala de aula, a manhã foi dedicada ao material Tangram. A educadora introduziu este material através de uma lenda que conta que as peças do tangram são pedaços do espelho mágico de uma princesa, que se partiu e que as crianças vão ajudar a reconstruir. Com este material a educadora explorou conteúdos como: cálculo mental, formas geométricas e tamanhos. Como atividade concretizaram a representação da casa em simultâneo com o exemplo da educadora que a realizou no quadro com peças maiores. No final desta atividade pintaram a imagem das peças, recortaram e colaram de forma a representar a construção aprendida.

Depois do recreio trabalharam na área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e nesta realizaram uma ficha que continha duas frases para leitura, recorte de palavras, reconstrução de frases e correspondência de palavras a imagens.

Na parte da tarde terminaram trabalhos e tiveram aula de inglês.

Inferências/fundamentações:

Ao contrário do que relatei no dia 28 de outubro, na faixa etária dos 3 anos, as crianças deste grupo contaram, quase todas, com a presença dos pais e encaram-no de uma forma completamente diferente, decerto porque a maturidade já permite ver este dia como possibilidade para “brilhar” perante os pais. Constatei que todos queriam responder às questões da educadora, que todos queriam fazer as atividades e quando respondiam olhavam sempre para os pais, como que em “jeito” de aprovação e os pais também estavam muito interessados em auxiliar os seus filhos.

Oliveira (2010) refere a importância da família na vida escolar das crianças afirmando o seguinte:

(...) é incontestável a influência da família e em particular dos pais, no rendimento escolar dos filhos, através das múltiplas relações afetivas que criam o ‘clima familiar’ e dos estilos educativos parentais (com mais ou menos amor e mais ou menos autoridade), (...). (p. 236)

Reis (2008a), acredita que:

(...) o desenvolvimento da criança é fortemente condicionado pelos dois principais contextos em que esta cresce e se desenvolve – a Família e a Escola. Desta forma é importante que os dois grupos se consciencializem de que o trabalho em comum, desenvolvido adequadamente, pode conduzir a resultados positivos para a Família, para os professores e principalmente para os alunos. (p. 47)

Assim, ressalvo mais uma vez a importância da estratégia utilizada pelos jardins-escola e pelas educadoras no incentivo a esta aproximação.

Na introdução ao material tangram, a educadora utilizou uma forma lúdica de o fazer, contando uma lenda e dando assim um objetivo às crianças, ajudar a princesa a reconstruir o seu espelho. Como esta, existem outras lendas que são contadas às crianças na utilização deste material.

Esta estratégia facilita a concentração da atenção das crianças, pois ficam interessadas em ouvir a lenda e no final por ajudar na reconstrução do espelho, que vão aprendendo, que pode ter várias formas, representar vários desenhos, neste caso,

reconstruíram o espelho em forma de casa. Afinal, está tudo na imaginação de cada um, no imaginário que se pretende alcançar quando se conta uma história ou uma lenda, onde tudo é possível desde que a nossa imaginação assim o permita.

16 de março de 2012

Nas vésperas do dia do pai e com o presente praticamente pronto, faltava executar o embrulho. Para este a educadora optou por sacos de papel fechados com rafia e parte da manhã foi dedicada ao desenho das crianças nos respectivos sacos para a colocação da caneca já decorada.

No momento seguinte iniciaram uma ficha no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita que consistia no preenchimento de um texto lacunar, associação de palavras e frases a imagens.

Inferências/fundamentações:

Da pesquisa que fiz é coerente que o dia dos pais nasceu na antiga Babilônia, há mais de 4 mil anos. Um jovem chamado Elmesu moldou em argila o primeiro cartão. Desejava sorte, saúde e longa vida a seu pai. Nos Estados Unidos, Sonora Louise Smart Dood, filha do veterano da guerra civil, John Bruce Dood, criou o Dia dos Pais em 1909, depois de ouvir um sermão dedicado às mães e, como já tinha perdido a sua e viu o seu pai a criar os filhos sozinho, decidiu que devia criar este dia para mostrar o orgulho que tinha no seu pai. Depois de enviar este pedido para algumas entidades, viu o dia do pai ser comemorado pela primeira vez no dia 19 de junho de 1910 nos Estados Unidos e assim se foi propagando e oficializando pelo mundo. Como é claro para todos, tanto este dia como o dia da mãe, existe para homenagear os pais e é importante que as crianças façam algum trabalho na escola para que possam demonstrar este carinho pelos pais. Para estes também é muito bom ter algo feito pelos filhos que demonstre o carinho que nutrem por si.

É fundamental que, para além do presente, seja explicado às crianças o objetivo de fazerem o mesmo, pois com certeza passará a fazer muito mais sentido a atividade que desenvolvem e o sentimento com que irão oferecer também será sentido de forma diferente.

23 de março de 2012

Para este dia programei uma manhã de atividades abrangendo duas áreas, na Expressão e Comunicação: o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática e a área de Conhecimento do Mundo. Para o primeiro domínio referido li o livro intitulado “O Nabo Gigante” do qual selecionei algumas palavras que fiz em cartões para serem lidas pelas crianças. Após a leitura das mesmas construíram algumas frases com as ditas palavras. Alguns alunos foram ao quadro construir as frases e todos escreveram no lugar, pois era um dos exercícios da ficha de trabalho que entreguei para este domínio. (Anexo 2)

Na área de Conhecimento do Mundo apresentei alguns legumes e conversámos sobre as características destes e os cuidados de higiene que devemos ter com os alimentos. No final, com a ajuda dos alunos, simulámos a confeção de uma sopa. Infelizmente, por motivos profissionais, não pude estar presente da parte da tarde onde daria lugar à aula de matemática. Desta forma ficou adiada para o dia 04 de abril, apesar de o jardim-escola estar a funcionar em roulement, seria a única data possível para o fazer antes de uma aula programada pelas orientadoras da prática pedagógica.

Inferências/fundamentações:

Como apreciação das aulas que dei neste dia a educadora referiu que precisava de ser mais dinâmica na dinamização da cartilha, que precisava de mais prática para que fosse mais fluente o auxílio às crianças, assim como, a forma como coloquei as questões.

04 de abril de 2012

Este foi o dia reservado para dar a minha aula em falta. Como a educadora me permitiu ocupar toda a manhã, dei a aula de matemática e aproveitei a época da Páscoa para concretizar uma atividade de expressão plástica sobre a mesma. No domínio da Matemática explorei o material estruturado blocos lógicos, fazendo referência à aprendizagem de tabelas de dupla entrada. Entreguei uma peça dos blocos lógicos a cada criança e desenhei no quadro uma tabela de dupla entrada, com

indicações dos atributos das peças e coloquei uma cruz nos atributos que pretendia. As crianças tinham que fazer a leitura da tabela e quem tivesse a peça correspondente levantava-a. Utilizando o mesmo exercício pedi a alguns alunos que fossem ao quadro preencher a tabela, dando assim indicação aos colegas das características das peças a serem levantadas.

A atividade de expressão plástica consistiu na pintura de um desenho que, depois de recortado, dobrado e colado pelas respectivas extremidades, formou um cesto de papel, o qual eu enchi com um pouco de rafia e ovos de chocolate para as crianças levarem para casa.

Inferências/fundamentações:

Quanto à minha prestação, durante a aula no domínio da Matemática, a educadora referiu que a estratégia que escolhi não foi a mais adequada, pois enquanto identificavam a peça por mim solicitada só se interessavam aqueles que correspondiam e os outros acabavam por se desconcentrar. Como sugestão a educadora referiu que deveria ter dado mais do que uma peça aos alunos e fazer exercícios de forma a permitir a participação de um maior número de crianças.

13 de abril de 2012

Os primeiros sessenta minutos deste dia foram destinados à avaliação das aulas que dei nas duas áreas de conteúdo. O tema primordial de todas estas era a pirâmide alimentar. Perante isto organizei as atividades da seguinte forma: Estimulação à Leitura e à Escrita – leitura de um texto sobre a pirâmide alimentar com suporte PowerPoint e exploração de um texto lacunar que era um resumo do texto lido em formato de livro que teria que ser completado pelas crianças, colando as palavras que estavam num envelope e que foram lidas no quadro. Para a área de Conhecimento do Mundo projetei a imagem de uma pirâmide alimentar e conversei com as crianças sobre a mesma. O domínio da Matemática foi dedicado ao material Cuisenaire com o qual explorei um “itinerário” relacionado com o tema.

Mais tarde houve a reunião para discutir a prestação de todas as alunas que foram avaliadas neste dia.

Da parte da tarde a educadora permitiu-me realizar uma atividade que não foi possível concretizar no período destinado à área de Conhecimento do Mundo.

Consistia na construção de uma pirâmide alimentar, com base em imagens e alguns alimentos que fui retirando de uma caixa para que estes identificassem e colocassem no local correto da pirâmide.

No final do dia a educadora realizou um ditado gráfico.

Inferências/fundamentações:

O ditado gráfico torna-se importante para o desenvolvimento de diversas competências, sejam elas a lateralização, a concentração e a aquisição de linguagem.

Para Lopes (2006):

(...) a criança compreende a utilidade da escrita podendo descobrir semelhanças e diferenças nos aspetos gráficos e sonoros, estabelecendo relações entre o que se ouve e o que se escreve, percebendo que cada palavra ouvida corresponde a uma mancha gráfica, descobrindo elementos comuns em várias palavras e podendo aprender a direccionalidade da escrita. (p. 76)

e segundo, as OCPEPE (1997):

Não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, complementando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite narrar uma história ou representar os momentos de um acontecimento (...). (p. 69)

Na realização desta atividade as crianças demonstraram muita concentração e empenho, tentando acompanhar e desempenhar a tarefa o melhor possível.

20 de abril de 2012

As crianças iniciaram as atividades deste dia corrigindo os trabalhos do dia anterior. De seguida tiveram a hora da biblioteca onde falaram de elementos paratextuais e ouviram uma história intitulada “O segredo da Laura” do autor Klaus Baumgart. A educadora optou por apagar as luzes durante a leitura. Quando terminou as crianças fizeram um desenho sobre a mesma.

Terminado este tempo, a educadora da sala levou as crianças a saltarem um pouco e darem uma volta no espaço exterior, enquanto cantavam uma canção. Quando regressaram à sala dei uma aula surpresa na área de Expressão e Comunicação, no domínio da Matemática com o material – 3.º e 4.º Dons de Froebel.

A educadora indicou duas construções e solicitou-me uma à minha escolha. Desta forma, realizei as seguintes construções: mobília da sala, escadaria e mobília de quarto e perante estas construções, coloquei algumas situações problemáticas, onde puderam desenvolver o cálculo mental.

Inferências/fundamentações:

Neste dia, realço a importância da hora da biblioteca, onde as crianças estiveram a ouvir uma história. Considero este bloco de tempo muito importante para as crianças do pré-escolar, principalmente se for fortemente explorado, pois existem diversas atividades lúdicas, de estímulo à leitura que podem ser enquadradas neste contexto, tais como, a visita a bibliotecas, a escolha de livros na mesma, atividades de leitura promovidas pelas próprias bibliotecas. Este foi o único dia onde estive presente neste tempo, mas sei que normalmente esta hora é realizada num espaço que a escola instituiu de biblioteca, onde acredito serem feitas diversas atividades com o objetivo de criar leitores.

Magalhães (2008) afirma que, “quanto mais tempo [as crianças] passam a escutar histórias, mais favorecido é o treino da concentração” (p. 63). Esta autora refere ainda, que ouvir contar ou ler contos “pode ajudar a construir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas (literárias ou não)” (p. 63).

Diniz (1993) “Numa sociedade de cultura predominantemente escrita, como a nossa, é pelo livro que a criança tem ocasião de se encontrar com as suas “raízes””. (p. 55)

Para a mesma autora:

“O conto de expressão oral, sobretudo o “maravilhoso”, quer na sua forma oral quer tenha sido fixado pela escrita, além de divertir a criança e de desenvolver a imaginação, proporciona-lhe experiências que a vão pôr em contacto com os seus problemas reais. (...) O conto fornece-lhe modelos para os seus conflitos de momento.” (p. 55)

Por estes motivos é imprescindível que se fomentem momentos de promoção da leitura às crianças, formas de estímulo diferentes, variadas, para que se criem leitores e para que as crianças desfrutem de momentos maravilhosos e não os considerem aborrecidos.

Antes do início da minha aula surpresa, a educadora fez um retorno à calma, deixando que as crianças se movimentassem um pouco e cantando todos uma canção, este momento é importante para que as crianças tenham a capacidade de se concentrarem novamente para atividade seguinte.

Diniz (1993) refere que:

A cantilena, com a sua liberdade ao nível dos jogos e das associações, com a sua atmosfera estranha e fantástica, introduz a criança no seu mundo próprio. Ela precisa deste tipo de jogos que funcionam como uma pausa, que a ajudam a organizar as suas tensões de modo a ficar disponível para se concentrar em seguida. (p.74)

Como comentários à minha aula a educadora referiu negativamente o facto das questões feitas não terem um grande grau de dificuldade e a gestão do tempo, pois não consegui fazer a última proposta que era a elaboração de alguns exercícios escritos. Como aspetos positivos referiu a minha calma na condução da aula, a atitude firme na repreensão de um aluno que não estava a realizar o que eu solicitava.

27 de abril de 2012

No decorrer deste dia, a minha colega da sala do lado e eu, focamo-nos na elaboração do material necessário para a realização do presente do dia da mãe. Para concretizar este trabalho estive na sala da outra turma.

Nesta sala, a educadora esteve, com o grupo, a realizar os cartões para juntar ao presente, para o qual precisaram fazer uma cópia. Terminou a manhã com a exploração de blocos lógicos, fazendo exercícios de formação de conjuntos, e dando indicações de maior, igual ou menor, entre dois conjuntos.

A tarde foi passada no museu, onde se deu lugar a uma reunião do estágio profissional para termos conhecimento das nossas avaliações referentes ao último momento de estágio.

Inferências/fundamentações:

Os Blocos lógicos são um material manipulativo muito apelativo pelas diferentes cores e formas. Moreira e Oliveira (2005) defendem que a manipulação de materiais ajuda as crianças “no desenvolvimento das capacidades de discriminação e memória visual e constância perceptual. Pode ainda auxiliar no desenvolvimento da ideia de sequência e de simbolização”. (p. 99)

Para Caldeira (2009a) este material pretende “fomentar habilidades específicas de raciocínio lógico, e que propomos sob a forma de jogos de lógica, devem ser realizadas com materiais manipulativos, entre as quais os blocos lógicos” (p.364).

Ainda para esta autora estes “exercitam a lógica. A sua função principal é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação”. (pp.368-369)

Mendes (2009) corrobora, dizendo que “o trabalho com os Blocos Lógicos em atividades, exigem a manipulação, construção e representação de objetos estruturados, auxilia o desenvolvimento de habilidades de descrição e memória visual, sequência e simbolização” (p. 46)

No contexto da aula relatada, estes foram uma mais-valia para o desenvolvimento da correspondência, classificação e simbolização.

1.5 Secção V – Faixa Etária – 4 anos

1.5.1 Caracterização do grupo

Este grupo de crianças é composto por 29 crianças, sendo que 17 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

1.5.2 Caracterização da sala

Neste jardim-escola, a sala destinada ao grupo dos 4 anos é o salão, os dois grupos estão divididos por um pequeno biombo.

Em cada uma das partes existem armários para o material de cada um dos grupos e para a exposição dos trabalhos têm um placar comum e um individual.

Neste espaço existem três janelas, uma entrada para o jardim-escola e dá acesso ao refeitório, em cada lateral do salão estão as salas do 1.º ano do ensino básico.

Olds, Papalia e Feldman (2001) referem que:

(...) um bom jardim-de-infância é geralmente considerado como sendo aquele que estimula o desenvolvimento das crianças em todos os domínios - físico, social, emocional e cognitivo - através da interacção activa com educadores, outras crianças e materiais cuidadosamente escolhidos. (p. 340).

1.5.3 Rotinas

Este grupo de crianças inicia o seu dia na roda que se forma no salão ou no exterior do jardim-escola, com todas as valências, desde o ensino pré-escolar ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, a estes juntam-se todas as educadoras e professoras para cantarem canções.

O grupo dos 4 anos é o último a sair da roda, porque como a sala destes é o salão só depois de todos os outros grupos entrarem nas salas é que este pode ocupar a sua.

Iniciando-se as atividades, a educadora tem por norma iniciar o dia com o domínio da Matemática, descrito no horário que se segue como iniciação à Matemática, por ser a forma como o jardim-escola designa esta área de conhecimento. A meio da manhã interrompem as atividades para brincarem um pouco e comerem bolachas ou pão.

Este grupo tem que deixar a sua sala um pouco mais cedo do que os outros porque esta tem que ser preparada para os almoços e nesse espaço de tempo a educadora opta por contar uma história, dizer algumas lengalengas, fazer jogos ou outras atividades mais lúdicas. Antes e depois do almoço dão lugar à higiene. Seguidamente vão para o recreio que dependo das condições climatéricas ou se realiza no exterior ou no ginásio.

Da parte da tarde, quando regressam à sala realizam atividades mais lúdicas, expressão plástica, jogos de mesa ou terminam trabalhos, por vezes no final da tarde vêem um filme.

Depois do lanche fazem a avaliação do comportamento do dia e consoante esta avaliação é registado uma bola encarnada, amarela ou verde, sendo o encarnado sinal de mau comportamento e o verde de bom comportamento. Há sexta-feira é feita uma avaliação da semana, com base nas avaliações diárias e são entregues estrelas de papel a cada um com a cor correspondente ao comportamento da semana.

As crianças encaram este momento com grande seriedade e havendo algumas que fazem críticas rígidas para consigo próprias e, claro o reverso também acontece, há crianças demasiado benevolentes, pois não querem mostrar aos pais uma estrela encarnada ou amarela.

1.5.4 Horário

Quadro 7 - Horário semanal da faixa etária dos 4 anos

Bibe Encarnado A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30-10.00	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Educação Musical	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10.00-10.30	Desenho Série / Grafismos		Desenho Série / Grafismos	Dobragem e colagem	
10.30-11.00	RECREIO	RECREIO	Educação Física	RECREIO	RECREIO
11.00-11.30	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca	RECREIO	Iniciação à Matemática	Estim. à Leitura
11.30-12.00			Estimulação à Leitura		Educação Física
12.00	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.00	Desenho Série / Grafismos	Conhecimento do Mundo	Dramatização / Fantoches	Conhecimento do Mundo	Pintura / Modelagem / Picotagem
15.00-15.30			Trabalho de Grupo		
15.30-16.00	Corte e Colagem	Desenho Livre	Jogos livres	Desenho / Corte / Colagem	Assembleia de Alunos
16.00-16.30	Jogos livres	Jogos livres		Jogos livres	
16.30	LANCHE				
17.00	SAÍDA				

Educadora: (Horário sujeito a Alterações)

1.5.5 Relatos diários

04 de maio de 2012

Este dia foi marcado pela minha apresentação às crianças e pela delas a mim, pois fui pela primeira vez para este grupo.

Feitas as apresentações começaram a realizar uma ficha que consistia na contagem de diversos elementos e a escrita do número no espaço reservado para o efeito, as crianças que ainda não sabiam escrever os algarismos representaram a quantidade através de risquinhos.

No final da manhã ajudei a educadora a embrulhar os presentes do dia da mãe, para que as crianças os levassem no final do dia.

Da parte da tarde brincaram nos computadores e com legos, até que eu lhes contei uma história, intitulada “A Cigarra” de Luísa Ducla Soares.

Inferências/fundamentações:

A ficha de trabalho realizada no domínio da Matemática pretende desenvolver a associação de quantidade ao número, as crianças tinham que contar, por exemplo, imagens de livros e colocar o número correspondente a essa quantidade.

Spodek e Saracho (1998) referem que “as crianças precisam de experiências que as ajudem a associar nomes ou símbolos aos números que eles representam. Elas vêm pouca conexão entre a representação física de um número e a ideia dele” (p. 309)

No entanto, esta ficha revelou-se um pouco difícil para a faixa etária, pois tinha demasiados elementos diferentes e elevadas quantidades, surgiu também a dificuldade, por parte das crianças que ainda não sabiam escrever os números, de como representar as quantidades, a educadora solucionou com o desenho de tracinhos representando a mesma quantidade. Foi uma atividade que necessitou de algum apoio tanto da parte da educadora como da minha.

11 de maio de 2012

A manhã deste dia foi dedicada ao trabalho com o material Cuisenaire, tendo a educadora colocado algumas questões sobre o mesmo, lembrou a ordem crescente e decrescente e, por fim, solicitou a realização das escadas por essas mesmas ordens. Com este exercício concretizado pediu a leitura de ambas as escadas por valores/unidades. Para terminar o trabalho realizaram um itinerário e, seguindo as indicações da educadora, colocaram as peças do Cuisenaire sobre a folha com quadrículas do tamanho das peças, tendo em conta que os valores destas representavam o número de passos. Desta forma fizeram a tartaruga chegar ao lago. No final pintaram o trajeto com as cores correspondentes.

No final da manhã o grupo ouviu uma história ao ar livre.

Durante a tarde brincaram com diferentes materiais, alternando-os entre os grupos de crianças, brincaram com legos, enfiamentos, plasticina e viram alguns livros.

Inferências/fundamentações:

Sobre o material Cuisenaire e o que este pode desenvolver Caldeira (2009a) refere

para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação. (p. 126)

O material Cuisenaire é muito utilizado para realizar itinerários, pode solicitar-se às crianças que encontrem um caminho determinando um número de peças, ou não determinando número de peças, ou indicando quais as peças e em que sentido as deveria colocar para desenhar um determinado trajeto.

As Normas (1991) citadas por Caldeira (2009b) referem que para aprender geometria

as crianças precisam investigar, experimentar e explorar, usando tanto os objectos do quotidiano como outros materiais físicos específicos. Os exercícios, que solicitam das crianças a visualização, o desenho e a comparação de formas em diferentes posições, desenvolvem o sentido espacial. A descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão (p. 290).

Segundo Serrazina e Matos (s/d), “é importante notar que a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora” (p.28).

18 de maio de 2012

Nos últimos dois dias foi possível passar o período de acolhimento no exterior do jardim-escola, onde as crianças podem brincar até que se formem as rodas para cantarem canções.

Já no espaço interior, as atividades começaram pelo domínio da Matemática, explorando o material 3.º e 4.º Dons de Froebel. Construíram, ao longo de uma história contada pela educadora, as seguintes construções: mobília de quarto, escadaria e mobília de sala. Durante as construções realizaram cálculos mentais.

Da parte da tarde desenvolveram um trabalho na área de Expressão e Comunicação: domínio da Expressão Plástica. Este incidiu no recorte de imagens de revistas, na colagem das mesmas e num desenho referente às imagens escolhidas.

Inferências/fundamentações:

A atividade desenvolvida na área de Expressão e Comunicação: Expressão Plástica visa desenvolver a motricidade fina e o sentido estético de cada criança.

As OCEPE (1997) referem que “a educação estética, partindo do contexto educativo da educação pré-escolar, estará presente no contacto com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade” (p. 55)

Nesta turma tive oportunidade de observar que algumas das crianças já tinham uma destreza manual adequada ou superior à esperada na sua faixa etária, no entanto, havia também crianças que não tinham ainda o mesmo nível de destreza, o que dificultava a execução destas atividades. Percebendo-se que nos anos anteriores não devem ter desenvolvido esta capacidade, pois a criança onde este facto era mais acentuado estava a frequentar pela primeira vez o ensino.

O mesmo documento refere que as crianças, aquando da entrada do jardim-escola já têm alguma capacidade de exploração livre de diversos materiais, no entanto, nem todos têm as mesmas oportunidades e é no jardim-escola que todos devem evoluir a partir do nível em que se encontram. (p. 61)

Esta dificuldade é sentida no domínio da Expressão Plástica, porque esta, conforme nos diz as OCEPE “implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 61)

A técnica utilizada neste dia, é comum na educação pré-escolar e é importante que se repita e mesmo que se variem estratégias que visam desenvolver as mesmas competências, no caso a motricidade fina e o sentido estético.

Segundo o documento de orientação referido anteriormente “O desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação pré-escolar.” (p. 61)

As crianças durante estas atividades estão divertidas, pois estas não exigem regras de comportamento tão rígidas e são momentos lúdicos em que as crianças estão mais descontraídas.

Este dia principiou com a ida do grupo de crianças para uma sala no piso inferior. A disposição nesta sala é diferente da que estão habituados, pois no lugar de mesas sextavadas têm mesas de dois lugares, já uma disposição mais aproximada com a que existe no ensino básico.

Iniciaram as atividades no domínio da Matemática, realizando uma ficha de trabalho que consistiu na identificação de algarismos por linhas, tendo em conta o algarismo inicial de cada linha.

Após o intervalo fui surpreendida pela educadora e pela diretora do jardim-escola para dar uma aula no mesmo domínio, utilizando o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel. Realizei duas construções à minha escolha (móvel de quarto e a escadaria), com estas construções criei uma história, para a qual pedi a participação das crianças, para inventarem o nome das personagens, quais os brinquedos, entre outras. Esta história serviu para contextualizar algumas situações problemáticas.

Durante a tarde as crianças concretizaram um trabalho no domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que consistiu na pintura, recorte e colagem da vogal /a/.

Inferências/fundamentações:

Sendo os dons de Froebel utilizados para fazer construções que representam, normalmente, objetos que as crianças conhecem é fácil associar algumas dessas construções ao nosso quotidiano e partir das mesmas criar uma história, que por vezes deve ter a participação das crianças, pois mais uma vez estarão a fazer parte da elaboração da aula dirigida pelo Educador/Professor e estas histórias ligadas às construções têm como objetivo concretizar situações problemáticas, para além de todos os outros conteúdos, capacidades e destrezas desenvolvidas com o manuseamento do referido material.

A participação das crianças neste tipo de situações, assim como em outras ao longo da aprendizagem era enaltecida por Froebel como refere Caldeira (2009a):

Froebel foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo e a atividade lúdica. Para ele, a história contada pela professora deve ser expressa pela criança não somente na sua própria linguagem, mas por meio de canções, representações, figuras ou construção de objectos simples de papel, barro ou outro material. (p. 239)

Com este e outros materiais pretendemos desenvolver determinadas noções matemáticas, mas como já foi referido anteriormente, as crianças no seu dia a dia vão adquirindo certos conhecimentos e noções matemáticas com tudo o que as rodeia e este é mais um motivo para que se valorize esse conhecimento e se transporte para a sala de aula. O facto de aliarmos o material a vivências do quotidiano é também muito importante, pois esse também é o papel da matemática, assim como de outras áreas, até porque o objetivo da aprendizagem é também que se saiba aplicar os conhecimentos adquiridos em situações do dia a dia.

28 de maio de 2012

A manhã iniciou-se com uma conversa sobre o fim de semana.

Iniciando as atividades abordaram o material matemático geoplano, com o qual elaboraram um “itinerário”. Depois de o concretizarem com o material, registaram-no no papel pontado, utilizando os lápis de cor para circundar os passos com elásticos no geoplano.

A tarde foi dedicada à área de Expressão e Comunicação, domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita picotando a vogal /o/ e colando-a numa folha.

Inferências/fundamentações:

As conversas pela manhã são importantes para as crianças, pois estas têm necessidade de se expressar e contar as suas novidades e os acontecimentos que as marcaram, assim como é importante para o desenvolvimento linguístico que seja dado espaço para que estas possam falar livremente, embora respeitando as regras necessárias, porque todos querem falar. Cordeiro (2008) refere:

As crianças reúnem-se no tapete, com a educadora, e aproveita-se o momento, que tem lugar no início da manhã, para dar uma oportunidade de contar as novidades (...) e de desenvolver a memorização. Para além disso, as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação. (p. 371)

29 de maio de 2012

Nesta manhã fui surpreendida pela educadora para realizar uma atividade de estimulação à leitura. Para o efeito a educadora apresentou-me o livro intitulado “A ovelha Carlota”. Antes da leitura falei dos elementos paratextuais, como capa, páginas e contracapa. Depois da leitura da história realizei algumas questões como: quais os animais de que falava a história e fiz perguntas de interpretação. Abordando a área de Conhecimento do Mundo, perguntei, consoante me diziam os animais, a que classes pertenciam, o porquê e que características tinham para essa classificação. Por fim mostrando algumas páginas fiz perguntas do domínio da Matemática, como por exemplo: “Quantas ovelhas estão nesta imagem?” “Se forem embora duas quantas ficam?”

Finalizada a minha atividade, as crianças foram para o recreio e de seguida tiveram informática e biblioteca.

Inferências/fundamentações:

Como comentários à minha atividade a educadora referiu, como aspetos a melhorar, o dinamismo e as inflexões de voz durante a leitura da história, pois as crianças acabaram, a certa altura, por se desinteressarem e a partir daí interrompi diversas vezes a história para repreender algumas crianças.

30 de maio de 2012

A manhã deste dia foi, na sua maioria, dedicada a atividades como aula de música, de cerâmica e de ginástica.

No final da manhã as crianças realizaram uma atividade na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática. Esta consistiu na ligação de pontos por ordem crescente, desde o algarismo um até ao dez. Esta união dos pontos fez com que desenhassem uma estrela e no final procederam à pintura do desenho.

Da parte da tarde a educadora decidiu trabalhar a área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo entregado um texto que já tinha lido e solicitando aos alunos que pintassem a vogal “A” maiúscula e “a” minúscula que encontrassem no texto.

Inferências/fundamentações:

Apesar de não ter assistido a nenhuma aula de cerâmica, por minha opção, pois sendo esta aula com a turma dividida em dois grupos, fiquei sempre com a educadora e o grupo de crianças que ficava consigo, sei que é importante que nestas idades se desenvolvam as capacidades que esta atividade permite desenvolver, como refere Sousa (2003), o barro é um material muito importante nestas idades, pois, “os materiais argilosos permitem ainda à criança o manuseamento de material tridimensional, usando a motricidade dos dedos de modo diferente.” (p. 188) E refere também que através da manipulação do material, a criança entusiasma-se com a sua habilidade para representar o que para ela tem significado (p. 188)

A aula de cerâmica tem ainda um papel importante, na medida, em que ajuda a desenvolver a criatividade de cada um. Este desenvolvimento tem ainda importância na medida em que o método criativo desenvolve e fomenta a aprendizagem. Oliveira (2010) afirma que o educador deve educar com e para a criatividade, que consiste em desenvolver crianças criativas capazes de criar coisas novas. “Assim sendo, a criatividade torna-se a base da educação e um elemento dinamizador da humanidade futura”. O mesmo autor ainda refere que “é necessário educar para a criatividade e em criatividade, nem sempre é fácil praticar essa convicção”. (p. 259)

Assim podemos afirmar que as aulas de cerâmica são, além do desenvolvimento de motricidade, uma forma de desenvolver a criatividade.

31 de maio de 2012

Este foi o dia marcado para a minha manhã de aulas programadas. Iniciei-a com a área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, desenvolvendo a estimulação à leitura e como procedimento optei pelo conto da história, “João e o pé de feijão” utilizando fantoches.

Para a área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática, propus desenvolver conteúdos como cores, conjuntos, estruturação espacial e lateralização, utilizando para isso material não estruturado (flores de cartolina) com diversas cores e com vasos para fazer identificação e seriação por cores. Os exercícios de lateralização e estruturação espacial foram realizados utilizando os vasos e o mobiliário presente na sala.

A área de Conhecimento do Mundo foi dedicada a uma profissão – jardineiro – para esta área conversámos sobre o que é uma profissão e mostrei diversos utensílios necessários à mesma. No final organizei a turma por grupos, coincidentes com a forma como estão organizados nas mesas e as crianças plantaram diferentes flores em alguns vasos que, no final, identificaram com cores, consoante os grupos e expusemos na entrada do jardim-escola.

A educadora permitiu-me aproveitar este dia e o tema das minhas aulas para realizar fichas de trabalho que serviram como objeto ao capítulo de avaliação do presente relatório, estas encontram-se em anexo, estando identificadas e numeradas de 3 a 5.

Inferências/fundamentações:

A utilização dos fantoches é uma forma de cativar a atenção das crianças, uma forma de as ajudar a entrar no mundo imaginário, uma das grandes intenções dos contos, com este material as crianças veem as personagens ganharem vida e é para elas mais fácil verem o reproduzido, minimamente, o que está a ser contado, ao em vez de reproduzirem tudo nas suas cabeças enquanto ouvem alguém contar uma história.

Costa e Baganha (1989) dizem sobre o fantoche: “É para nós evidente que o fantoche, embora sendo um objecto inanimado, torna-se alguém. É esta a grande ilusão que o fantoche provoca, quer naquele que o manipula, quer naquele que o vê viver.” (p.37)

As OCEPE (1997) referem sobre a utilização de fantoches “facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p. 60)

O facto de as crianças ficarem com os vasos expostos na entrada do jardim-escola irá permitir assumir a responsabilidade de cuidar da planta de cada grupo e observar todo o crescimento das plantas.

Para Sá (2002):

As observações são as percepções que fazemos dos objectos e fenómenos através dos sentidos. Observar é, frequentemente, o ponto de partida para a investigação. Saber observar é condição para o desenvolvimento de outros processos científicos, como inferir, comunicar, prever, medir, classificar, etc. (p.92)

Por este motivo se tornam importantes os projetos de sala, de escola, projetos que sejam contínuos em que as crianças possam observar e analisar a evolução de algo, pois irá fomentar o interesse na descoberta e investigação.

01 de junho de 2012

O dia da criança foi fundamentalmente destinado à brincadeira livre. No entanto, houve ainda tempo para a confeção de um salame de chocolate, para relembrar a peça de teatro do natal e para assistir a uma peça de teatro da companhia Bocage, intitulada “A ilha do paraíso”.

Inferências/fundamentações:

Desde cedo que os educadores devem promover idas ao teatro ou como neste caso, “trazer o teatro à escola”, pois desenvolvem diversas competências, tal como refere Cordeiro (2008) a visualização de peças de teatro desenvolve:

(i) a imaginação e a perceção estética; (ii) desenvolve um espírito crítico e analítico; (iii) estimula a capacidade de trabalhar com outros, em equipa; (iv) aumenta e facilita o poder de comunicação; (v) liberta as emoções e ajuda a gerir o *stress* e os sentimentos; (vi) permite um melhor conhecimento de si próprio; (vii) é uma atividade lúdica e recreativa; (viii) pode desvendar talentos relativos à atividade teatral futura. (p. 425)

Assim, este dia foi para as crianças, divertido e lúdico, não esquecendo, como todas as atividades desenvolvidas no jardim-escola, o objetivo de desenvolver diversas competências.

08 de junho de 2012

Este foi um dia diferente para as crianças, pois sendo um dia que se sucedeu a um feriado e que antecedeu um fim de semana as educadoras estiveram em regime de roulement.

A educadora decidiu começar o dia com o conto de uma história a partir da qual as crianças realizaram um desenho. Seguidamente jogaram, de forma orientada, o jogo das cadeiras e, posteriormente brincaram livremente no exterior.

Inferências/fundamentações:

O jogo é importante no desenvolvimento das crianças, é necessário haver espaço para estes momentos durante o tempo em que as crianças estão no jardim-escola. Segundo David (2001):

O Jogo/Brincar revela a existência de mecanismos psicológicos essenciais desenvolvimento da criança. Mecanismos que só ela pode activar, tal como referem as modernas teorias da educação, que centram a aprendizagem no aprendiz. Numerosos educadores traçam uma educação natural, atribuindo ao jogo valores de auto-educação, construídos pela própria natureza. (p. 15)

O facto do jogo ser orientado pela educadora e ser vigiado é igualmente importante, porque as crianças desenvolvem o que foi anteriormente referido e estão a ser observados pela educadora. Para o mesmo autor “É importante que os educadores saibam observar os jogos das crianças. Estes dão-lhes pistas sobre a própria criança, o modo como esta se apropria do mundo e a noção que tem deste.” (p. 15)

No entanto, também a brincadeira livre é importante, pois na idade pré-escolar é importante que as crianças tenham oportunidade para os seus momentos de “faz de conta” e de partilha. Olds, Papalia e Feldmand (2001) referem no contexto do jogo cognitivo a seguinte evolução:

O jogo de faz-de-conta é uma das categorias de jogo identificadas por Piaget como um sinal de desenvolvimento cognitivo. As crianças progredem de um jogo repetitivo simples, envolvendo movimentos musculares (como fazer rolar uma bola), para três formas progressivamente mais complexas: jogo de construção (construir uma torre de blocos), depois jogo de faz-de-conta (brincar aos médicos) e jogos formais com regras (jogo da macaca e berlindes) (p. 366)

Para Cordeiro (2008) as crianças dos 2 aos 4 anos entram numa idade do faz-de-conta, surgindo a chamada “função semiótica”, esta função permite falar, desenhar e dramatizar. Nesta fase acentua-se a fantasia. O autor afirma que:

A capacidade de a criança conseguir transformar um objecto tão simples, como uma anódina caixa, em coisas tão complexas, como um carro, um avião ou um comboio, imitando os seus sons, os seus movimentos e as suas características, é uma aquisição muito importante, porque o desejo se pode transformar em realidade, através das imagens mentais. (p. 34)

Assim e por toda a importância que o brincar tem na infância, refiro como muito importante os momentos em que se permite que as crianças brinquem livremente podendo explorar todas as fases do jogo referidas anteriormente.

15 de junho de 2012

A meio da manhã deste dia fui surpreendida pela diretora do jardim-escola. Solicitou-me que continuasse a aula que a educadora tinha iniciado. Perante este pedido continuei a realizar situações problemáticas com base numa história que a educadora já tinha contado e fiz a representação das operações no quadro, com algarismos móveis.

Inferências/fundamentações:

Quanto à minha prestação nesta aula começo por referir que as crianças estiveram muito tempo a ter aula de domínio da Matemática, pois já faltava pouco para a educadora terminar o seu tempo e eu ainda dei cerca de 20 minutos de aula. Pelo que percebi alguma agitação nas crianças e perdi muito tempo a solicitar silêncio, a repreender, a retirar material para que não brincassem com o mesmo.

As críticas que ouvi quanto a este tempo de aula foi a facilidade de exercícios e a agitação das crianças, conseqüentemente, o tempo perdido na repreensão.

22 de junho de 2012

Neste dia a educadora utilizou uma estratégia diferente para a estimulação à leitura tendo entregado o livro “Os três porquinhos”, conhecido pelas crianças e pedido a uma destas que contasse a história para os colegas.

Inferências/fundamentações:

Foi interessante ver o entusiasmo manifestado pela grande maioria das crianças para ser escolhido para desempenhar a tarefa. Esta é uma atividade importante para as crianças, desenvolve diversas capacidades como a criatividade, a imaginação, a memória e é mais uma forma de estimular o gosto pela leitura, pois apesar de ainda não terem competências de leitores, saberem decifrar um texto, através das imagens, da memória e imaginação conseguem contar a história.

As OCEPE (1997) referem sobre formas de leitura o seguinte:

Se a decifração do texto escrito cabe ao educador, há formas de “leitura” que podem ser realizadas pelas crianças, como interpretar imagens ou gravuras de um livro ou de qualquer outro texto, descrever gravuras, inventar pequenas legendas, organizar sequências... (p. 71)

Poslaniec (2006) fortifica esta afirmação referindo que:

as crianças não têm necessidade de saber ler para ler livros ilustrados. Podem descobrir, sozinhas, as imagens, e com o adulto, o texto. Habitua-se assim aos livros, ao prazer de relacionar o álbum com o seu imaginário; descobrem o gosto da leitura, antes mesmo de se confrontarem com a difícil aprendizagem da descodificação. (p. 139)

Esta foi uma experiência que poucas vezes observei como atividade de sala de aula, para que todos vissem, já a tinha observado, mas por iniciativa das crianças, quando tinham espaços de tempo destinados à exploração de livros, em que os manuseavam livremente, contavam a história para si ou para os colegas mais próximos ou mesmo para as estagiárias.

Capítulo 2- Planificações

2.1 Descrição do capítulo

Este capítulo será organizado em duas partes: a primeira pretende uma fundamentação teórica geral onde se pretende explicar o que é planificar e para que serve. Abordarei ainda algumas das diferentes planificações possíveis e por último pretendo demonstrar o desenho de planificações pelo modelo T de aprendizagem.

A segunda parte deste capítulo dará lugar a três planos de aula correspondentes a aulas programadas que lecionei durante o estágio profissional nas diferentes faixas etárias. Apresentarei um plano de aula na área de Conhecimento do Mundo destinado à faixa etária dos 3 anos, outro será na área da Expressão e Comunicação no domínio da Matemática destinado à faixa etária dos 4 anos e para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita o plano apresentado destina-se à faixa etária dos 5 anos.

2.2 Fundamentação teórica

A planificação pretende ser uma forma para atingir determinadas finalidades, tendo um objetivo a concretizar. Trata-se de redigir a forma como se deverá atuar para o alcançar, servindo também como uma organização de pensamento, permitindo que exista sempre um “fio condutor” no decorrer das atividades.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) dizem-nos o seguinte sobre planear: “Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização”. (p. 26)

Para Escudero (1982) citado por Zabalza (2000) planificar trata-se de:

Prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47- 48)

Sendo, no entanto, necessário saber contornar a planificação no caso de surgir algo inesperado.

As planificações devem ter em conta o grupo a que se dirigem, os interesses destes e o que será suficientemente motivador para cada ser individual. Tendo sempre em conta que estes tanto podem estar motivados para conseguir alcançar os

resultados previstos como podem desmotivar por não conseguirem atingir o que esperam destes.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) dizem ainda sobre este tema o seguinte: “Cabe, assim, ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança (...) acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de auto-estima”. (p. 26)

Para uma melhor adequação das planificações, ou seja, das estratégias às crianças é necessário um grande conhecimento das mesmas enquanto grupo e individualmente, este conhecimento só se consegue através da observação, esta é uma peça fundamental na educação.

Ludovico (2007) cita as OCEPE (1997) afirmando que:

(...) observar cada criança e o grupo em geral é uma prática necessária para conhecer as capacidades, interesses e dificuldades das crianças, de modo a adequar o processo educativo às suas necessidades numa perspectiva de diferenciação pedagógica. A observação constitui, na educação pré-escolar, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo. (p. 47)

As planificações são pensadas em função das crianças e de forma a enriquecer o conhecimento destas. No entanto, também são muito importantes para os docentes, porque eleva a confiança no trabalho que se vai executar, esta confiança acaba por se ligar à ansiedade. Se estivermos confiantes na preparação que temos, automaticamente conseguimos reduzir a ansiedade que poderá existir no caso de chegarmos ao momento de lecionar e não termos previamente definido o que iremos realizar e o que irá ser desenvolvido.

Clark e Yinger (1979) questionaram alguns docentes quanto ao porquê de planificarem e Zabalza (2000) cita as categorias de respostas dadas, sendo uma delas a seguinte: “para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.” (p. 48)

Os planos que irei apresentar de seguida, elaborados para aula que dei no decorrer do estágio profissional I e II, foram baseados no Modelo T de aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez (s/d). Este modelo designa-se desta forma porque o seu formato é de um T na secção de conteúdos concretos e procedimentos/ métodos, assim como, nas competências (capacidades - destrezas e valores – atitudes) e foi o modelo adotado.

A planificação por nós elaborada é uma adaptação do que é descrito como o desenho curricular de aula por Martiniano Pérez (s/d), pois nós elaboramos planos

para aulas com a duração de 20 ou 30 minutos, não para meses ou um ano. Este autor defende o seguinte: “Um desenho Curricular de Aula consta de programações ou planificações largas (um curso ou ano escolar) e curtas (mínimo três, máximo seis por ano ou curso)”. (p. 38)

O mesmo autor defende ainda que a primeira programação referida anteriormente deve conter quatro passos fundamentais: a avaliação inicial, o modelo T de área ou disciplina, os modelos T de unidade de aprendizagem e a avaliação de objetivos. Esta visa desenvolver:

(..) o currículo na aula ao longo de um curso escolar, sequenciando no mesmo capacidades – destrezas, valores – atitudes, conteúdos e métodos/procedimentos. Respeita a teoria cultural e curricular subjacente e é coerente com os modelos de aprendizagem científicos, construtivo e significativo. (p. 39)

A segunda programação deve conter: os objetivos fundamentais por capacidades, os conteúdos significativos, as atividades como estratégias de aprendizagem e a avaliação por objetivos. Pérez (s/d) refere ainda sobre o modelo:

O Modelo T de unidade de aprendizagem e portanto o título e a temporalização são os mesmos. A sua pretensão fundamental é articular e sequenciar os conteúdos da perspectiva da arquitectura do conhecimento, elaborar actividade como estratégias de aprendizagem e avaliar conteúdos e métodos em função dos objetivos. (p. 41)

Quadro 8 - Exemplo do formato da planificação segundo o modelo T de aprendizagem

Conteúdos concetuais	Procedimentos / Métodos
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes

Para Pérez (s/d) “As unidades de aprendizagem ou blocos de conteúdo integrados no modelo T de área ou disciplina desenvolvem-se de uma maneira mais detalhada e sequenciada em modelos T concretos”. (p. 40)

2.3 Planificação na Área de Conhecimento do Mundo

Conforme se pode ver no quadro 8, a primeira planificação que apresento é na área de Conhecimento do Mundo e foi concretizada no grupo de 3 anos (bibe amarelo).

Quadro 9 - Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

Duração: 20 minutos

<i>Conteúdos Concetuais</i>		<i>Procedimentos/Métodos</i>	
<p><i>Partes do Corpo Humano:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Cabeça</i> • <i>Tronco</i> • <i>Membros superiores</i> • <i>Membros inferiores</i> 		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a boneca Matilde. • Pedir a colaboração das crianças para construir um puzzle, que retrata as diferentes partes do corpo humano. Consoante as peças que as crianças vão retirando, explorar essa parte do corpo, questionando-as sobre o nome da parte do corpo que está representada naquela peça e para que serve. • Jogar – Tocar nas diferentes partes do corpo humano, inicialmente por imitação e posteriormente ouvindo apenas o seu nome. • Terminar a atividade com uma música que fala nas partes do corpo humano. 	
<i>Capacidades-Destrezas</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Valores - Atitudes</i>	
Associar <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer • Dialogar 	Conviver <ul style="list-style-type: none"> • Participar • Cooperar 		
<i>Material</i>			
Boneca Goma Eva			

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem. (este plano pode estar sujeito a alterações)

Como consta da planificação os temas abordados para explorar a área de Conhecimento do Mundo foram algumas das partes do corpo humano, como a cabeça, o tronco, os membros superiores e inferiores.

2.1.1 Fundamentação teórica

A área em referência é muito importante no currículo do ensino pré-escolar, porque pretende responder a todas as curiosidades e porquês que as crianças nestas idades têm necessidade de perceber e conversar sobre as mesmas.

Nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997) é referido:

A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes. (p. 79)

O corpo humano, tema desenvolvido na aula em análise, é uma curiosidade própria desta faixa etária, momento em que começam a descobrir o seu corpo e que pretendem perceber como tudo acontece e esta exploração é importante, porque a perceção do próprio corpo é a base para o seu envolvimento com o mundo e para as mais diversas aprendizagens.

Ajuriaguerra (1981) citado por Fonseca (2005) explica que:

a evolução da criança é sinónimo de consciencialização e de conhecimento cada vez mais profundo do seu corpo, ou seja, do seu eu total. É com o corpo, diz-nos este autor, que a criança elabora todas as suas experiências vitais e organiza a sua personalidade única, total e evolutiva. (p. 104)

Desta forma fica claro a importância que tem nesta faixa etária a iniciação da perceção dos membros que constituem o seu corpo e as OCEPE (1997) acrescentam ainda que

o corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem. (p. 58)

Quanto menor é a faixa etária das crianças a quem dirigimos uma atividade mais a devemos pensar de forma lúdica e apelativa, pois a capacidade de concentração da atenção das crianças de 3 anos de idade é ainda muito reduzida.

Por este motivo levei como suporte para à aula uma boneca de pano que me auxiliou na concentração das crianças, pois foi através desta que solicitei a atividade,

alegando que a boneca “Matilde” precisava da ajuda de todas as crianças para consertar uma boneca sua e assim identificaram e reconstruíram as partes do corpo a serem trabalhadas.

Como consolidação da aprendizagem das partes do corpo e associação ao seu próprio corpo, realizei um jogo que consistia no toque, por parte das crianças, nas partes do corpo que eu referia.

As OCEPE (1997) defendem que:

A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior. (p. 58)

Com a atividade proposta algumas crianças pensaram primeiro o seu corpo para que esquematizassem posteriormente e corretamente as partes do corpo da boneca, tendo assim desenvolvido a consciência do próprio corpo e do outro.

2.2 Planificação na Área de Expressão e Comunicação. Domínio da Matemática

Quadro 10 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Duração: 30 minutos

<i>Conteúdos Concetuais</i>		<i>Procedimentos/Métodos</i>	
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Conjuntos</i> • <i>Lateralização</i> • <i>Estruturação Espacial</i> 		<ul style="list-style-type: none"> • Realizar contagem e cálculo mental. • Distribuir flores de papel por vasos. Estes têm uma cor associada e a distribuição tem que ser feita tendo em conta a indicação da cor e da quantidade. • Concretizar exercícios de lateralização e estruturação espacial utilizando os vasos e o mobiliário da sala. • Através de uma pequena história concretizar situações problemáticas recorrendo às flores e aos vasos. 	
<i>Capacidades - Destrezas</i>		<i>Objetivos</i>	<i>Valores - Atitudes</i>
Associar <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer • Dialogar 		Conviver <ul style="list-style-type: none"> • Participar • Cooperar 	
<i>Material</i>			
Flores Vasos			

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem.

(este plano pode estar sujeito a alterações)

Como se pode observar no quadro anterior os conteúdos que me propus desenvolver no domínio da matemática foram: cores, lateralização e estruturação espacial.

2.2.1 Fundamentação teórica

Utilizando material não estruturado realizei alguns exercícios de contagem e de cálculo mental simples.

As OCEPE (1997) referem quanto ao material matemático que “A diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática”. (p. 76)

Ao formarem conjuntos, pois tinham que agrupar as flores de papel nos vasos com o critério da cor, desenvolver a aprendizagem das mesmas.

Esta atividade permite às crianças encontrarem princípios lógicos que lhes permite realizar classificações e o mesmo documento refere que “agrupar os objetos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto”. (p. 74) é uma das bases para a classificação.

Por último colocaram estes vasos em locais da sala por mim indicados, desenvolvendo a identificação da direita / esquerda (o vaso do lado direito/esquerdo do piano), em cima/em baixo (da mesa). As OCEPE (1997) dizem-nos:

É a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objetos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo. Esta exploração do espaço permite-lhe ainda reconhecer e representar diferentes formas que progressivamente aprenderá a diferenciar e nomear. (p. 73)

A relevância do desenvolvimento das estruturações espaciais pode por vezes ser menosprezada, no entanto é de extrema importância para que a criança consiga situar-se, orientar-se no espaço e no tempo, são capacidades que serão necessárias no dia a dia durante toda a vida e em qualquer circunstância. Moreira e Oliveira (2003), são da opinião que “é preciso também introduzir atividades que permitam o desenvolvimento da orientação espacial, o que implica proporcionar experiências que privilegiam relações ligadas à orientação, à direção (...)” (p. 97)

2.3 Planificação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

O quadro que se segue mostra a planificação de uma aula dirigida a crianças de 5 anos, explorando a área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 11 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita

Duração: 50 minutos

<i>Conteúdos Conceituais</i>		<i>Procedimentos/Métodos</i>	
<p align="center">• <i>Estimulação à Leitura e à Escrita</i></p>		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar um livro de Trish Cooke intitulado “Tanto, Tanto!”. • Explorar alguns elementos paratextuais. • Ler a história e em simultâneo pedir a participação das crianças, pedir que digam em simultâneo algumas frases, visto ser um texto que se repete. • Utilizar como modelo duas palavras retiradas da história e, fazendo, referência às regras da cartilha lê-las. Utilizar letras móveis para reproduzir as palavras, em seguida formar outras utilizando as letras destas. 	
		<i>Capacidades - Destrezas</i>	<i>Objetivos</i>
Expressão Oral e Escrita: <ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário • Expressar Ideias 		Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Aceitar 	
<i>Material</i>			
Livro: “Tanto, Tanto!” Cartões com palavras; Letras móveis.			

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem.

(este plano pode estar sujeito a alterações)

A programação de atividades que se podem ver no quadro anterior foi realizada com um grupo de crianças de 5 anos e tinha como objetivo a estimulação à leitura e à escrita.

2.3.1 Fundamentação teórica

O início desta manhã de aulas deu lugar à apresentação do livro “Tanto! Tanto!” com o qual explorei alguns elementos paratextuais (capa, páginas e contracapa). Para Lopes (2006),

É muito importante referir expressamente o nome do livro, o autor e eventualmente a editora. Deve de igual modo deixar-se claro para as crianças o que é a “capa”, a “contracapa” e que elementos contêm, tal como o ponto em que o livro se inicia e termina. (p. 68)

Antes de iniciar a leitura acendi uma vela e coloquei no centro do semicírculo para criar um ambiente intimista e aconchegante. O bem-estar das crianças durante a leitura de um texto é muito importante.

Magalhães (2008) refere que “é ainda necessário a existência quer de um espaço apropriado (com algum conforto, luminosidade adequada, com silêncio), quer evidentemente de recursos materiais”. (p. 58)

Esta história foi contada com alguma participação das crianças, pois era propícia a esse exercício por haver sempre uma frase final por página que se repetia e, portanto, as crianças foram-na dizendo no decorrer do conto.

Segundo Lopes (2006) “Ler para as crianças, constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos pró-leitores”. (p.64)

As OCEPE (1997) dizem-nos sobre o livro “O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética”. (p. 70)

Já com as crianças nos respetivos lugares trabalhei a estimulação à escrita. Tendo duas palavras que retirei do texto utilizei-as como modelo para a leitura, a necessidade de duas palavras distintas deveu-se ao fato de respeitar o ritmo individual de cada criança. Para Curto et al. (2000) citados por Ruivo (2009)

Cada um tem o seu ritmo, a sua experiência prévia distinta, o seu tipo de motivação frente à escolaridade, o seu nível de adaptação à situação escolar. As situações que propomos na aula nem supõem e nem exigem que todos os alunos respondam no mesmo nível /.../ e ninguém se sente angustiado com uma tarefa impossível. (p. 135)

Após a leitura das palavras entreguei letras móveis a todas as crianças e com estas copiaram a palavra do quadro.

Como exercício final solicitei às crianças que, a partir da palavra que tinham, formulassem outras.

Este exercício é uma técnica de consolidação, sendo uma estratégia que cativa a atenção dos alunos, pois não estão a trabalhar no formato tradicional de se limitarem a copiarem para o papel o que aprenderam.

Ruivo (2009) “Devemos ler preparando bem a leitura, usando o flanelógrafo para fazer exercícios de consolidação. Por exemplo escrever com letras móveis a palavra lida”. (p. 158)

Ainda para esta autora este é um material didático com grande valor pedagógico, porque permite construir e desconstruir palavras quer sejam ditadas ou copiadas. (p. 353)

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

3.1 Descrição do capítulo

Este capítulo pretende explicar e fundamentar os métodos de avaliação e a importância dos mesmos. Dividir-se-á em três áreas distintas, a primeira referirá a avaliação na Área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; o seguinte será na área de Conhecimento do Mundo e a última divisão será destinada à área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática.

3.2 Enquadramento teórico

A Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 (de 10 de outubro) diz-nos que “A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa que implica procedimentos adequados à especificidade da actividade educativa no Jardim-de-infância”.

Para Caldeira (2009b) “podemos afirmar que a finalidade da avaliação em educação infantil deve ser global, contínua e formativa”. (p. 127)

A avaliação é necessária em qualquer nível de ensino, pois esta não deve ser vista de forma negativa, mas sim como construtiva e motivadora para conseguirmos alcançar melhores resultados.

Como nos referem Pais e Monteiro (2002) “encaramos a avaliação como um meio e não como um fim, com o objectivo de melhorar e regular progressivamente os processos e os produtos do ensino e da aprendizagem”. (p. 12)

A Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 (de 11 de abril) refere “A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p. 1)

Pais e Monteiro (2002) corroboram o citado anteriormente quando referem que o despacho normativo 338/93 diz sobre a avaliação o seguinte: “A avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo” (p. 43)

Discutindo avaliação é incontornável referir que existem três tipos de avaliação distintos, a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. No ensino pré-escolar apenas se utilizam duas destas – diagnóstica e formativa. No entanto começarei por fazer uma breve descrição do que é considerado para cada uma das avaliações.

A avaliação diagnóstica pretende perceber o conhecimento já adquirido pelas crianças, tanto a nível individual como coletivo. Esta é uma avaliação um pouco

direcionada para o início do ano letivo, pois é a fase inicial para o educador e para as crianças, sendo útil perceber quais os conhecimentos que estas já adquiriram e quais os seus interesses, no entanto é possível realizá-la ao longo do ano letivo quando está a par com a avaliação formativa.

Citando ainda a referida circular “A avaliação diagnóstica pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa, de forma a permitir a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica”. (p. 4).

Ferreira (2007) refere o seguinte:

Daí que a principal finalidade da avaliação diagnóstica consista em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. (p. 24)

A avaliação formativa prende-se com a evolução da criança e do grupo, devendo o educador observar e perceber quais os progressos e as dificuldades das crianças de forma a reajustar as suas ações às necessidades do grupo e assim fazer com que as ultrapassem e progridam.

Segundo as OCEPE (1997) “Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”. (p. 27)

Neste sentido a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 (de 11 de abril) refere que “A avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador”. (p. 2) Isto porque é através desta avaliação que o educador pode avaliar o sucesso das suas estratégias e com isso melhorar as aprendizagens do aluno.

Para Ferreira (2007) a avaliação formativa tem uma função de “regulação das actividades de ensino e de aprendizagem (...) para a sua adequação às características, ritmos, necessidades e dificuldades/erros diagnosticados no aluno durante o seu percurso de aprendizagem”. (pp. 27-28)

A avaliação sumativa tem lugar no final de uma meta de estudos, seja ela de um trimestre, semestre ou ano. Para Ferreira (2007) esta avaliação “realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem – quer se trate de um trimestre, de um semestre, de um ano ou ciclo de estudos”. (p. 30) Esta é feita de forma quantitativa se refletida por um número ou qualitativa se traduzida em palavras como Muito Bom, Bom, Satisfaz, Não Satisfaz, entre outras. O mesmo autor refere ainda sobre esta avaliação “Exprime-se quantitativamente, pela atribuição de uma nota num determinado ponto de escala de classificação (...) também por certas expressões

qualitativas utilizadas pelo professor”. (p. 31) Esta avaliação tem como objetivo demonstrar ao aluno quais foram os resultados que este alcançou nas diversas áreas no final de um ciclo de estudos, podendo assim perceber se atingiu os objetivos necessários à transição do ano letivo. Esta avaliação é normalmente constatada através de testes ou exames.

3.3 Avaliação da atividade na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta área foi avaliada numa aula que realizei no grupo de crianças dos 4 anos, onde encenei um teatro de fantoches e coloquei questões sobre as personagens representadas pelos fantoches. Posteriormente concretizaram uma ficha onde, interagindo com parte da história, realizaram grafismos.

3.3.1 Descrição dos parâmetros e critérios

Realização de grafismos: Com este exercício pretende-se que a criança realize uma linha direita sobre o tracejado apresentado.

Para esta avaliação estabeleci os seguintes critérios:

- Realiza corretamente todas as linhas de grafismo.
- Realiza corretamente de cinco a seis linhas de grafismo.
- Realiza corretamente de três a quatro linhas de grafismo.
- Realiza corretamente de uma a duas linhas de grafismo.
- Não realiza corretamente nenhuma das linhas de grafismo.

Motricidade fina: Com este parâmetro pretende-se que a criança pinte dentro dos contornos. Imputando os seguintes critérios:

- Pinta respeitando os contornos da imagem.
- Não pinta respeitando os contornos da imagem.

Quadro 12 - Parâmetros e Critérios de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Noção de grafismos	Realiza corretamente todas as linhas de grafismo.	8	8valores
	Realiza corretamente de cinco a seis linhas de grafismo.	6	
	Realiza corretamente de três a quatro linhas de grafismo.	4	
	Realiza corretamente de uma a duas linhas de grafismo	2	
	Não realiza corretamente nenhuma das linhas de grafismo.	0	
2. Motricidade fina	Pinta respeitando os contornos da imagem.	2	2valores
	Não pinta respeitando os contornos da imagem.	0	
Total			10 valores

Quadro 13 - Grelha de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1	2	Total
Cotações	8	2	10
Alunos			
1	8	2	10
2	8	1,5	9,5
3	8	2	10
4	8	2	10
5	6	1,5	7,5
6	8	2	10
7	8	1,5	9,5
8	8	1,5	9,5
9	8	2	10
10	Faltou		
11	8	2	10
12	8	2	10
13	8	2	10
14	8	2	10
15	6	1,5	7,5
16	8	2	10
17	8	1,5	9,5
18	6	1,5	7,5
19	8	2	10
20	8	2	10
21	Faltou		
22	8	2	10
23	8	2	10
24	8	1,5	9,5
25	8	1,5	9,5
26	6	2	8
27	6	0	6
28	8	2	10
29	Faltou		
Média Aritmética			9,37

Para uma fácil leitura dos resultados obtidos na avaliação referida anteriormente, traduzo os elementos da tabela em gráfico. Sendo que esta se rege pela escala de Likert.

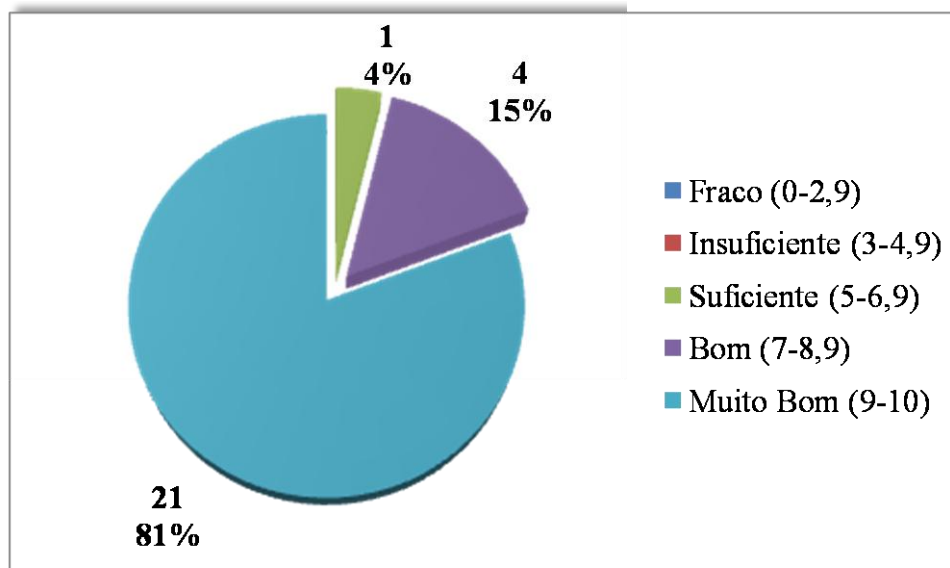


Figura 4 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quanto aos resultados obtidos na área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita podemos constatar que uma (4%) das crianças obteve o resultado Suficiente, quatro (15%) o resultado Bom e vinte e uma (81%) alcançaram o Muito Bom.

3.4 Avaliação da atividade na área de Conhecimento do Mundo

Para trabalhar esta área, realizei uma aula prática, onde as crianças virão e tocaram utensílios necessários à profissão apresentada, assim como, vivenciaram uma plantação, para avaliação utilizei uma ficha de trabalho para constatar os conhecimentos adquiridos.

3.4.1 Descrição dos parâmetros e critérios

Identificação dos utensílios necessários à profissão apresentada: Neste exercício pretende-se que a criança identifique corretamente os utensílios

apresentados como necessários à profissão da jardinagem, esta identificação deve ser feita através de pintura.

Como critérios de avaliação selecionei os seguintes:

- Identifica corretamente todos os utensílios.
- Identifica corretamente dois dos utensílios.
- Identifica corretamente um dos utensílios.
- Não identifica corretamente nenhum dos utensílios.
-

Identificação das funções da profissão: Este exercício prende-se com a identificação de algumas das funções a serem desempenhadas pelos jardineiros, esta identificação deverá ser feita através da ligação de imagens.

Para este exercício selecionei os seguintes critérios de avaliação:

- Liga corretamente todas as funções.
- Liga corretamente uma das funções.
- Não identifica corretamente nenhuma das funções.
-

Identificação dos passos necessários a uma plantação: Esta questão tem como objetivo perceber se as crianças assimilaram os passos necessários para se poder plantar algo. Este exercício deverá ser respondido ordenando três imagens que demonstram os episódios necessários para se plantar.

Como critérios de avaliação para este exercício terei em conta os seguintes:

- Enumera corretamente todos os passos.
- Enumera corretamente dois dos passos.
- Enumera corretamente um dos passos.
- Não enumera corretamente nenhum dos passos.

Quadro 14 - Parâmetros e Critérios de Avaliação na área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Identificação dos utensílios necessários à profissão	Identifica corretamente todos os utensílios.	3	3 valores
	Identifica corretamente dois dos utensílios.	2	
	Identifica corretamente um dos utensílios.	1	
	Não identifica corretamente nenhum dos utensílios.	0	
2. Identificação da função do jardineiro	Liga corretamente todas as funções.	3	3 valores
	Liga corretamente uma das funções.	2	
	Não identifica corretamente nenhuma das funções.	0	
3. Identificação das etapas necessárias a uma plantação	Enumera corretamente todos os passos.	4	4 valores
	Enumera corretamente dois dos passos.	3	
	Enumera corretamente um dos passos.	2	
	Não enumera corretamente nenhum dos passos.	0	
Total			10 valores

Quadro 15 - Grelha de Avaliação da área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1	2	3	Total
Cotações	3	3	4	10
Alunos				
1	3	3	4	10
2	3	3	2	8
3	3	3	4	10
4	3	3	4	10
5	3	3	4	10
6	3	3	4	10
7	3	3	2	8
8	3	3	4	10
9	3	3	4	10
10	Faltou			
11	3	2	0	5
12	3	3	4	10
13	3	2	2	7
14	3	3	0	6
15	3	2	2	7
16	3	3	2	8
17	3	3	2	8
18	3	3	2	8
19	3	3	4	10
20	3	3	2	8
21	Faltou			
22	3	2	0	5
23	3	3	2	8
24	3	3	2	8
25	3	3	4	10
26	3	3	4	10
27	3	3	2	8
28	3	3	0	6
29	Faltou			
Média Aritmética				8,38

Para uma percepção rápida e eficaz dos resultados obtidos pelas crianças na avaliação da área de Conhecimento do Mundo explano um gráfico representativo das classificações.

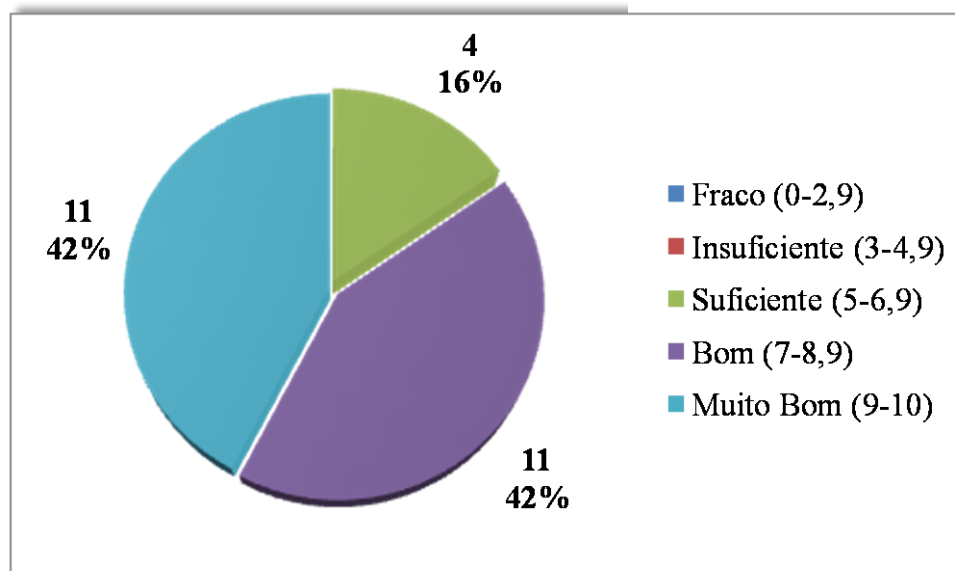


Figura 5 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na área de Conhecimento do Mundo

A atividade proposta para a Área de Conhecimento do Mundo gerou resultados menos concentrados, não houve uma percentagem tão grande na classificação mais alta. De qualquer forma todas as crianças conseguiram realizar a atividade proposta de forma positiva. Havendo assim quatro (16%) crianças com a classificação de Suficiente, onze (42%) crianças obtiveram o Bom e outras onze (42%) classificaram-se com Muito Bom.

3.5 Avaliação da atividade Área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática

Na mesma aula, logo com crianças da mesma idade, realizei atividades para desenvolver a aprendizagem da formação de conjuntos, da estruturação espacial e lateralização, no decorrer desta utilizei material não estruturado (vasos, flores e a mobília da sala). Para avaliação da aquisição dos conhecimentos neste domínio realizei uma ficha onde revêm alguns dos exercícios realizados durante a aula.

3.5.1 Descrição dos parâmetros e critérios

Formação de conjuntos: pretende-se que a criança forme dois conjuntos, desenhando flores e tendo como critério para esta formulação a cor.

Para esta avaliação estabeleci os seguintes critérios:

- Formou corretamente os dois conjuntos.
- Formou corretamente um dos conjuntos.
- Não formou corretamente nenhum dos conjuntos.

Estruturação espacial e lateralização: neste parâmetro pretende-se que a criança identifique corretamente a localização das flores. Utilizando os seguintes critérios:

- Identifica corretamente a localização das flores.
- Não identifica corretamente a localização de uma das flores.
- Não identifica corretamente nenhuma das localizações das flores.

Noção de número e de quantidade: Pretende-se que a criança identifique o número e a quantidade que este representa, desenhando corretamente o número de flores solicitado pela legenda. Atribuindo os seguintes critérios:

- Representa corretamente toda a legenda.
- Representa corretamente as quantidades da legenda.
- Representa corretamente as cores da legenda.
- Representa corretamente uma das quantidades da legenda.
- Representa corretamente uma das cores da legenda.
- Não representa corretamente as quantidades da legenda.

Quadro 16- Parâmetros e Critérios de Avaliação na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Formação de conjuntos	Formou corretamente os dois conjuntos.	3	3
	Formou corretamente um dos conjuntos.	1,5	
	Não formou corretamente nenhum dos conjuntos.	0	
2. Estruturação espacial e lateralização	Identifica corretamente a localização das flores.	3	3 valores
	Não identifica corretamente a localização de uma das flores.	1,5	
	Não identifica corretamente nenhuma das localizações das flores.	0	
3. Noção de número e de quantidade	Representa corretamente toda a legenda.	4	4 valores
	Representa corretamente as quantidades da legenda.	2	
	Representa corretamente uma das quantidades da legenda.	1	
	Representa corretamente as cores da legenda.	2	
	Representa corretamente uma das cores da legenda.	1	
	Não representa corretamente a legenda.	0	
Total			10 valores

**Quadro 17 - Grelha de Avaliação do na área de Expressão e Comunicação:
domínio da Matemática**

Parâmetros	1	2	3	Total
Cotações	3	3	4	10
Alunos				
1	3	3	4	10
2	3	3	3	9
3	3	3	3	9
4	3	3	4	10
5	3	3	4	10
6	3	3	4	10
7	3	3	4	10
8	3	3	4	10
9	1,5	1,5	4	7
10	Faltou			
11	3	3	4	10
12	3	3	4	10
13	3	3	4	10
14	3	3	3	9
15	1,5	3	2	6,5
16	3	3	4	10
17	3	3	4	10
18	3	3	4	10
19	3	3	3	9
20	3	3	4	10
21	Faltou			
22	3	3	4	10
23	3	3	4	10
24	3	3	4	10
25	3	3	4	10
26	3	3	4	10
27	3	0	0	3
28	0	1,5	4	5,5
29	Faltou			
Média Aritmética				9,38

As avaliações no domínio da matemática podem ser facilmente interpretadas visualizando o gráfico que se segue.

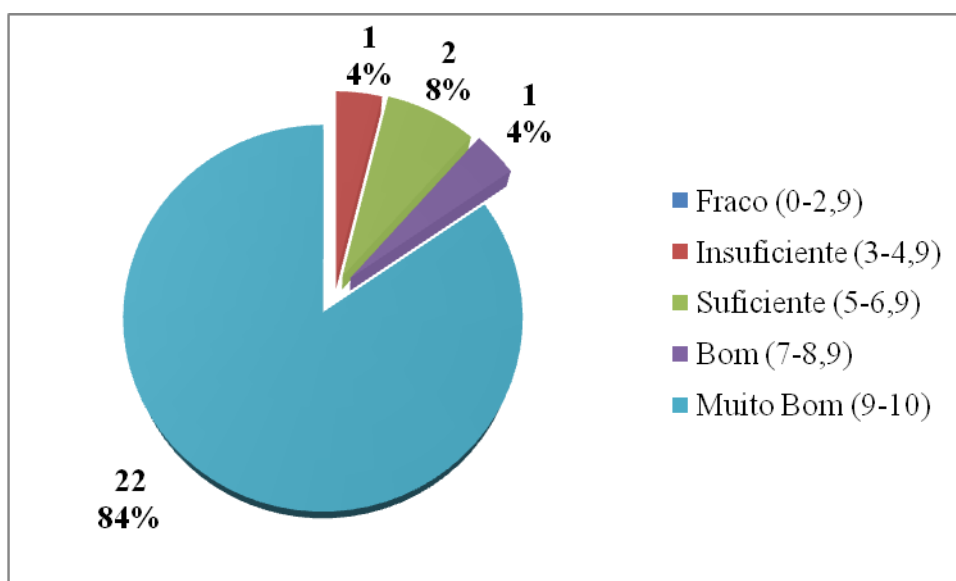


Figura 6 - Gráfico qualitativo e percentual da proposta da atividade na área de Expressão e Comunicação: domínio da Matemática

Como podemos observar nos resultados do gráfico, a grande maioria das crianças conseguiu executar a atividade proposta, sendo que uma (4%) destas obteve o resultado de Insuficiente, duas (8%) o resultado suficiente, uma (4%) alcançou o Bom e as vinte e duas (84%) restantes conseguiram ter a classificação de Muito Bom.

Reflexões Finais

1. Considerações Finais

Nesta fase do relatório de estágio irei refletir sobre alguns aspetos já referidos, como a importância do estágio profissional e a forma como este influenciou a minha vida académica e pessoal. Constatarei quais as limitações com que me deparei ao longo do estágio profissional, assim como, na execução do presente relatório.

Tal como já referi em capítulos anteriores a unidade curricular “Estágio Profissional I e II” é muito importante, apesar de para um trabalhador-estudante ser difícil conseguir realizá-la e de inicialmente lhe parecer incomportável esta realização. É ao longo da mesma que se percebe o porquê da Escola Superior ser tão imperativa na frequência desta unidade, pois é com esta que conseguimos realmente perceber a grandeza, os fatores positivos e negativos desta profissão. Por vezes podemos conceber uma ideia errada do que é ser educador ou professor e ir para este curso com uma ideia errada, porque nos dizem que temos “jeito” para crianças, porque “gostamos” muito de crianças, porque lhes queremos dar carinho. Esta profissão é muito mais, estes são critérios úteis e necessários, mas que não chegam. Ser educador é mais grandioso, enfrentamos diferentes papéis, de certa forma, acabamos por ser pais, somos atores, somos confidentes, somos quem ensina, temos que estar preparados para diferentes realidades, diferentes personalidades, somos ainda um modelo que adoram imitar, o que dá uma responsabilidade enorme a um educador ou professor. É uma profissão exigente, mas gratificante quando encarada com os valores certos.

Para Cortez (1995), “a escolha da profissão docente poderá traduzir uma forma de realização pessoal, correspondendo a sistemas de valores individuais e/ou representações de outras profissões e da vida social circundante.” (p. 89).

No entanto, e para mim, não pode ser docente quem quer, não pode ser docente quem pensa na remuneração, ou no horário laboral, ou quem não tem disponibilidade para dar e receber, mas sim quem tem vocação, quem pensa nas crianças antes de pensar na profissão e do que daí pode advir. Só assim se encara a desvalorização social que tem existido com a profissão docente, sem deixar afetar a competência profissional, porque é feita a pensar nas crianças.

Para salientar esta ideia, Braga da Cruz (1988), citado por Cortez (1995) refere no seu estudo que “(...) a maioria dos docentes refere a vocação como principal razão de ingresso nesta profissão (...)”. (p. 90)

Esta desvalorização social que se tem sentido e o que se diz da profissão faz parecer que é uma atividade fácil, até mesmo porque existe a expressão “entreter as crianças”, muito aplicada às funções de um educador e esta não é de todo verdade:

somos responsáveis pelo desenvolvimento pessoal, social, cognitivo, motor, por todas as aprendizagens iniciais das crianças que entram nas salas dos jardins-escola.

Segundo Carrolo (1997),

(...) ao contrário do que vulgarmente se pensa, que ser professor é fácil e qualquer um o pode fazer, nós sustentámos que esta profissão é altamente complexa e especializada, não só quanto ao seu saber profissional específico e à forma como é avaliada a sua legitimação, como quanto ao seu processo de formação/socialização inicial. (p. 30)

Cada vez mais os educadores/professores têm que se “moldar” à sociedade em que vivemos, da qual fazem parte diversas diferenças culturais e estas estão cada vez mais presentes nas escolas. O que implica diversas formas de estar, diversas personalidades, diversos tipos de educação, algo com que os docentes têm que lidar e ultrapassar, sendo capazes de encontrar formas variadas de o fazer. Estas resoluções têm que ter sempre como objetivo fundamental a aprendizagem de todos os alunos.

Segundo Alarcão e Tavares (2003):

a actividade de docente é essencialmente uma actividade de resolução de problemas, quer ela se situe a nível da motivação a utilizar, quer de conteúdo a apresentar e da forma de o apresentar ou avaliar, quer da maneira de envolver nas actividades os alunos perturbadores. (p. 27)

O estágio profissional permite-nos assimilar e ver a realidade, este é um dos motivos pelo qual é tão importante: afinal estão a preparar-se futuros profissionais da docência, pessoas que vão ser responsáveis pelas primeiras aprendizagens das crianças e pelas mesmas, é importante garantir que se formam pessoas capazes.

Para Formosinho (2002) a prática pedagógica é:

[...] uma fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz. (p. 53)

A possibilidade de reflexão sobre as escolhas e desempenho que os estagiários fazem é importante para uma preparação futura, não interessa apenas fazer, dizerem-nos o que está certo ou errado mas sermos preparados para uma autocorreção, sabermos avaliar se as estratégias utilizadas foram as mais corretas, o que poderia ter sido melhorado, se algo não foi demasiado esclarecedor para as crianças, o que podemos alterar para que a aprendizagem seja alcançada pela criança.

Na perspectiva de Serrazina (2002), “o principal objectivo deve ser o de os professores serem capazes de reflectir na e sobre a sua prática para descobrir, criticar e modificar os modelos, esquemas e crenças subjacentes à mesma”. (p. 13)

Só assim se conseguirá preparar alunos capazes, refletindo para uma prática cada vez mais ajustada a cada grupo, a cada criança.

Assim, Leitão e Alarcão (2006), consideram que: “um perfil de professor que dê respostas aos desafios que se colocam à sociedade de hoje e que prepare a sociedade de amanhã”. (p. 67)

Também Freire (1997) analisa a importância de se refletir sobre a prática docente, afirmando que: “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (p. 22)

A elaboração deste relatório de estágio permite também essa reflexão, que apesar de conseguida ao longo de todos os momentos de avaliação e observação, aqui a reflexão é mais profunda, pela pesquisa bibliográfica que nos ajuda a perceber e contextualizar algumas situações do dia a dia dos jardins-escola. Esta deve ser uma preocupação de um educador ou professor, pesquisar e procurar saber sempre mais, principalmente aquilo que nos permite perceber atitudes e comportamentos das crianças.

Alarcão e Tavares (2003) referem que só através da prática, “o professor terá um papel ativo e poderá libertar-se progressivamente do supervisor e dar garantias de que continuará a desenvolver-se quando a presença do supervisor desaparecer.” (p. 27)

Quero ainda referir quanto ao meu percurso na realização do estágio profissional I e II que foi interessante a oportunidade de estagiar em dois jardins-escola que, apesar de utilizarem o mesmo método, têm sempre aspetos diferentes, até porque as pessoas é que fazem os lugares e o próprio espaço faz com que existam variáveis que diferenciam uma experiência e a outra. Não considero nenhuma melhor do que a outra, mas foram diferentes. Este paralelismo em termos de observação de aulas é difícil de fazer, porque estive em circunstâncias consideravelmente diferentes: na faixa etária dos 5 anos do primeiro jardim-escola onde estagiei vi muito mais atividades, porque realizei um período de estágio mais longo e fiz semanas intensivas, o que me proporcionou mais oportunidades para ver e explorar diferentes áreas curriculares; contrariamente no segundo jardim-escola onde estagiei, estive pouquíssimo tempo e o dia de estágio que tinha era dedicado, em grande parte, a atividades como a música, a biblioteca, a informática e, portanto, não houve tantas oportunidades para ver o trabalho em sala de aula com a educadora titular. A docente

foi incansável a tentar demonstrar-me o máximo possível, assim como, a disponibilizar-me toda a informação que eu precisei, para que pudesse estar preparada para as aulas que iria dirigir naquele grupo.

Ainda comparativamente o que constatei como maior diferença foi a dinâmica dos jardins-escola devido à diferença de instalações, visto que num existe refeitório e noutra é utilizado o salão para esse efeito, o que implica que o grupo de 4 anos saia mais cedo da sua sala para que se possam preparar as mesas para as refeições. Ainda neste sentido refiro, também, a passagem de pessoas pelo salão durante todo o dia e a dimensão do espaço que exige um maior esforço vocal por parte das educadoras, assim como, alguma coordenação para que ambas as turmas consigam fazer aprendizagens num ambiente silencioso. De facto, as salas divididas ou individuais são uma mais-valia.

Como em todas as circunstâncias da vida, não sendo os momentos de estágio profissional e da realização deste relatório exceção, existiram aspetos positivos e aspetos menos positivos não querendo deixar de os referir.

Positivamente não posso deixar de enaltecer toda a disponibilidade demonstrada pelas educadoras e pelas orientadoras da prática pedagógica, pois sempre estiveram disponíveis para ouvirem as minhas dúvidas, para que eu pudesse expor as minhas ideias de atividades para as minhas aulas, assim como, sempre me aconselharam, corrigiram e refletiram comigo.

A observação de métodos de trabalho diferentes que me permitiram um conhecimento mais diversificado de práticas educativas com as quais aprendi e que espero reproduzir, à minha maneira, no meu futuro profissional. Porque é isso que se pretende do estágio profissional, que nos ensine a ser e não apenas a copiar um modelo.

Severino (2007) cita Alarcão (1991) referindo como principal objetivo da prática orientada "(...) uma iniciação à profissão, não se pretende que seja – é preciso dizê-lo – uma imitação do mestre, mas um espaço de verificação de alternativas possíveis para a agir em situação" (p. 44) "e de um progressivo "sentir-se" educador ou professor". Severino (2007, p.44)

A experiência inigualável de trabalhar com crianças, de ouvir todas as sabedorias, partilhar todos os carinhos e, claro, ouvir os seus "disparates".

Como aspetos menos positivos tenho a salientar algumas áreas que gostava de ter visto mais exploradas, como o Conhecimento do Mundo que poucas foram as atividades que vi. Os sentidos foram muito explorados na faixa etária dos 3 anos mas nas restantes foram poucas as matérias que vi serem trabalhadas. Ao longo dos meus

relatos é possível constatar que grande parte das atividades observadas nesta área foram as da minha colega de estágio e as minhas. Penso que este facto se deve ao dia de estágio semanal em que realizei a prática, sendo um fator menos positivo no meu estágio profissional. Nesta sequência é também na criação de leitores, na leitura de histórias que sinto uma maior fragilidade no que toca à visualização dessas atividades, pois grande parte das histórias que ouvi ler tinham o intuito de desenvolver alguma competência. Retirando uma ou duas ocasiões não observei nenhum tempo dedicado à leitura por si só, num ambiente propício a momentos prazerosos, de imaginação e sem a obrigação de uma atividade final sobre a mesma, permitindo que as crianças reflitam para si mesmas.

2. Limitações

Quanto à elaboração deste relatório deparei-me com algumas limitações, a que sinto ter sido a mais prejudicial foi o encerramento das instalações da Escola Superior de Educação, às 18h nos períodos não letivos, este fator condicionou a minha pesquisa na biblioteca da mesma, fez com que não cumprisse os prazos de entrega dos livros requisitados e que não tivesse um espaço de trabalho e de pesquisa adequado, visto também as bibliotecas municipais cumprirem horários incompatíveis com trabalhadores estudantes, conseqüentemente sinto que o meu relatório tem poucas fundamentações teóricas, em parte, fruto desta incompatibilidade.

Sendo este um trabalho fruto de muitas observações e que conseqüentemente exige muitos registos que não devemos fazer durante as observações, sinto que falhei um pouco neste aspeto e que com certeza terão ficado diversas ocasiões por relatar.

3. Novas pesquisas

Se a maioria das profissões exige atualização de conhecimentos, a docência exige uma permanente aprendizagem, uma pesquisa constante, é sempre necessário querer saber mais, conhecer novos métodos, pelo que sei que seja qual for a atividade profissional que venha a exercer, farei sempre por acompanhar o progresso.

No entanto, não posso deixar de referir que o mercado de trabalho não atravessa a sua melhor fase, acentuando-se este fator na docência, e também sei que cada vez mais temos que nos adaptar às situações e aos momentos que vamos vivendo, assim sendo, e como os empregos para a vida já não existem, temos que ser cada vez mais curiosos e polivalentes, não pensando que a nossa formação de base tem que ser aquela em que vamos trabalhar para o resto da vida. Por estes motivos

estou neste momento a realizar formação em recursos humanos, visto que a relação humana está sempre ligada a estas duas formações, de forma muito diferente é claro, mas a essência “toca-se” em alguns pontos.

Uma das pesquisas que gostava de aprofundar é a psicologia infantil, sempre me despertou alguma curiosidade, gostaria de conseguir perceber melhor alguns “mistérios” das crianças, o que me permitiria também ajudá-las em alguns aspetos e desenvolver da melhor forma a profissão – Educadora de Infância.

Referências Bibliográficas

Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras, LDA.

Aguilar, L. F. (2001). *Expressão e educação dramática: guia pedagógico para o 1.º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica - uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Alarcão, I. e Tavares, J. (2007). *Supervisão da Prática Pedagógica*. Coimbra: Edições Almedina, S.A

Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Bogdan e Biklen. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Botelho, A. T. C. P. S (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Caldeira, M. F. (2009b). *A importância dos Materiais para uma Aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Carrolo, C. (1997) "Formação e identidade profissional dos professores". In Estrela M. T. (1997) (Org.) *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, pp. 21-50

Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.

Cortez, M. I. M. G. (1995). *Educar no feminino e no masculino*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Costa, H. (2009). *O supervisor e o desenvolvimento de uma prática pedagógica partilhada*. - Tese de Mestrado. Funchal: Universidade Aberta.

Costa, I. A. E Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Porto: Edições ASA.

Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.

David, M. J. M. (2001). *A Criança e o Jogo*. Tese para obtenção de aprovação à disciplina de Desenvolvimento do Trabalho de Projecto do curso de Orientação Educativa. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Diniz, M. A. S. (1993). "A literatura de expressão oral". In *As fadas não foram à escola*. Porto: ASA; (pp. 45-75)

Ferreira, C. A. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.

Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo, LDA.

Fonseca, V. (2005). *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Lisboa: Âncora Editora.

Formosinho, J. O. (2002). *A supervisão na formação de professores I. Da sala à escola*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leitão, A. & Alarcão, I. (2006). "Para uma nova cultura profissional: uma abordagem da complexidade na formação inicial de professores do 1º CEB". *Revista Portuguesa de Educação* 19 (2). Minho: Universidade do Minho. pp. 51-84

Lopes, J.A. (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância – Manual de Actividades*. Porto: ASA Editores.

Ludovico, O. M. T. A. (2007). *Educação Pré-Escolar: Currículo e supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro

Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder”. In Otilia Sousa & Adriana Cardoso (eds.). (2008) *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.

Magalhães, V. F. (2009). *Sobressalto e espanto, narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras Departamento de Literaturas Românicas.

Mendes, I. A. (2009). *Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para o pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2007). Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar).

Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011. (Avaliação na Educação Pré-Escolar).

Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, D. e Oliveira, I. (2005). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Olds, S. W., Papalia, D. E., e Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill de Portugal.

Oliveira, B. (2010). *Psicologia da educação, vol. 1, aprendizagem-aluno*. Porto: Legis Editora.

Oliveira, B. (2010). *Psicologia da educação. 1º Vol. aprendizagem – aluno*. Porto: Legis Editora.

Pais, A. E Monteiro, M. (2002). *Avaliação – Uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pérez, M. e López, E. D. (2001). *Diseños curriculares de aula. Un modelo de planificación como aprendizaje-enseñanza*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.
- Pérez, M. (s/d). *Desenho Curricular de Aula como Modelo de Aprendizagem – Ensino*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Pires, C. M. (2007). *Educador de Infância - Teorias e práticas*. Porto: Profedições, Lda./Jornal a Página da Educação.
- Poslaniec, C. (2006). *Incentivar o Prazer de Ler. Actividades de leitura para jovens*. Porto: ASA Editores, S.A.
- Post, J. e Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantário, cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, M. P. C. P. (2008a). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Reis, P. R. dos (2008b). *Investigar e descobrir – actividades para a Educação em Ciência nas primeiras idades*. Chamusca, Portugal: Edições Cosmos.
- Ruivo, I. M. S. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. http://casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf
Recuperado em 2012, Novembro.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1.º Ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Porto: Porto Editora.
- Serrazina, L. (2002). *A Formação para o Ensino da Matemática na Educação pré-escolar e no 1.º ciclo de Ensino Básico*. Lisboa: Porto Editora.
- Serrazina, L. e Matos, J. (s/d). *O Geoplano na sala de aula*. Associação de Professores de Matemática.

Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em Educação de Infância: Supervisores e Estilos de Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.

Sherwood, E. A., Williams, R. A. e Rockwell, R. E. (1997). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Portugal: Ministério da Educação.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação, 3º volume – música e artes plásticas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições ASA, S.A.

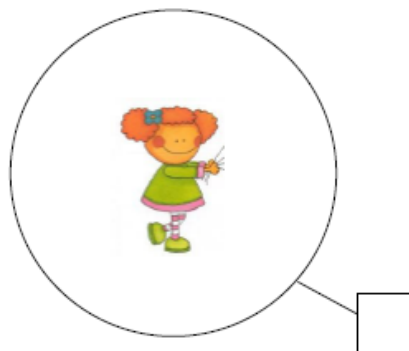
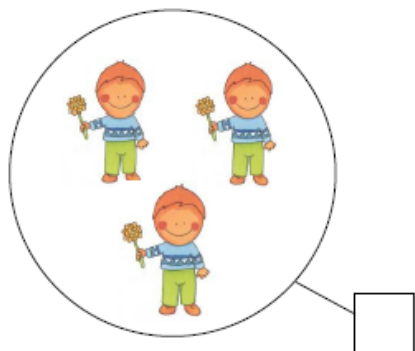
Zabalza, M.A. (1998). *Didáctica da Educação Infantil*. Porto: Edições ASA.

Anexos

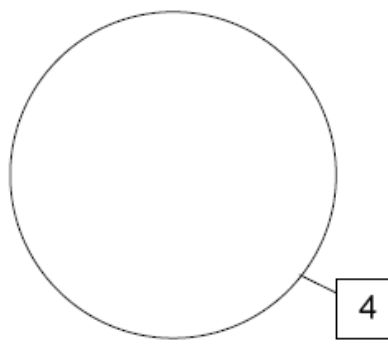
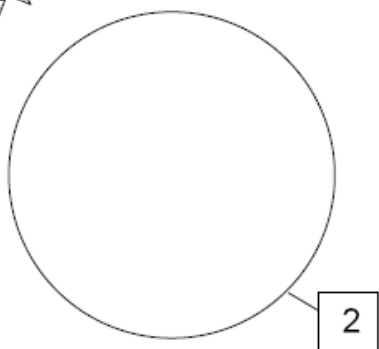
Anexo 1 – Proposta de trabalho para a faixa etária dos 4 anos.

Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

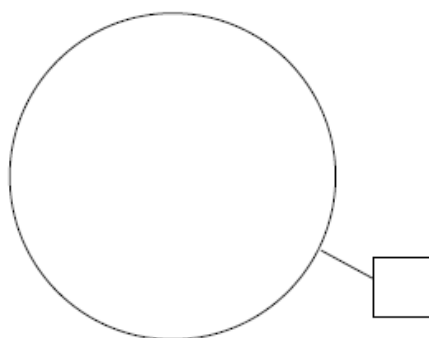
- 1 Preenche a etiqueta com o número correspondente ao número de elementos do conjunto.



- 2 Desenha, no conjunto, o número de elementos indicado na etiqueta.



- 3 Elabora o teu conjunto.



Nome: _____ Data: 29/11/2011

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Dina Aguiar

Anexo 2 – Proposta de trabalho para a faixa etária dos 5 anos.

Área de estimulação à leitura e à escrita

1. Lê as palavras e forma uma frase.

canários

tinham

seis

amarelos.

batatas

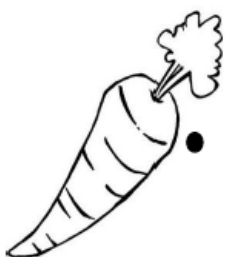
semearam

cenouras,

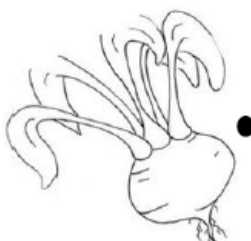
e nabos.

2. Liga a imagem à palavra correspondente.

Pinta as imagens.



- batata
- cenoura
- nabo



- ervilhas
- cenoura
- nabo

3. Pinta as imagens dos legumes.



Nome: _____ Data ____/____/____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Dina Aguiar, nº 2 – MEPE PL

Anexo 3 – Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.

Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1. Ajuda o João a encontrar o caminho para casa. Faz todos os grafismos até lá chegares.

Pinta as imagens a teu gosto.



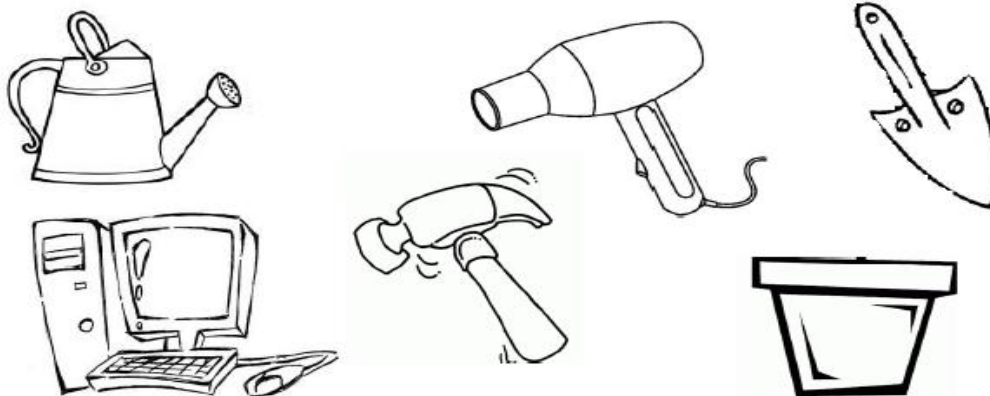
Nome: _____ Data: 31/05/2012

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Dina Aguiar

Anexo 4 – Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.

Área de Conhecimento do Mundo

1. Pinta os utensílios necessários à profissão do jardineiro.



2. Liga as funções do jardineiro ao mesmo.



3. Para plantar algo é necessário realizar vários passos. Enumera as imagens tendo em conta a ordem correta para plantar.



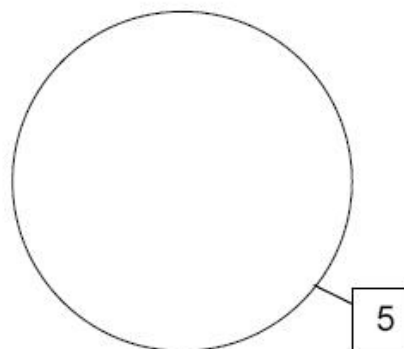
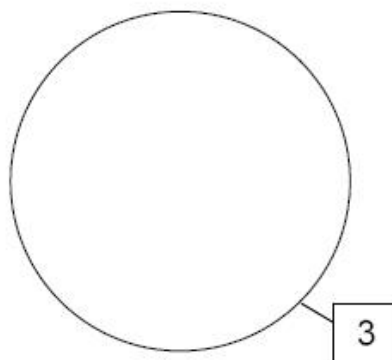
Nome: _____ Data: 31/05/2012

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Dina Aguiar

Anexo 5 – Proposta de trabalho para avaliação da faixa etária dos 4 anos.

Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

1. Desenha, no conjunto, flores correspondentes ao número de elementos indicado na etiqueta e tendo como critério a cor.



2. Circunda a flor que está em cima da mesa. Pinta a flor que está de baixo da mesa.



3. Desenha flores de acordo com a legenda.

Legenda:



Nome: _____ Data: 31/05/2012

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Dina Aguiar